

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Joanna Munhoz Sevaio

**ENTRE BOEMIA E BADERNA -**  
Etnografia das práticas, sociabilidades e controvérsias na e da Cidade Baixa

PORTO ALEGRE

2021

JOANNA MUNHOZ SEVAIO

**ENTRE BOEMIA E BADERNA -**

Etnografia das práticas, sociabilidades e controvérsias na e da Cidade Baixa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo

PORTO ALEGRE  
2021

## CIP - Catalogação na Publicação

Sevaio, Joanna Munhoz

Entre boemia e baderna: etnografia das práticas,  
sociabilidades e controvérsias na e da Cidade Baixa /Joanna  
Munhoz Sevaio. -- 2021.

181 f.

Orientador: Arlei Sander Damo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto  
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Etnografia. 2. Sociabilidades. 3. Rua. 4. Conflito. 5.  
Boemia. I. Damo, Arlei Sander, orient.  
II. Título.

Joanna Munhoz Sevaio

**ENTRE BOEMIA E BADERNA -**

Etnografia das práticas, sociabilidades e controvérsias na e da Cidade Baixa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Aprovada em 10/06/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Arlei Sander Damo – Orientador – UFRGS

---

Profa. Dra. Cornelia Eckert – UFRGS

---

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes – UFC

---

Profa. Dra. Louise Prado Alfonso – UFPel

Dedico esta dissertação a todas as mulheres que vieram antes de mim e às que virão depois.

## AGRADECIMENTOS

Aviso de antemão que os agradecimentos desta dissertação não têm nada de inovadores. Como tantos outros pesquisadores, sem o apoio incondicional de minha mãe minha trajetória acadêmica não teria sido possível. A ti, Ana Cleusa Oliveira Munhoz, eu dedico cada uma das linhas que compõem o meu trabalho. Tua força e teu amor me inspiram e me movem a ser quem eu sou, em todos os âmbitos possíveis. A meu pai, João Alfredo Sevaio, agradeço pelo apoio a seu modo.

Gratidão à minha querida avó e matriarca, Geny de Oliveira Munhoz, com a qual sempre pude contar. Também agradeço aos tios Mislene de Oliveira Munhoz e Miguel Machado Tarouco pela ajuda constante. A meus primos maternos Izadora, Pedro, Heitor, Gabriel, Bernardo, Nortom e Tamy, agradeço pelas vivências compartilhadas. Somos todos Munhoz, com muito orgulho.

Gal e Marcel (Mauss), meus companheiros felinos, obrigada pela companhia constante nas madrugadas de escrita. Desconfio que vocês são mais antropólogos do que eu. Pagu, minha fiel e serelepe cachorra, dedico também a ti este texto. Eu amo muito todos vocês.

Além de minha família carnal, eu nada seria sem a presença e o direcionamento de minha família espiritual. Diz certo ponto cantado que sem Exu não se faz nada. Concordo. Sem o acalanto necessário de meus guias e mentores espirituais, a pesquisa e o texto que agora entrego aos leitores não teriam se concretizado. Por isso do meu peito emanam somente gratidão e respeito. Agradeço também aos irmãos e irmãs do Templo Escola de Umbanda Filhos do Vento, os quais, talvez nem saber, foram fundamentais para impulsionar minha escrita.

Agradeço imensamente ao acolhimento de meu orientador, Arlei Sander Damo. Obrigada pela paciência, pelas pertinentes contribuições e por sempre acreditar no meu trabalho. Estendo meus agradecimentos aos colegas do Grupo de Antropologia da Economia e da Política (GAEP), por ele coordenado, a quem devo muito de meu amadurecimento intelectual.

À Cornelia Eckert agradeço por acompanhar esta pesquisa desde as disciplinas “Oficina de etnografia” e “Métodos e Técnicas de Pesquisa Antropológica” até o aceite em participar da banca de defesa. Aprendi e continuo a aprender muito contigo. Aproveito para também agradecer à professora Ana Luiza Carvalho da Rocha e por ter tido a oportunidade de participar do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV).

Agradeço à professora Louise Prado Alfonso, da UFPel, pela parceria que começou na graduação e que agora se estende à banca de defesa. Tua postura como intelectual compromissada é, para mim, um exemplo a seguir. Não poderia deixar de mencionar a professora Flávia Rieth da Silva, também da UFPel, que me incentivou a participar do processo seletivo para o mestrado e a optar pela Antropologia em detrimento da Sociologia. Valeu por tudo!

À professora Glória Diógenes agradeço por gentilmente aceitar participar da banca de defesa, mesmo sem ter tido contato prévio com esta pesquisa ou com esta pesquisadora. Por óbvio, agradeço por tua tão inspiradora trajetória intelectual.

À CAPES, agradeço pela bolsa de pesquisa, sem a qual não poderia ter sido ao mesmo tempo moradora e pesquisadora de Porto Alegre. Agradeço também pela oportunidade de desenvolver minha pesquisa no âmbito de uma Universidade pública, gratuita e de qualidade como a UFRGS, assim como desejo que possamos lutar por sua continuidade. Agradeço também a todo o corpo de professores e funcionários do PPGAS.

Ao meu grupo do mestrado, que de “Rolê aleatório” se tornou suporte fundamental e lugar de trocas de indignações, fofocas e alegrias, agradeço por tanto. Elis Alberta, tua amizade é uma dádiva que o PPGAS proporcionou! Obrigada por me deixar fazer parte da tua vida. Camila Braz, obrigada por compartilhar comigo inseguranças, cervejas, dramas, risadas, inquietações e cafés. Vida longa à dupla Braz e Sevaio! Júlia Mistro, peixinha tão forte e sensível, espero te encontrar em muitos carnavais. Lucy Cavalcante, mulher porreta que de pequena só tem a estatura, te agradeço pelas trocas Bruno Domingues, da risada contagiante e de tanta potência, gratidão por tudo. Cleiton Rocha, até nossas implicâncias mútuas foram importantes. Admito que gosto de ti. Que falta fazem aquelas cerveja que tomávamos depois das aulas!

Gratidão também pela amizade do colega Felipe Burd, com o qual compartilhei minha paixão pelo cinema e as tantas crises existenciais que tivemos pelo caminho do mestrado, e também de Nicole Rigon, mulher e pesquisadora que admiro muito. Felipe César, meu amigo e parceiro de signo, te agradeço pelas trocas e por nosso apoio mútuo.

Agradeço à amiga Melina Silveira pela parceria intelectual e de vida, à Andressa Domingues pela beleza de ser quem ela é, à Caroline Matoso pelos cafés e pela inspiração mútua de começar (e continuar) nossas escritas. Tiana Godinho, gratidão pela companhia e pelas trocas bruxescas. Amo muito voês!

Por fim, não poderia deixar de agradecer a alguém que apareceu em meio ao processo de pesquisa: meu amor, meu companheiro, meu parceiro e confidente Stefano. Obrigada por

tanto afeto, trocas, comidas gostosas, e também por trazer mais três *felis catus* ao meu cotidiano. Madruga, Branquinha e Ió, desde que conheci vocês a vida ficou mais bonita.



## Madrugada

Do fundo de meu quarto, do fundo  
de meu corpo  
clandestino  
ouço (não vejo) ouço  
crescer no osso e no músculo da noite  
a noite

a noite ocidental obscenamente acesa  
sobre meu país dividido em classes.

(Ferreira Gullar)

## RESUMO

Esta dissertação trata das práticas e sociabilidades da vida noturna a partir de etnografia realizada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre/RS, bem como das controvérsias que contrapõem frequentadores e parte dos moradores. O bairro foi no passado habitado por populações negras empobrecidas que foram expulsas e atualmente possui um perfil populacional branco, jovem e de classe média. Berço do samba, do carnaval e da boemia porto-alegrenses, a Cidade Baixa conta com uma pluralidade de estabelecimentos – entre bares, restaurantes e casas de festas. O foco analítico deste trabalho é, no entanto, o fenômeno definido como *arruaça*, caracterizado *pelo* uso das ruas como lugar primordial das sociabilidades noturnas, principalmente entre jovens. A pesquisa parte da ideia de que a cidade deve ser entendida como um processo, razão pela qual as caminhadas noturnas pelas ruas mais movimentadas do bairro constituírem-se como abordagem privilegiada para observar as práticas e sociabilidades *arruaceiras*. Além do movimento noturno nas ruas, ao longo de 2019 e parte de 2020, e do Carnaval de 2020, foram observadas reuniões na Assembleia Legislativa nas quais a noite da Cidade Baixa esteve em pauta, realizada's entrevistas *online* e o *acompanhamento* de uma página no *Facebook* em que moradores expressavam sua indignação com o que definiam como baderna.

**Palavras-chave:** Etnografia; Sociabilidade; Rua; Conflito; Boemia.

## **ABSTRACT**

This dissertation deals with the practices and sociabilities of nightlife based on ethnography carried out in the Cidade Baixa neighborhood, in Porto Alegre / RS, as well as the controversies that oppose regulars and part of the residents. The neighborhood was once inhabited by impoverished black families who were expelled and currently has a white, young and middle-class population profile. Cradle of samba, carnival and bohemian in Porto Alegre, Cidade Baixa has a variety of establishments - including bars, restaurants and party houses. The analytical focus of this work is, however, the phenomenon defined as street riot, characterized by the use of the streets as a primordial place for nighttime sociability, especially among young people. The research starts from the idea that the city should be understood as a process, which is why the night walks through the busiest streets in the neighborhood are a privileged approach to observe the arrogant practices and sociability. In addition to the nighttime movement on the streets, throughout 2019 and part of 2020, and the Carnival of 2020, meetings in the Legislative Assembly in which the night of Cidade Baixa was on the agenda were observed, online interviews were conducted and a Facebook page where residents expressed their indignation at what they defined as riot was monitored.

**Keywords:** Ethnography; Sociability; Road; Conflict; Bohemia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização da Cidade Baixa.....	19
Figura 2 – Percurso da etnografia de rua.....	24
Figura 3 – Meme sobre a CB.....	25
Figura 4 – Vista panorâmica da Cidade Baixa, final do séc. XIX.....	34
Figura 5 – Mapa dos limites do “portal” que separa minha casa da Cidade Baixa.....	46
Figura 6 – Rua da República na década de 1930.....	49
Figura 7 – Rua da Margem.....	53
Figura 8 – Lupicínio Rodrigues no interior de um bar com amigos.....	56
Figura 9 – Lupicínio Rodrigues sentado com sua esposa na Praça Garibaldi.....	56
Figura 10 – Café Colombo.....	62
Figura 11 – Largo dos Medeiros.....	63
Figura 12 – Anúncio do Clube dos Caçadores.....	64
Figura 13 – Fila na João Alfredo.....	85
Figura 14 – Guris e gurias na Lima.....	89
Figura 15 – Mapa das esquinas observadas.....	95
Figura 16 – José do Patrocínio.....	104
Figura 17 – José do Patrocínio em frente ao InSônia.....	104
Figura 18 – Tabacaria dos guris.....	111
Figura 19 – Promoção de kit.....	111
Figura 20 – Carnaval de rua na João Alfredo, década de 1930.....	116
Figura 21 – Carnaval de rua na João Alfredo, década de 1940.....	116
Figura 22 – Primeira saída do Bloco da Laje.....	120
Figura 23 – Saída do Bloco da Laje de 2020, na Ponte de Pedra.....	121
Figura 24 – Mapa do percurso do Bloco da Laje.....	123
Figura 25 – Saída de 2020 do Bloco da Laje, no Viaduto dos Açorianos.....	125
Figura 26 – Localização da Praça Garibaldi.....	127
Figura 27 – QR Code que dá acesso a vídeo do carnaval de rua.....	129
Figura 28 – Brigada Militar concentrada na esquina da Lima e Silva com República.....	130
Figura 29 – Cavalaria da Brigada Militar posicionada na Lima e Silva.....	132

Figura 30 – Respeite a vizinha .....	137
Figura 31 – Apoio de moradores à BM .....	142
Figura 32 – Brigada Militar na José do Patrocínio .....	153
Figura 33 – Percurso da Brigada no Centro e Cidade Baixa .....	154
Figura 34 – QR code que dá acesso a vídeo .....	161
Figura 35 – Muro do Museu .....	165

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BM	Brigada Militar
CB	Cidade Baixa
GEEUR	Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos
GT	Grupo de Trabalho
MP/RS	Ministério Público do Estado do Rio Grande do Sul
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPDUA	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental
SMC	Secretaria Municipal de Cultura
SMAMS	Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade
SMIC	Secretaria Municipal da Indústria e Comércio
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
9º BPM	9º Batalhão da Polícia Militar

**APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1. A CIDADE BAIXA É O MUNDO! .....</b>	<b>28</b>
1.1 Negra, pobre e baixa: a formação do bairro .....	29
1.2 Reformas urbanas e o planejamento da cidade .....	34
1.3 Da cidade à Cidade Baixa.....	39
1.4 Caminhar e conhecer o bairro: primeiros passos de uma etnografia de rua .....	44
<b>2. UM PASSEIO PELA NOITE PORTO-ALEGRENSE.....</b>	<b>55</b>
2.1 Entre xícaras, copos e corpos: o universo boêmio do Centro.....	61
2.2 Deu pra ti, Bom Fim .....	65
2.3 Todos os caminhos levam à CB .....	70
2.4 O fim dos “Inferninhos” do Centro .....	74
<b>3. “É US GURI NA CB DE NOVO”: SOCIABILIDADES JUVENIS NA RUA.....</b>	<b>78</b>
3.1 As ruas como lugar de sociabilidade: apropriações da Cidade Baixa pelos jovens .....	80
3.2 A icônica João Alfredo .....	82
3.3 <i>“É na Lima que a gente se encontra”</i> : etnografia de uma rua agitada.....	86
3.4 Esquinas da CB e suas dinâmicas noturnas .....	95
3.5 <i>“Eu disse que nós ia vim parar no Opinião”</i> : a José do Patrocínio como ponto de encontro .....	103
3.6 <i>“A moda agora é funk e ficar no meio da rua tomando kit”</i> : práticas e sociabilidades juvenis.....	107
<b>4. CARNAVAL NA CIDADE BAIXA: O USO DAS RUAS COMO LUGAR DE FESTA .....</b>	<b>114</b>
4.1 As múltiplas expressões do carnaval porto-alegrense .....	114
4.2 Quem disse que sumiu? O retorno dos blocos de carnaval às ruas da Cidade Baixa .....	118
4.3 No meio da multidão: experiências do carnaval de rua na CB .....	122
<b>5. “ISSO NÃO É BOEMIA, É BADERNA!”: CONTROVÉRSIAS EM TORNO DA CB .....</b>	<b>135</b>
5.1 Um bairro sob disputa.....	137
5.2 Articulações institucionais sobre a vida noturna .....	140
5.3 Expressões das controvérsias nas ruas.....	147



5.4 Atuação da Brigada Militar na Cidade Baixa.....	151
5.5 Articulação <i>online</i> de moradores: <i>acompanhando</i> a página Reage Cidade Baixa em baixa .....	156
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>164</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>169</b>

## INTRODUÇÃO

Suave mistério amoroso,  
Cidade de meu andar  
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...  
(O Mapa – Mário Quintana)

Há nas cidades um quê de poesia, de afetividade, de agregador, o que resiste à experiência *blasé* prevista por Simmel (1973 [1903]). Esta dissertação é resultado direto de minha paixão intelectual pelas cidades. Ela começou em Pelotas, cidade localizada no sul do Rio Grande do Sul, onde me graduei em Ciências Sociais. Lá, eu estudei durante dois anos como o Mercado Público Municipal era colocado sob disputa por meio de diferentes sociabilidades – de caráter comercial ou de festa (SEVAIO, 2018). Fiz parte também do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), no qual tive contato com práticas etnográficas coletivas e voltadas às demandas da comunidade do Passo dos Negros<sup>1</sup>. Participar do projeto de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, parte do GEEUR, foi um importante espaço de formação e de instigantes questionamentos sobre como uma mesma cidade pode assumir sentidos diferentes de acordo com as experiências de cada pessoa ou grupo.

Cheguei em Porto Alegre para cursar o mestrado sem que tivesse um objeto de pesquisa definido, tinha somente o desejo de aprofundar meus estudos focados em como experiências urbanas distintas podem acionar controvérsias, polêmicas, disputas (LEITE, 2007). Foi então que a Cidade Baixa, um bairro de histórica e intensa vida boêmia, surgiu como possibilidade de pesquisa. Eu já conhecia a “fama” da CB<sup>2</sup> – sabia que lá era o lugar da cidade onde estavam concentrados o maior número de bares, botecos, casas de festas e de shows. Quando adolescente, o estilo de vida que eu enxergava no bairro me parecia muito atraente: gente

---

<sup>1</sup> Localidade localizada às margens do Canal São Gonçalo, em Pelotas/RS. A região está intimamente relacionada ao passado escravocrata da cidade, representando um lugar de luta e resistência negra desde então. Hoje trata-se de uma área em conflito onde há um processo de especulação imobiliária que coloca os habitantes de lá em risco de serem removidos. O GEEUR desenvolve desde 2014 atividades de extensão e de pesquisa com o Passo dos Negros, entre as quais se destacam as dissertações de Silveira (2020) e Mathias (2020) e a ampla produção de Alfonso em parceria com seus orientandos (SILVEIRA et. al, 2018, 2020; Mathias e Alfonso, 2018; SEVAIO; ALFONSO, 2017, 2018; LIMA et. al, 2017).

<sup>2</sup> Acrônimo de Cidade Baixa. É também um termo êmico pelo qual o bairro é chamado. Doravante, utilizo tanto Cidade Baixa quanto CB.

circulando na rua, movimento constante, bares, restaurantes e lojas ao alcance de uma caminhada. Morar em Porto Alegre e especificamente na Cidade Baixa não chegava a ser um sonho, já que, de alguma forma, tomava isso como certo. Mal eu sabia que minha relação com o bairro seria de outra ordem...o destino, Deus, o universo ou quem quer seja nos prega peças inimagináveis, mas deixemos isso para mais tarde. Morando a 250 km de distância da capital gaúcha, eu tinha mais curiosidade do que experiências com esse vasto leque de possibilidades noturnas, uma vez que minhas imersões eram sempre muito pontuais: o show de determinado artista, um bar que já tinha ouvido falar, ou uma festa a cada ano.

Até então, tudo que eu sabia sobre a Cidade Baixa vinha dessas experiências fragmentadas e esporádicas. Lembro, inclusive, de uma vez me perder caminhando pelo bairro quando vim visitar um amigo que é daqui, mas que estudava em Pelotas comigo. Enquanto escrevo dou risada e penso que talvez essa tenha sido mais uma ironia do tempo, de Deus, ou de qualquer força organizadora de nossas vidas. Com o avançar deste trabalho o leitor entenderá o porquê da graça. Agora, adianto que foi por meio de caminhadas (ECKERT; ROCHA, 2013) que comecei minha pesquisa, me perdendo pelas ruas para encontrar minha matéria de observação e interpretação: a Cidade Baixa vivida, sentida e em processo (AGIER, 2011).

Nos últimos anos, sobretudo a partir de 2018, o fenômeno que chamo aqui de *arruaça* – o uso das ruas e calçadas como lugar primordial de sociabilidades noturnas – tem ocasionado a indignação de parte dos moradores do bairro, que veem seus direitos sendo violados pelo excesso de barulho e de gente. Alguns chamam de *baderna* o que eu chamo de *arruaça*, o que é uma tentativa de descolar o cenário atual das práticas boêmias consideradas aceitáveis. De fato, as sociabilidades *arruaceiras* são destoantes em relação ao entorno: nos bares há gente bebendo cerveja em copos de vidro e em parte dos apartamentos há gente reclamando e acionando a polícia, enquanto nas ruas e calçadas há gente bebendo em pé e dançando funk.

A Cidade Baixa que eu tinha em mente ainda era aquela do primeiro cenário – mais de uma centena de opções de bares ou casas de festas disponíveis para serem escolhidas por todos os bolsos e gostos. As ruas eram meio de circulação entre um estabelecimento e outro, ou no máximo lugar para beber rapidamente antes de entrar em alguma festa. O bairro, no entanto, não existe tal como um quadro estático, ele é, pelo contrário, uma constante construção dos cidadãos. Lá em Pelotas eu já tinha tido contato com a obra de Agier (2011, p. 38), a partir da qual aprendi a olhar para a cidade “não como um dado, mas como um processo, humano e vivo”. Movida por tal inclinação teórica, percebi que a Cidade Baixa poderia ser encarada sob o ponto de vista processual de que fala o autor – como algo em movimento e vivido em situação. Antes, porém, de adentrar em mais detalhes teórico-metodológicos, apresento a

seguir alguns elementos que ajudam a contextualizar o bairro no desenho urbano porto-alegrense.

Entre os noventa e quatro bairros de Porto Alegre, a Cidade Baixa destaca-se por sua localização adjacente ao Centro Histórico, assim como a outro ponto de referência para os porto-alegrenses: o Parque Farroupilha – ou popularmente Redenção<sup>3</sup>. Os campi centrais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também estão nas delimitações do bairro. A localização estratégica da Cidade Baixa<sup>4</sup> no interior da malha urbana e a facilidade de acesso a outros pontos da cidade faz do bairro uma área de moradia atraente para as camadas médias urbanas, além de configurá-lo como parte da rota de uma série de linhas de ônibus, tanto da capital quanto da região metropolitana, o que resulta em um intenso tráfego diário.

Figura 1 – Mapa de localização da Cidade Baixa



.Fonte: Elaborado pela autora com a colaboração de Melina Silveira (2021)

<sup>3</sup> É o mais antigo, mais arborizado e mais popular dos parques de Porto Alegre. No séc. XIX, era o local de repouso de carreteiros que passavam pela cidade. Foi chamado de Campo da Várzea e Campo do Bom Fim, até que em 1884 foi oficialmente chamado Redenção como forma de homenagear o movimento abolicionista, denominação que permanece tendo amplo uso popular. Após sucessivas tentativas, o ajardinamento intensificou-se a partir da década de 1930. Na ocasião do centenário da Revolução Farroupilha, por meio do decreto municipal de 19/09/1935 o nome oficial passou a ser Parque Farroupilha (FRANCO, 1998). Daqui por diante, no entanto, declinarei do nome oficial e passarei a me ao Parque somente como Redenção.

<sup>4</sup> A Lei nº 12.112, de 22 de agosto de 2016, cria, extingue, denomina e delimita os bairros que integram o território da capital gaúcha, qual prevê a seguinte delimitação: “XXI – Cidade Baixa, “ponto inicial e final: encontro da Avenida Praia de Belas com Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto; desse ponto segue pela Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto até a Praça Garibaldi, por essa até a Avenida Venâncio Aires, por essa até a Avenida João Pessoa, por essa até a Avenida Loureiro da Silva, por essa até a Avenida Borges de Medeiros, por essa até a Avenida Praia de Belas, por essa até a Avenida Aureliano de Figueiredo Pinto, ponto inicial” (PORTO ALEGRE, 2016).

No Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PPDUA)<sup>5</sup>, parte da Cidade Baixa é considerada área de animação, o que em termos legais significa o incentivo à promoção de eventos e estabelecimentos voltados ao entretenimento. Em contraponto, junto com as *arruaças* chegaram à Cidade Baixa restrições quanto ao horário de funcionamento dos estabelecimentos noturnos. Por exemplo, o Decreto nº 19.962 de 3 de 2018 (PORTO ALEGRE, 2018), sancionado pelo ex-prefeito Nelson Marchezan Jr., estabelece que o horário de funcionamento das atividades de bares, restaurantes, lancherias, lojas de bebidas, cafés no bairro Cidade Baixa é até às 2h da manhã nas sextas-feiras, sábados e vésperas de feriados e até à 1h de domingo a quinta-feira com tolerância de 30 minutos. Há, portanto, de um lado incentivo e, de outro, restrições para a vida noturna no bairro. Com a pandemia de COVID-19, o funcionamento ficou ainda mais restrito, cenário que oscila entre flexibilizações e fechamentos.

De acordo com os dados do último censo do IBGE (2010), o bairro que estudo tem 15.379 moradores e área de 0,762km<sup>2</sup>, o que resulta em uma alta densidade demográfica: 20.182,41 hab/km<sup>2</sup>. Um estudo realizado pelo Observatório da Cidade de Porto Alegre (ObservaPOA), que cruza os dados do IBGE com a mais recente territorialização dos bairros porto-alegrenses, revela outro dado interessante: há 15.379 moradores e 8.301 domicílios na CB, do que se depreende a predominância de domicílios com poucos moradores. A faixa etária dos 30 aos 59 anos concentra aproximadamente 43% dos moradores e os jovens – na faixa dos 19 aos 29 – representam 21%, sendo a renda média dos responsáveis por domicílio de 5,92 salários mínimos. Além disso, do ponto de vista racial a Cidade Baixa é um bairro desigual: 92% dos moradores são brancos e os 8% restantes são negros (IBGE, 2010).

Embora importantes, os dados estatísticos e os dispositivos legais não são suficientes para compor o entendimento da Cidade Baixa por mim almejado. Busco uma intimidade com o bairro permeada por empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores e tudo que afeta os sentidos (PEIRANO, 2012). A obra do poeta Mário Quintana (2005, p. 253) é uma inspiração. Ele olhou com extremo carinho para a cidade que, assim como eu, escolheu

---

<sup>5</sup> Um Plano Diretor, de forma geral, é um instrumento legal que regula o uso da cidade e seus espaços, e sendo elaborado a partir do diálogo entre estudos técnicos e as demandas da comunidade, deve estabelecer os princípios de um planejamento urbano que congrega desenvolvimento econômico e qualidade de vida. Porto Alegre é considerada referência em termos desse tipo de política pública, antes mesmo da obrigatoriedade estabelecida pelo Estatuto da Cidade (Lei 10.257/2001). A congruência com o Orçamento Participativo, ainda que nas últimas gestões municipais esse tipo de experiência política tenha perdido parte de seu vigor, permitiu que o Plano elaborado em 1999 contasse com ampla participação popular (SOUZA, 2017). O ‘prazo de validade’ de nosso Plano Diretor é de dez anos, uma vez que as transformações das dinâmicas urbanas exigem do poder público mudanças na forma como são reguladas; no entanto, a revisão do documento não foi feita em 2019, conforme o previsto, estando o atual em vigência desde 2010. Mobilidade urbana, uso do solo, manejo de resíduos, diretrizes para atividades econômicas, são questões presentes no PPDUA e que tangenciam a vivência urbana porto-alegrense como um todo.

como sua: Porto Alegre, o que é perceptível no trecho que é continuação do poema que abre esta introdução:

Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita  
Das ruas de Porto Alegre  
Onde jamais passarei...

A poesia do autor é convidativa para o estabelecimento de um vínculo ao mesmo tempo de pesquisa e de afeto pelo bairro: não apenas olhar para o mapa, mas compreender a cidade por meio do corpo e de seus sentidos. Apesar de ter estudado em Pelotas, nasci em Porto Alegre e cresci na cidade vizinha de Guaíba. Para quem reside nas regiões metropolitanas, há uma relação de ambiguidade com as metrópoles: há um conhecimento parcial e fragmentado sobre elas. O ano de 2020, portanto, foi aquele em que me tornei moradora de Porto Alegre e também pesquisadora de um de seus bairros, estabelecendo assim um duplo exercício de conhecer minha cidade. Clifford (1999), ancorado na tradição do *métier* antropológico, situa nos deslocamentos e nas viagens os princípios da experiência etnográfica: “Os antropólogos são, em geral, gente que se vai e escreve. Visto em uma larga perspectiva histórica, o trabalho de campo é um conjunto distintivo de práticas de viagem (ampla, porém, não exclusivamente ocidentais” (p. 87). Para compor esta etnografia, não precisei viajar. Pelo contrário, precisei me fixar em Porto Alegre e descobri-la como lugar de morada e como universo de pesquisa. Decidi alugar um apartamento localizado próximo à Cidade Baixa, no Centro, o que me possibilitou ir a campo<sup>6</sup> sem grandes dificuldades. Fui caminhando e conhecendo o bairro onde pesquisei, fui todas as semanas a um terreiro de Umbanda e também fiz compras no supermercado.

---

<sup>6</sup> “Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical, próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Tendo encontrado um lugar para morar no alojamento de algum homem branco - negociante ou missionário - você nada tem para fazer a não ser iniciar imediatamente seu trabalho etnográfico” (MALINOWSKI, 1978, p. 19) é a famosa frase que abre o clássico *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. Com isso, o autor que consolidou com sua obra os princípios da pesquisa etnográfica estabeleceu o distanciamento por meio das viagens como essencial – à Antropologia caberia conhecer o exótico. Velho (1978), por sua vez, aponta no texto *Observando o familiar* a relatividade das noções de exótico e de familiar. Para ele, vivendo nas ditas *sociedades complexas* estar familiarizado com algo não significa conhecer – já que existe um complexo tramado de pontos de vistas nas interações cotidianas que não conseguimos acessar quando impregnados de pré-conceitos, de modo que o “outro” pode ser nosso vizinho. Minha pesquisa e minha formação enquanto antropóloga em Porto Alegre situam-se em algum lugar entre esses dois polos. Não viajei para longe, não estava familiarizada e também não conhecia a Cidade Baixa. Precisei fazer isso de forma concomitante.

Na Cidade Baixa há opções de entretenimento noturno para todos os gostos. Há um bar temático que faz homenagem ao escritor Charles Bukowski<sup>7</sup>, e outro que faz referência ao universo das *drag queens*. Há bares que vendem cerveja barata e outros que comercializam só cervejas produzidas localmente. Há ainda botecos, lancherias e dezenas de hamburguerias. O foco desta dissertação é, no entanto, uma abordagem etnográfica do uso das ruas como lugar de sociabilidades noturnas, o que impulsiona controvérsias nas quais as argumentações dos envolvidos merecem ser levadas em conta (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1999).

Foi através das práticas cotidianas que acessei a Cidade Baixa e os significados que lhe são atribuídos, o que me levou a adotar proposições de Michel de Certeau (2012) como fundamento teórico-metodológico. No volume 1 do clássico *A invenção do cotidiano*, o autor diferencia o olhar totalizador e *voyeur* típico dos arranha-céus e dos pintores renascentistas – cujo exemplo máximo eram as antigas torres do *World Trade Center* – daquele que procura a legibilidade da cidade por meio dos que vivem “embaixo”, os *praticantes* ordinários da cidade. Seguindo essa lógica, são as práticas aparentemente banais – que se desenrolam nos meandros dos grandes acontecimentos – que interessam tanto a mim, como pesquisadora, quanto a De Certeau (Ibid.) nas pesquisas que desenvolveu. Em diálogo com autor, Agier (2011, p. 173) também aponta a importância dos fazeres cotidianos dos cidadãos:

Falamos da cidade vivida em acontecimentos em vez da cidade definida em forças materiais, instituições perenes. Sem estar a negar a força estruturante destas últimas, aceitemos a ideia simples de que a matéria viva da cidade é formada por cidadãos que aí habitam e trabalham, passeiam, gostam de certos cantos, praças, cruzamentos “certas luzes, algumas pontes, terraços de cafés”

De Certeau (2012) diferencia uma cidade-conceito, fundamentada pelos princípios de organização do espaço urbano disciplinado e disciplinador, a cidade dos estudiosos, dos engenheiros, arquitetos e estatísticos de uma cidade-praticada, que acontece no cotidiano, e que nem sempre corresponde àquilo que os gestores pressupõem: “(...) uma cidade metafórica insinua-se no texto claro da cidade planejada e visível” (p. 172). É a segunda cidade que me interessa. No texto urbano que procuro ler (Ibid.) - ou observar - os autores são múltiplos, em um movimento que vai emaranhando práticas e narrativas sobre a Cidade Baixa. Quando está em jogo o uso da cidade, a abordagem do argentino Gravano (2003) permite examinar todo bairro enquanto espaço simbólico e ideológico, ao qual são atribuídos determinados significados valores, crenças e identificações – cada um é percebido e praticado como um

<sup>7</sup> Henry Charles Bukowski (1920-1994) foi um escritor estadunidense cuja obra Com linguagem coloquial e quase obscena, seus romances, poemas e contos mostram a miséria da experiência humana: empregos precários, porres, relacionamentos instáveis. Como sou uma grande fã de Bukowski, tenho muita vontade de ir ao Dirty Old Man, bar localizado na Rua Gal. Lima e Silva. Completamente imersa nas dinâmicas das ruas, acabei não indo durante o período em que realizei trabalho de campo.

cosmo. Ao analisar as relações cotidianas de bairros da região metropolitana de Buenos Aires, o autor põe em prática um projeto intelectual cujo propósito é desvelar seu papel na vida social. Ele chama de *identidad barrial* este conjunto valorativo que expressa a condensação de sentidos atribuídos a cada bairro. Na esteira das reflexões de Gravano (Ibid.), cabe investigar quais são os elementos mobilizados pelos diferentes praticantes da CB em suas elaborações cotidianas de *identidades barriales*.

Junto a De Certeau (2012), Leite (2007) é outro autor com o qual dialogo para a composição desta pesquisa sobre a CB. Para ele, os usos e contra-usos dos espaços da cidade constituem lugares e os qualificam como espaços públicos, na medida em que os tornam centros de disputas práticas e simbólicas. Existe aí uma divergência terminológica entre ambos<sup>8</sup>, pois para De Certeau o espaço é um lugar praticado. Conforme entendo, tanto um quanto o outro enfatizam as práticas e usos simbólicos como qualificadores da experiência na cidade. Optei, por isso, em não fazer uso da força de categoria que *espaço* e *lugar* possuem. Quando aparecem em meu texto, ambas as palavras se referem a locais na Cidade Baixa onde as pessoas estabelecem relações com o bairro carregadas de sentido – seja lá qual ele for.

Conheci o bairro caminhando: as ruas da Cidade Baixa foram o primeiro lugar a partir do qual explorei as dinâmicas pesquisadas. Conforme detalhado nos capítulos que seguem, priorizei as práticas de pesquisa realizadas durante a noite. É através da vida noturna que a CB demarca sua singularidade em relação aos outros bairros de Porto Alegre, tanto para quem a frequenta em busca de entretenimento quanto para os moradores cujas rotinas sofrem interferência. Um ponto crucial deste meu caminhar-pesquisar foi a já mencionada proximidade das ruas que percorri com o apartamento em que morei entre 2019 e 2020. Com base na proposta da etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013) fui me emaranhando nos sentidos atribuídos ao bairro – ou suas *identidades barriales* (GRAVANO, 2003) – sempre mediando minha condição de pesquisadora com a de moradora. Considerando as referências apresentadas, entendo que esta pesquisa é uma etnografia na e da Cidade Baixa concomitantemente. Parto de situações observadas na CB – *arruaças*, encontros, carnavais, danças e corpos em movimento – para compor uma narrativa do que é da CB.

---

<sup>8</sup> Outros autores, assim como Leite (2007), também mobilizam a categoria lugar como chave analíticas das relações afetivas que estabelecemos com a cidade. Para o geógrafo Tuan (1983, p. 198), por exemplo, "O lugar é um mundo de significado organizado.". O lugar é também uma abertura para o sensorial que tangencia os aspectos cognitivos da condição humana: quando falamos de lugar estamos mobilizando a construção de sentidos de pertencimento.





um período de incertezas quanto aos rumos da pesquisa, percebi que uma alternativa viável seria realizar entrevistas *online*. Ainda não sabia como entrar em contato ou selecionar possíveis entrevistados entre as milhares de pessoas que costumavam frequentar a Cidade Baixa, até que visualizei na página POA memes<sup>9</sup> uma postagem que em tom saudosos fazia menção às sociabilidades noturnas do bairro.

Figura 3 – Meme sobre a CB



Fonte: Página no Facebook POA memes (2020)

Resolvi enviar uma mensagem no *Instagram* solicitando uma entrevista, a partir da qual eu pretendia entender a relação dos administradores da página com a Cidade Baixa. Quem me respondeu foi Felipe, que foi bastante solícito e ainda me deu a ideia de postar algo sobre minha pesquisa no grupo público do POA memes no Facebook. Fiz uma breve postagem explicando o tema e os objetivos de minha dissertação, o que rendeu 97 curtidas e 30 comentários. Além de Felipe, entrevistei Fernando, Mariana, Rodrigo e Vinicius<sup>10</sup> - que têm idades entre 19 e 23 anos. Muitas pessoas demonstraram interesse em participar e depois não me responderam, e outras duas marcaram comigo e não “compareceram” ao encontro.

<sup>9</sup> Página de humor – com contas no Facebook, Instagram e Twitter – na qual é veiculado conteúdo sobre hábitos, piadas e vivências porto-alegrenses. Disponível em: <https://www.facebook.com/portoalegrememes> e <https://www.instagram.com/poamemes>.

<sup>10</sup> Optei pela utilização de nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

As circunstâncias da pandemia me levaram a sair das ruas para adentrar nos *ambientes digitais* (LEITÃO; GOMES, 2017) e assim obter os dados necessários à concretização desta dissertação. O resultado que aqui apresento é uma costura entre vivências do trabalho de campo *offline* e *online*.

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro, faço uma espécie de introdução à Cidade Baixa. Começo com os processos históricos de formação do bairro, enfatizando sua estreita relação com a comunidade negra porto-alegrense. No passado, a população – negra e pobre – era considerada baixa, assim como o bairro. Hoje, em virtude de uma série de reformas e transformações urbanas, a CB é habitada majoritariamente por setores de classe média e brancos. É também no primeiro capítulo em que compartilho os primeiros passos de uma etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013a), minhas incursões iniciais pelo bairro.

Já no segundo capítulo, abordo as expressões da vida noturna porto-alegrense, desde o princípio do que se entende por boemia até as formas contemporâneas como ela acontece. O foco, por óbvio, é entender como a boemia fez e faz parte das dinâmicas encontradas na Cidade Baixa. Para tanto, busco também compreender como os fluxos vindos de outros lugares da cidade convergem para configurar a CB enquanto coração boêmio da capital gaúcha.

No terceiro capítulo vou novamente às ruas. Observando e participando das dinâmicas noturnas da CB, tomo as sociabilidades que acontecem nas ruas e calçadas do bairro como uma chave analítica importante para compreendê-lo. Por meio das experiências de campo identifiquei a predominância de jovens entre aqueles que *praticam* o bairro apropriando-se dos espaços públicos. Desse modo, o terceiro capítulo é uma mirada etnográfica sobre como *guris* e *gurias* frequentadores da Cidade Baixa se relacionam com o bairro por meio de suas práticas sociabilidades.

O quarto capítulo aborda o carnaval de Porto Alegre em suas múltiplas facetas e transformações no decorrer do tempo. Mais especificamente, procurei demonstrar como a Cidade Baixa, sobretudo por ter sido território negro, está intrinsecamente vinculada à memória carnavalesca da cidade. Por isso, a recente retomada dos blocos de rua como forma de festejar o carnaval impactou diretamente o cotidiano do bairro. Aquilo que acontece no mês de fevereiro é entendido por parte dos moradores como algo a ser evitado a todo custo, já que o fenômeno cujo começo foi local tomou proporções não previstas e nem desejadas por tais moradores.

No quinto capítulo, exploro os argumentos a partir dos quais parte dos moradores da CB justificam seu posicionamento contrário à permanência de jovens nas ruas durante a noite. Considero as controvérsias sobre a vida noturna do bairro como objeto de estudo que permite entender a complexidade do que faz a Cidade Baixa. Aqui a atuação da Brigada Militar é um

elemento que precisa ser levado em conta, já que desperta opiniões e sentimentos díspares entre quem frequenta a CB e quem mora lá.

Os impactos que a pandemia e o isolamento social causaram ao cenário por mim anteriormente observado não podem ser desconsiderados. Desde março de 2020 até hoje, as medidas de restrição ao funcionamento dos estabelecimentos noturnos do bairro oscilaram muito. Muitos deles fecharam as portas, outros tiveram de se reinventar. Hoje os bares e restaurantes têm permissão para funcionar até às 22h, mas é recorrente que as pessoas continuem circulando pelas ruas estando os estabelecimentos fechados. Na última vez em que fui ao bairro antes de escrever este texto, no final de abril de 2021, fora o uso de máscaras não havia outros sinais de que estamos enfrentando uma grave crise sanitária e política. As ruas e as mesas dos bares estavam cheias de gente. Prezando por minha segurança, tenho acompanhado de longe tudo que tem acontecido na CB, caminhando eventualmente pelas ruas ou por meio de notícias. Não foram raras as vezes em que a polícia dispersou aglomerações e festas clandestinas nas imediações da Cidade Baixa, envolvendo principalmente jovens, que muito provavelmente já costumavam frequentar a cena noturna do bairro. Embora seja arriscado comparar a realidade pré-pandemia com o que acontece agora, ousou dizer que o bairro voltará a um estado parecido com o anterior assim que seja seguro. Ao longo dos capítulos, compartilho impressões e dados sobre as dinâmicas da CB em plena pandemia, ao passo que meu foco continua sendo o panorama de antes.

Com esta dissertação, meu mais sincero desejo é que o leitor embarque junto comigo neste processo de conhecer a Cidade Baixa, um bairro movimentado por práticas, sociabilidades e controvérsias que serão apresentadas a seguir. Esta etnografia trata, portanto, de um bairro que é feito e refeito pelos cidadãos em seu cotidiano, o que coloca em jogo diferentes experiências e *identidades barriales* (GRAVANO, 2003).

## 1. A CIDADE BAIXA É O MUNDO!

Sentado na mesa de um bar na Rua da República, João interpela uma garçonete e diz: *A Cidade Baixa é o mundo!* A afirmação aparentemente despreziosa do personagem do livro de contos *Mapa da República* (VERNIERI, 2019) sintetiza algumas das questões que orientam esta dissertação. Que mundo é esse? Quem o habita? Quais são as dinâmicas que nele acontecem? Como pesquisadora, meu objetivo é desvelar minuciosamente como o bairro é praticado (DE CERTEAU, 2012), e como as pessoas se posicionam para reivindicar a Cidade Baixa de acordo com o seu entendimento sobre sua *identidad barrial* (GRAVANO, 2003). Neste capítulo, apresento os elementos de introdução ao mundo que é o bairro.

No verbete sobre a Cidade Baixa de seu *Dicionário Amoroso de Porto Alegre*, o escritor Altair Martins (2013, p. 87) descreve as razões que o fazem um amante do bairro:

Amo na Cidade Baixa sua cara de gente conhecida, com quem já se bebeu cerveja ou se cumprimentou de vista. Era um bairro de praia, antes dos aterros. Mesmo afastado da areia, continua sendo: a Cidade Baixa é a praia noturna do porto-alegrense. É o bairro da boemia – a Lapa daqui –, um bairro que só aparece de noite. De dia, um outro bairro toma seu lugar, um bairro mais comportado, bom pra caminhar, legitimamente feito de quadras, com calçadas movimentadas e arquitetura afeita a pequenos imóveis. Há quem afirme: o edifício mais estreito do mundo fica na Cidade Baixa.

O autor destaca a vida boêmia do bairro como fator que o singulariza no contexto de Porto Alegre. Há, no entanto, quem escolha morar na Cidade Baixa justamente por seu perfil residencial: os imóveis pequenos, em sua maioria antigos, a facilidade de acesso a outros pontos da cidade. Todos os porquês de estar na CB convivem nos seus lugares, às vezes se relacionando de forma harmoniosa, às vezes nem tanto. Quem frequenta, quem mora, quem bebe, quem vai ao supermercado, quem encontra os amigos, quem leva os filhos à escola, quem dança nas ruas ou quem vai à farmácia: cada um estabelece com o bairro relações de natureza diversa. As relações estabelecidas com a Cidade Baixa aparecem na literatura, nos jornais, e sobretudo na vida cotidiana das pessoas, que é a principal fonte analítica desta pesquisa.

Em 2019, me somei às pessoas que vivenciam o bairro cotidianamente, de modo que também importam minhas próprias vivências na Cidade Baixa. Cá estou eu, hoje moradora de Porto Alegre, pesquisando-escrevendo-narrando sobre um dos bairros da cidade que amo. Para Eckert e Rocha (2010), a riqueza de significados e de possibilidades interpretativas sobre o cotidiano citadino advém do fato de que a cidade é ao mesmo tempo, e em múltiplas camadas, expressão autoral de seus habitantes – ou personagens urbanos – e condição da experiência

coletiva. No ato narrativo desses personagens, o etnógrafo assume o status de co-autoria para lograr a “descrição da cidade que somos nós e que está em nós” (Ibid. p. 122).

Como primeiro passo para compor uma narrativa sobre a Cidade Baixa, recorro aos seus processos de formação, e a como isso esteve atrelado ao desenvolvimento urbano de Porto Alegre. Depois, indico quais são algumas das diretrizes teóricas que guiam a maneira como estive pesquisando na Cidade Baixa. Por último, detalho minhas primeiras incursões enquanto pesquisadora neste mundo que é o bairro – caminhando pelas principais ruas. Esses três passos compõem as subseqüentes subseções deste primeiro capítulo.

### 1.1 Negra, pobre e baixa: a formação do bairro

Jerônimo de Ornellas, que hoje é lembrado pela Avenida homônima do bairro Santana, recebeu da Coroa em 1740 uma sesmaria para a criação de gado. Pouco tempo depois chegaram novos moradores à região, os “Casais d’El Rei”, que vieram dos Açores para povoar o território das Missões Jesuíticas. No entanto, em decorrência dos acordos diplomáticos entre as coroas ibéricas as Missões voltaram à posse espanhola e os açorianos permaneceram na zona à beira do Guaíba. Em 1772 foi criada a Freguesia de São Francisco dos Casais, o que foi um passo para a emancipação desta da Freguesia de Viamão. No ano seguinte, foi chamada de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, e logo passou à capital da Província de São Pedro devido a sua posição estratégica. Com a desapropriação da sesmaria de Ornellas, começou a demarcação dos lotes, ruas e estradas que compunham os primeiros traços do desenho urbano porto-alegrense. Na mesma época, como era convencional na época colonial, a cidade foi fortificada a fim de evitar investidas estrangeiras sobre seu território, principalmente invasões espanholas, assim configurando uma zona intramuros que se diferenciava das circunvizinhas áreas rurais. (ETCHEVERRY, 2007; MONTEIRO, 2006; PESAVENTO, 1991)

O período posterior à Independência brasileira marcou a complexificação da vida urbana perpassada pela noção de progresso, sobretudo depois de finda a Guerra dos Farrapos. Já despontando como principal polo econômico da província, a região central de Porto Alegre era regida pelo asseio público e por um código de posturas. Pesavento (1991) enfatiza a permanência dos limites simbólicos das muralhas de fortificação em detrimento de suas ruínas físicas: as áreas limítrofes entre a já não existente cidade intramuros e os chamados arrabaldes eram habitadas por gente de outra estirpe. Desse modo, do alto da colina da rua Duque de Caxias, ou da antiga Rua da Igreja, em direção ao rio Guaíba desenvolveu-se de forma mais intensa, até meados do século XIX, o núcleo urbano de Porto Alegre. A cidade que crescia não

fugia do padrão espacial do processo de urbanização brasileiro discutido por Reis Filho (1968): havia uma praça e uma igreja no mesmo quadrilátero, onde posteriormente também foi construído o centro cívico-administrativo. Na parte mais baixa, crescia outro núcleo populacional assim caracterizado:

Era uma vasta região, onde havia algumas casas, que o povo batizara de Cidade-Baixa, para contrastar com a outra parte da cidade lá no alto, polvilhada de residência e já recortada de ruas e becos, que o oficialismo consagrara como a zona urbana da cidade. (SANHUDO, 1975:190).

Uma das vias analíticas sobre a Cidade Baixa considera tão somente sua posição topográfica – menos íngreme – em relação ao Centro de Porto Alegre. Além disso, é possível analisar desde um ponto de vista mais amplo, que abarque também questões de ordem cultural, do cotidiano e das práticas. No campo da Linguística, a Toponímia é uma subárea que se dedica ao estudo dos nomes dos lugares, considerando implicações de ordem interdisciplinar das relações que neles incidem, de modo que:

O topônimo é um pequeno texto, é um pequeno discurso, depositário de toda uma situação de fala e das complexas relações que a sustentam, e depositário também do momento histórico, e do pensamento que configura esse momento histórico e/ou é por ele configurado. (FAGGION et. al, 2013, p. 1)

Considero aqui uma abordagem toponímica cujo cerne são as vivências dos habitantes dessa região, bem como do imaginário social alicerçado por certo discurso de moralidade. Nos meandros do controle estatal desenvolvia-se uma cidade informal repleta de becos, ruelas e cortiços, de modo que esse tipo de cenário ampliava os limites entre o núcleo urbano central e o que era considerado Cidade Baixa: a proximidade geográfica entre ambos culminou na ligação íntima entre suas dinâmicas. Nos jornais da época, era comum a associação da zona limítrofe entre o Centro e a CB à imundície, à devassidão, ao meretrício, tal como no trecho abaixo:

Ontem, às 8 horas da noite houve grande desordem na Rua da Margem, em uns casebres, entre as ruas da Figueira e Avahy.

Foi o caso que Carlota, Maria Chica, Maria de Norberto e Lucia, todas de má vida, moradoras do Beco do Céu foram em companhia de 2 praças à casa da Rua do Vintém, n.6, agredir à Felipa Maria Luiza, que recebeu um golpe de navalha.

O Sr. Sub-Intendente do 2º Distrito Cherubin Feliciano da Costa compareceu ao lugar do delito, prendeu uma das praças e mandou recolher Felipa ao Hospital da Santa Casa, onde não teve entrada por estar já fechado aquele estabelecimento.

(Gazeta da Tarde, Porto Alegre, 22/045/1895 apud PESAVENTO, 1991)



A obra de Pesavento, mais especificamente o livro *Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do séc. XIX* (2001), é fundamental para essa linha analítica. A autora demonstra como no desenvolvimento urbano de Porto Alegre existia uma “matriz civilizatória” que separava das elites aqueles considerados *perigosos, delinquentes, indisciplinados*. Nesse contexto, o estatuto da cidadania estava destinado à elite branca, enriquecida e culta, enquanto os outros – marinheiros, prostitutas, soldados, desocupados – eram “excluídos” da normatividade cidadina. A autora explora as representações pejorativas sobre as pessoas e seus lugares de sociabilidades através da ótica de cronistas dos jornais da época: contraversão, desordem, sujeira, tumultos e agressões recheavam as páginas dos periódicos. Os lugares malditos da urbe – principalmente os becos – eram habitados pelos “selvagens da cidade”, que colocavam enclaves ao progresso pretendido.

Não pode ser negligenciada a dimensão racial das relações entre as áreas da cidade e suas respectivas populações. Rosa (2014) corrobora com o panorama apresentado por Pesavento (2001, 1991) ao tratar do racismo que estava nas estranhas da configuração urbana de Porto Alegre no pós-abolição (1884-1918). Conforme descreve o autor, a Cidade Baixa era lugar de todo tipo de “gentinha”: pobres – entre eles imigrantes europeus que mal falavam o português –, trabalhadores, escravos libertos, descendente de africanos, lavadeiras, soldados, pescadores. A insalubridade era característica marcante das moradias situadas em uma região de escassos serviços de infraestrutura urbana, onde as classes subalternas encontravam terrenos ao alcance de seus modestos recursos.

Rosa (Ibid.) deixa explícito como a convivência entre negros e brancos, mesmo em uma região empobrecida como a Cidade Baixa, era atravessada por hierarquias. Não há registros, por exemplo, de famílias negras que contavam com os serviços de mulheres europeias, quando o contrário era comum. Conforme ele destaca,

Aí reside um dos aspectos importantes de estudar as relações entre as classes subalternas, pois o amplo leque de relações que tendiam a manter os negros na parte de baixo da sociedade pós-emancipação, em condições inferiores de trabalho e sobrevivência, e que acabavam limitando o exercício da mobilidade social, eram reproduzidas não somente a partir “de cima”, mas também entre os círculos sociais subalternos. (p. 107)

No pós-abolição, a polícia cumpriu fundamental papel disciplinador, sendo responsável por punir o ócio e a vadiagem, em que bêbados, desordeiros, ladrões que cometiam pequenos furtos, e até mesmo prostitutas eram detidos por curtos períodos na Casa de Correção. De acordo com a pesquisa de Rosa (Ibid., p. 117), “Em 1899, as estatísticas policiais do Segundo Distrito de Porto Alegre, onde ficava a Cidade Baixa, registraram 593 prisões de “brasileiros”,



seguidos por 33 “italianos”, 10 “alemães”, 8 “portugueses”, 8 “poloneses”, entre outros estrangeiros. Os inquéritos policiais analisados pelo autor revelam ainda que a cor de pele era mencionada somente quando os envolvidos eram negros, o que era mais uma forma de classificar e diferenciar os sujeitos.

Além dos inquéritos policiais, outra fonte fundamental para o trabalho de Rosa foram as crônicas de Achylles Porto Alegre. Nesse caso, a crônica aparece como gênero textual que passeia entre a literatura e a história – e por isso estabelecendo relação tão vantajosa com o conhecimento antropológico sobre a cidade. Achylles – que carrega a capital gaúcha em seu sobrenome – era um profundo conhecedor da cidade, que costumava transitar por suas ruas e reavivar vivências de outrora, assim explorando as reminiscências entre o hoje e ontem, entre presente e passado. O cotidiano, as ruas, as sociabilidades urbanas eram matéria de sua escrita, evocando jogos de memória com certo lirismo (FRANCO, 1998; MONTEIRO, 2006).

Ao tratar da Cidade Baixa, o cronista lembrou-se da existência de uma região conhecida como “Emboscadas”, delimitada pelas margens do “Riachinho” – córrego do Arroio Dilúvio que acompanhava o terreno do lugar. Havia ali uma extensa faixa de terra e mato que servia de refúgio aos escravos que sofriam de maus tratos e fugiam. O Areal da Baronesa merece também destaque como marco da presença negra na Cidade Baixa. Dona Maria Emília da Silva Pereira – mais conhecida como Baronesa de Gravataí – tinha na região uma chácara. Com a morte do marido e um incêndio que devastou o solar da propriedade, ela decidiu lotear suas terras para venda, o que foi aprovado em 1879. A partir disso, instalaram-se moradores em habitações precárias com pouca ou nenhuma infraestrutura para conter os alagamentos que acometiam a região. Antes do loteamento, segundo conta Achylles de Porto Alegre, os negros fugidos de seus senhores iam se esconder nos matagais que contavam com árvores frutíferas para sua alimentação e muitas vezes permaneciam por lá. A “gente pobre e desclassificada” que habitava aquela zona era algo heterogêneo: escravos fugidos e seus descendentes, escravos libertos e seus descendentes, mas também trabalhadores que eram atraídos pela proximidade com a “cidade alta” e os preços ínfimos dos terrenos (FRANCO, 1998; MONTEIRO, 2006; ROSA, 2014).

Mais especificamente sobre o Areal da Baronesa, Marques (2006) realizou etnografia tendo como interlocutores os moradores da Avenida Luís Guaranha – na verdade um beco cuja saída se ramifica em outros becos – que reivindicam o estatuto político de remanescentes do antigo território quilombola. Em sua pesquisa, ele se deparou com uma complexa trama de identidades, territorialidades e conflitos que remetem a um passado ainda pulsante e que dialoga

com e através de políticas públicas voltadas para a patrimonialização. Desse modo, coloca-se em disputa a preservação de elementos culturais negros na e da Cidade Baixa tendo a memória coletiva dos modos de habitar e de usufruir o espaço urbano como principal sustentáculo: “A Guaranha, assim, consiste em uma camada de referência, suporte vivo das memórias desse viver urbano” (p. 154).

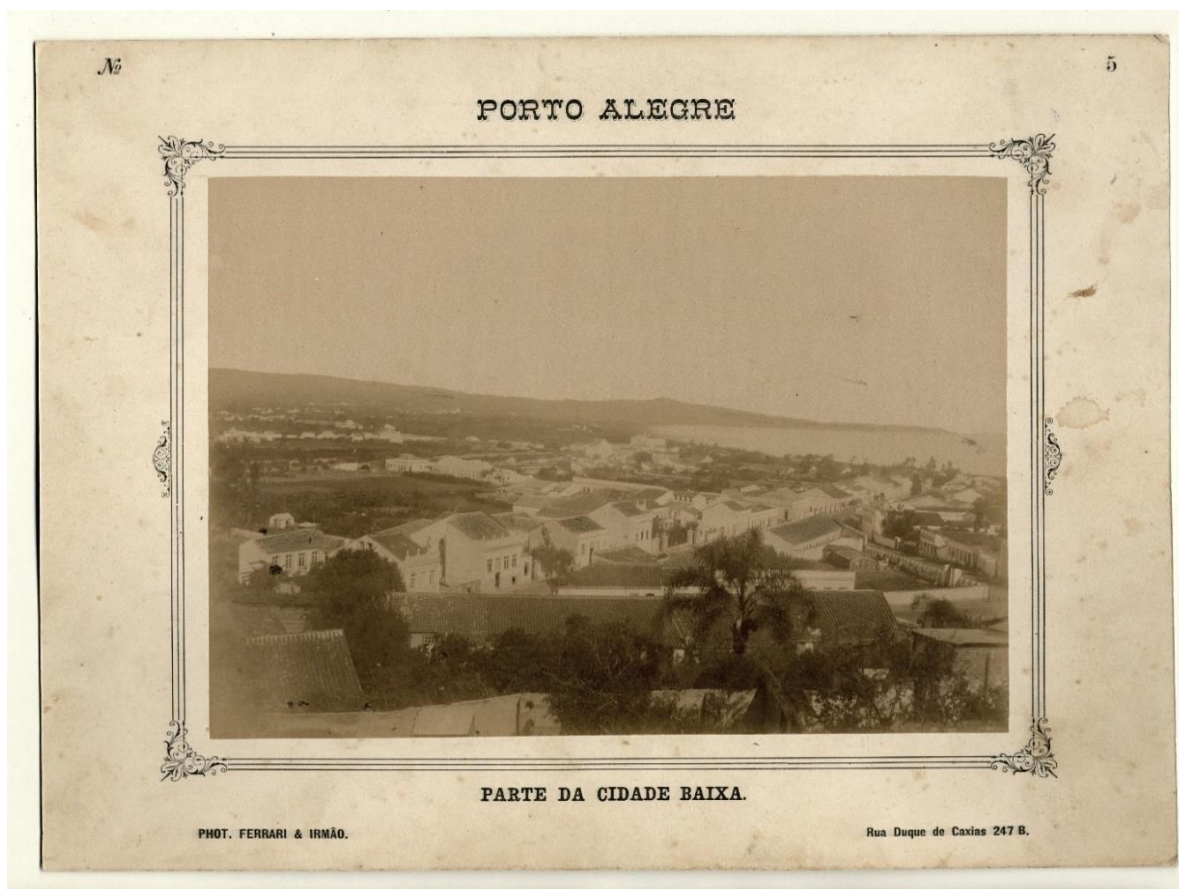
A Ponte de Pedra é um monumento bastante significativo do bairro. Em 1825, tendo como motivação a demanda dos moradores, foi construída uma ponte de madeira sobre o Riacho junto de sua foz no Guaíba. Após sucessivas tentativas de conserto e reconstrução, a ponte de madeira foi colocada em desuso pela construção da Ponte de Pedra, o que aconteceu entre 1846 e 1848 (FRANCO, 1998).

Existiu naquela região uma “ilha dentro da cidade” (VIEIRA, 2017), zona conhecida como Ilhota, cuja origem remonta ao início do século XX, quando o Arroio Dilúvio ainda sem ser canalizado passava pela Cidade Baixa e desembocava na Ponte de Pedra. Naquela época o Arroio nascia em Viamão e cruzava Porto Alegre de leste a oeste, em paralelo ao que hoje é a Avenida Ipiranga. Por ordem do intendente José Montauray entre 1904 e 1905 foram realizadas obras cujo objetivo era dar maior vazão aos arroios que banhavam a cidade, e que resultaram na formação de uma região ilhada.

Junto com o Areal Baronesa, a Ilhota era um dos lugares primordiais da territorialidade negra no pós-abolição, formando uma espécie de “cinturão negro” ao redor da região central, onde estavam os principais postos de trabalho disponíveis na época. As habitações irregulares de madeira conhecidas como “malocas” eram lugar de moradia de população predominantemente negra e estavam sujeitas a constantes inundações e investidas policiais (BOHRER, 2011; FRANCO, 1998; VIEIRA, 2017).

As fotografias são representativas do modo de olhar para a vida urbana de cada época – produzem uma narrativa específica sobre a cidade e as pessoas que nela vivem. Nesse sentido, a obra dos Irmãos Ferrari – Carlos, Jacintho e mais tarde Rafael Filho – destaca-se no acervo iconográfico que retrata a florescência da urbanização porto-alegrense. Eles foram pioneiros ao produzirem em 1886 um álbum vendido em fascículos cujo intuito era capturar o espírito progressista que rondava a cidade (ETCHEVERRY, 2007). Um dos panoramas escolhidos foi justamente o da Cidade Baixa, de modo que as fotografias tiradas do alto já revelam os indícios da ocupação vertical do bairro:

Figura 4 – Vista panorâmica da Cidade Baixa, final do séc. XIX .



Fonte: Acervo do Museu Joaquim Felizardo

No imaginário social, havia uma divisão entre duas cidades, alta e baixa. A Duque de Caxias era o lugar de onde se via a parte baixa, a Cidade Baixa, que crescia em população, edificações e ruas acompanhando os processos que aconteciam lá embaixo. Com a densificação do desenho urbano de Porto Alegre, houve uma série de reformas, sobretudo na área central, que convergiram para um projeto de cidade pautado pela ordenação dos equipamentos urbanos, o que atingiu diretamente a Cidade Baixa. Na próxima subseção apresento de forma sintética os principais pontos das políticas de planejamento urbano que afetaram a CB.

## 1.2 Reformas urbanas e o planejamento da cidade

Antes da abertura da Avenida Borges de Medeiros, a Cidade Baixa constituía assim como que um complemento do resto de Pôrto Alegre. O povo que habitava naquela zona era olhado “por cima dos ombros” e considerado gatinha, que só comia carne, arroz e feijão (MAZERON, 1949, p. 156).

Se no passado o bairro já foi considerado lugar de “gente desclassificada”, pobre e negra, atualmente compreende camadas médias urbanas e seus moradores são em maioria brancos. A configuração atual foi sendo delineada paulatinamente ao longo das primeiras décadas do século XX, a partir de políticas públicas guiadas pela noção de que determinados corpos e formas de viver deveriam ser expulsos dos espaços urbanos centrais. Junto com a ordem burguesa, consolidou-se em Porto Alegre o discurso normativo de uma cidade higienizada, planejada e ordenada.

Nas últimas décadas do século XIX houve "(...) legal e publicamente espaço para uma campanha contra as moradias de pobres no centro da cidade" (PESAVENTO, 2001, p. 122) com vistas a eliminar os problemas sanitários e impor códigos de conduta; contudo, é no século seguinte que as medidas de controle alcançam maiores dimensões. A vida urbana ganhava outros impulsos: conforme demonstram as estatísticas, a população de Porto Alegre passou de 52 mil habitantes em 1890 para 115 mil habitantes em 1910, o que demandou proporcional ampliação dos serviços e equipamentos urbanos:

A Porto Alegre das primeiras décadas do século XX portanto, já contém em si o drama das grandes cidades da época, sofrendo, contudo, com problemas locais: o trânsito de pedestres, carroças, carros e bondes e sua área central; os cuidados com o asseio público, com a coleta de lixo e matérias fecais a implantação de sistemas de esgotos, de iluminação pública, de abastecimento d'água. (PESAVENTO, 1991, p.43)

A administração do Intendente José Montauray (1897-1924), com viés positivista, incentivou políticas que foram o germen dos atuais Planos Diretores. Importando os princípios do urbanismo francês que tinha o tripé saneamento, circulação e embelezamento como horizonte, o engenheiro João Moreira Maciel elaborou em 1914 o Plano Geral de Melhoramentos, que planejava um conjunto de reformas grandiosas para as quais não houve verba suficiente. Foi nas administrações posteriores, de Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937) que algumas das obras previstas, como a abertura da Avenida Borges de Medeiros, foram concretizadas. A canalização do Arroio Dilúvio, outra obra planejada, não sairia tão cedo do papel. Souza (2010) ressaltou em seu profundo estudo sobre o Plano que embora estivesse ali o esboço de um planejamento que abarcasse a cidade em sua totalidade, as áreas centrais foram privilegiadas. O grande trunfo do Plano foi, na verdade, lançar as bases do planejamento urbano de Porto Alegre.

José Loureiro da Silva (1937-1943 e 1960-1964) é lembrado como o prefeito que elevou Porto Alegre ao estatuto de metrópole, trazendo o almejado “progresso” às formas de ocupação da capital gaúcha e dando adeus ao passado colonial. As grandes obras realizadas tinham como principal viés o ideal estético de uma cidade moderna: verticalização avenidas largas, higiene.

Homem de confiança de Vargas, o primeiro mandato do prefeito-reformador coincide com a instauração do Estado Novo e a forte presença estatal na forma de conduzir a cidade. A construção da Avenida Farrapos, da Salgado Filho e da André da Rocha, além da ampliação da Borges de Medeiros e da João Pessoa são resultados dessa gestão (MONTEIRO, 2006).

A relação com as águas urbanas é fundamental para o entendimento de como a Cidade Baixa ganhou as feições atuais. Como lembra Burin (2008), o estigma que pairava sobre o bairro era alimentado pelas constantes inundações e condições de vida precárias que delas derivavam. Com o sucesso das obras públicas que embelezaram o centro de Porto Alegre, o Arroio Dilúvio representava um empecilho ao avanço da urbanização e passou a ser alvo de sucessivas investidas. A impactante enchente de 1941 foi o estopim para o começo das obras de canalização do Riacho, no final da primeira gestão de Loureiro da Silva.

O perfil arquitetônico da Cidade Baixa passou também por grandes transformações, principalmente nas principais vias do bairro. O casario de porta e janela de estilo luso-brasileiro era bastante comum na região e imprimiu traços particulares à CB, ao menos até meados do séc. XX (MENEGOTTO, 2020). O Plano Diretor de 1959 repercutiu de forma significativa para o começo do processo de verticalização da CB: para a execução de obras, casas antigas foram demolidas e prédios mais “modernos” foram sendo construídos no lugar. De acordo com a arquiteta Reis (2014, p. 9):

O plano de 1959 previu obras de demolição do casario local para reconstrução da região da 1ª Perimetral, que impactaram a paisagem local. A operação acabou por deixar “ao chão” grande parte do bairro, e por descaracterizá-lo com a inserção de grandes vias de circulação desproporcionais a unidade dos lotes originais.

Apesar da grande incidência de edifícios residenciais cada vez mais altos, a total destruição do passado arquitetônico da Cidade Baixa encontra alguns entraves. A Travessa dos Venezianos, objeto de estudo da etnografia de Canani (2004), é um exemplo de como através do processo de tombamento o patrimônio arquitetônico pode ser preservado e significado no cotidiano de seus moradores. Nesse caso, a noção de patrimônio é mobilizada em conjunto com a de herança e de pertencimento àquele lugar e àquela comunidade, um cenário diferente do que ocorre no entorno.

No bojo do milagre econômico brasileiro propagandeado pela ditadura militar, o desenho urbano de Porto Alegre passou por profundas mudanças. Foi na gestão de Thompson Flores (1969-1975) que se concretizou a abertura da Primeira Perimetral, já planejada por gestões anteriores:

A abertura da Primeira Avenida Perimetral exigiu a construção do complexo de túneis da Avenida Conceição e das passagens elevadas sobre as Avenidas Alberto Bins, Farrapos e Voluntários da Pátria, bem como dos viadutos nas Avenidas João Pessoa e Borges de Medeiros. Obras que previam a desapropriação de 349 mil metros quadrados de terrenos e a de 57 mil metros quadrados de prédios, edifícios e armazéns em seu trajeto, que seriam realizadas num prazo de 24 meses. Efetivamente, elas foram realizadas num prazo de três anos, evidenciando um incrível aporte de capitais no contexto do “milagre econômico brasileiro”, da centralização das decisões político-administrativas de endividamento público e de controle das resistências da sociedade civil às desapropriações e rápidas mudanças urbanas que descaracterizaram a paisagem de áreas antigas da cidade. (MONTEIRO, 2006, p. 340)

Não por coincidência a Perimetral foi batizada de Avenida Loureiro da Silva, em homenagem ao prefeito que marcou a história porto-alegrense com seu ímpeto reformador. Perimetral deriva de perímetro: são vias públicas de grande extensão que ligam as partes da cidade. É importante, no entanto, ressaltar que as reformas urbanas não foram exclusividade de Porto Alegre, pelo contrário, em todo o país desde a derrocada do Império e mais fortemente nas primeiras décadas do século XX foi preciso imprimir nos espaços públicos a maneira capitalista de fazer-cidade: viadutos, concreto, vias extensas propícias para a circulação de carros, motos e ônibus. Em *Paisagens Paulistas: transformações do espaço público*, por exemplo, Arantes (2000) explora as reformas urbanas que tornaram São Paulo a metrópole tal como hoje a conhecemos, focando sobretudo na zona central e no Viaduto do Chá, que já foi considerado o símbolo máximo da “metrópole que mais cresce na América Latina” (p. 46). A partir de sua análise, o autor demonstra como a experiência urbana é pautada por dimensões simbólicas e políticas, cabendo à antropologia observar como se articulam as edificações dos espaços urbanos e as relações sociais que com eles se desenvolvem.

Voltando para a capital gaúcha, Franco (1998) chamou de “cirurgias urbanísticas” as radicais mudanças pelas quais passou a Cidade Baixa. O caso da Rua Avaí é bastante emblemático nesse sentido. O antigo Beco do Firme, logradouro que se desenvolveu ao longo do séc. XX, teve sua extensão radicalmente reduzida pelas obras, sendo “absorvida” pela Primeira Perimetral. Hoje a Avaí não passa de uma ruela entre a Av. João Pessoa e a Perimetral. Na região próxima à Várzea ficava o Candombe da Mãe Rita, segundo rememora Coruja (1996), lugar essencial para a fundação da religiosidade de matriz africana no Rio Grande do Sul, sobretudo o Batuque, onde as sociabilidades entre pessoas negras escravizadas e libertas

não sofriam investidas policiais recorrentes, como era comum em becos, prostíbulos e outras áreas.

A população negra da Cidade Baixa sofreu sua mais drástica redução por meio das sucessivas tentativas de extinguir a Ilhota, o que obteve êxito completo na década de 70 com o Projeto Renascença. A presença dos corpos dos habitantes da Ilhota e das malocas onde moravam em uma região tão central representava um impasse ao projeto de uma Porto Alegre limpa e moderna. Nos jornais da época falava-se da região enquanto "(...) bolsa de estagnação a seccionar a escalada ao desenvolvimento" (CORREIO DO POVO, 1968 apud SOUZA, 2008), um bolsão de pobreza que se colocava às margens do progresso da cidade planejada. Na época, a produção do espaço urbano foi forjada pelas prerrogativas da ditadura - Estado de exceção que promoveu ação eugênica e de higienização social, que priorizou a desarticulação dos territórios negros e pobres e não a sua inclusão na malha urbana (BOHRER, 2011). Nas entrelinhas do Projeto estava a valorização imobiliária da região que abrangia grande parte dos bairros Menino Deus, Cidade Baixa, Medianeira, Azenha e Praia de Belas (SOUZA, 2008). Com isso, surgem o bairro Restinga<sup>11</sup> e vias como a Avenida Érico Veríssimo. A Ilhota tem seu fim decretado.

No relato encontrado no livro *História dos bairros – Restinga*, fica evidente a violência estatal que acompanhava a consolidação do embranquecimento da Cidade Baixa:

Nós estávamos lá na Ilhota, na Praça Garibaldi, do Centro (...) foi de lá que eles nos trouxeram nessa época. Chegaram aqui, nos largaram e depois de duas semanas eles vieram levantar as casinhas. Nós estávamos numa barraquinha e viemos num caminhão da prefeitura (...) Eles avisaram que todos viriam para cá, e quando nós viemos, eles chegaram (...) disseram que a gente era obrigado a vir porque tinham que entregar as terras pra fazer escritório (...) No começo, quando eu vim para cá, eu ia trabalhar, me sentava na Praça Garibaldi e ali eu chorava que nem sei, para não vir embora pra casa. (NUNES, 1990, p.17)

Em nome da ordem e do progresso, centenas de família foram expulsas dos seus lugares de sociabilidade e o total controle sobre o curso do Arroio Dilúvio foi efetivado, de forma que os bairros da região assumiram a atual configuração étnico-social. Conforme salienta Souza (2008), a eliminação da Ilhota e a reurbanização da área centro-sul da cidade foi celebrada como um dos grandes trunfos do Projeto Renascença. Em 1979, o então prefeito Guilherme Socías Villela entregou uma Porto Alegre ainda mais embranquecida.

<sup>11</sup> É o maior bairro da região extremo-sul de Porto Alegre. Tem 60. 729 habitantes, sendo um dos bairros com a maior concentração de população autodeclarada negra (37,6%) (IBGE, 2010). O trajeto do Centro até a Restinga leva cerca de uma hora de carro, dependendo do trânsito, e quase o dobro desse tempo de transporte público.

Não só a partir da mobilização figuras históricas, fatos, e políticas públicas compoem meu entendimento sobre a Cidade Baixa e sobre como o bairro foi e é vivenciado. Na próxima subseção, apresento algumas das balizas teóricas com as quais eu conduzi minha pesquisa. No decorrer dos capítulos, vou também explorando outras categorias e abordagens teóricas que ajudaram a delinear minha abordagem, unindo teoria e empiria.

### 1.3 Da cidade à Cidade Baixa

A tarefa de investigar as cidades coube perfeitamente aos anseios da disciplina antropológica. No caso brasileiro, ora bebendo de fontes da Escola de Chicago, ora aproximando-se dos estudos da Escola de Manchester, e mantendo também constante diálogo com a sociologia simmeliana, a Antropologia Urbana ganhou fôlego sobretudo a partir da década de 1970. Peirano (1999) destaca que a capacidade de combinar diferentes tradições teóricas é um dos méritos do conhecimento antropológico aqui produzido, o que fica bem nítido no campo de pesquisa em questão. A autora destaca também que a antropologia produzida em terras *brasilis* é, de certo modo, sobre o Brasil, sendo os estudos sobre as cidades permeados por uma *alteridade mínima*. Me filio, assim, ao rol de pesquisadores nos quais a ambiência citadina desperta a curiosidade intelectual de desvelar os seus porquês, situando no *Estudo das Sociedades Complexas* um marco incontornável para a compreensão das dinâmicas das metrópoles no contexto urbano-industrial. Ruben Oliven (1980, 1989, 2007) e Gilberto Velho (1980, 1994) são propulsores desse campo de estudos que se desdobrou em gerações de antropólogos e antropólogas que investigaram as mais variadas facetas da vida na cidade. Mais especificamente, defendo aqui a ideia de que um bairro que carrega em seu nome a Cidade tem muito a dizer sobre ela e, mais do que isso, sobre como se desenrolam as experiências citadinas. Não pretendo, no entanto, no espaço desta dissertação dar conta da vasta literatura produzida no campo da Antropologia Urbana<sup>12</sup>, mas sim destacar abordagens teóricas que foram importantes para nortear o modo com o qual tenho compreendido a Cidade Baixa.

---

<sup>12</sup> Gilberto Velho inicia seu clássico *A utopia urbana* (1973) com a seguinte afirmação: “Pretendo, com este livro, dar início a uma série de trabalhos sobre o meio urbano, com uma abordagem antropológica” (Ibid., p.1). A pretensão do autor vigorou e, além disso, resultou na formação direta e indireta de gerações de antropólogos e antropólogas que privilegiaram as cidades, sobretudo as metrópoles, como *loci* de análise. Outros títulos como *Individualismo e cultura* (1980), *Nobres & Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia* (1998) e *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (1994) formam o corpo teórico-conceitual com o qual aprendemos que o “outro” da Antropologia pode morar ao lado. Em uma geração anterior, Eunice Durham e Ruth Cardoso foram responsáveis por promover e orientar na USP pesquisas em que o engajamento político e a condição de classe são essenciais à vida urbana. As pesquisas de Ruben Oliven (1980, 1989, 2007) e de seus orientandos/as são também primordiais para consolidar no Brasil uma abordagem etnográfica que desse conta diversidade dos grupos urbanos e de suas produções simbólicas. No livro *A antropologia dos grupos urbanos* (2007), o autor faz



Parto da perspectiva de Agier (2015) para o qual inexistente desencontro entre uma cidade imensa, complexa e supostamente impenetrável e a antropologia. Como objeto de pesquisa antropológica, o acesso à cidade se dá por seus lugares. É preciso, pois, deslocar o olhar de concepções normativas e apriorísticas acerca das dinâmicas cidadinas para entendê-las a partir dos sujeitos em suas vidas sociais ordinárias. Conforme destaca Frúgoli (2019), é necessário levar a sério a relação das pessoas com a cidade como algo que vai muito além de um mero pano de fundo. Entendo, por isso, que não se justifica a polaridade entre antropologia *da* e *na* cidade, já que uma por meio de uma mirada etnográfica composta pela atenção às práticas e sociabilidades na Cidade Baixa intento também uma compreensão da Cidade Baixa (ECKERT ROCHA, 2013b). Ruas, travessas, edifícios, sobrados, casas e estabelecimentos não são entendidos como meros equipamentos urbanos, destituídos de conotações práticas e simbólicas. Pelo contrário, são os espaços onde a vida urbana acontece, já que os espaços da cidade aparecem contrapondo, justapondo e complementando importantes relações com a cidade (DE CERTEAU, 2012; ECKERT; ROCHA, 2013a, 2013b; JACOBS, 2000; MAGNANI, 1999). .

Tomo a noção de sociabilidade emprestada da sociologia de Simmel, que a define como “a forma lúdica da sociação” (1983, p. 168). Para o autor, a constituição do mundo social se dá pela existência das formas de sociação, que por sua vez resultam da interação, ou das possíveis formas de estar um com o outro. Mobilizo a sociabilidade como ferramenta teórica para entender os arranjos em que “(...) cada indivíduo deve garantir ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores recebidos por esse indivíduo” (SIMMEL, 2006, p. 69). As sociabilidades realçam a dimensão coletiva do estar na cidade: é por meio delas que lidamos com o outro e também que estabelecemos relação com o espaço urbano. Frúgoli Jr. (2007) em *Sociabilidade Urbana* explora a gênese do conceito e suas implicações para a Antropologia Urbana, remontando desde Simmel até abordagens contemporâneas. Como ponto de partida da análise e compreensão da vida urbana, é privilegiada a figura do cidadão, que ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus vários lugares, e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos. As pesquisas etnográficas centradas nas sociabilidades urbanas são, de acordo com o autor, um convite a adentrar em uma cidade relacional.

---

uma espécie de defesa de como as ferramentas analíticas da antropologia podem ser úteis à análise dos fenômenos urbanos, além de apresentar um levantamento da produção e dos principais temas pesquisados até aquele momento: migração e trabalho, formas de sociabilidade no contexto urbano, religião, lazer. Desde então, ampliou-se consideravelmente o leque temático e o número de pesquisas, em consonância com a expansão da pós-graduação nas Universidades brasileiras.

Conforme venho argumentando, as sociabilidades noturnas têm um conteúdo simbólico específico. Os encontros propiciados por festas, shows, mesas de bar ou mesmo aqueles que acontecem na rua são terreno fértil para práticas de conteúdo sociativo e cultural que permite que a sociabilidade, em seu sentido formal, de interação lúdica, gratuita e espontânea aconteça (Simmel, 1983). As facetas da noite em Córdoba, na Argentina, são objeto de pesquisa do grupo Blázquez, vinculado à CONICET. A diversão, o entretenimento, o tempo livre, a dança, o consumo de bebidas alcólicas e de drogas, principalmente entre jovens, são analisados como dispositivos de construção performativa de subjetividades, o que vem sendo chamado de *antropologia de la noche*. A noite, nesse caso, transcende sua categorização temporal: é “(...) uma experiência, uma forma particular e efêmera de estar no mundo”<sup>13</sup> (Blázquez e Liarte, 2018, p. 199). De acordo com tal abordagem, as sonoridades, cores, sabores e cheiros e sensações experimentadas nas dinâmicas noturnas são produzidas em oposição ao controle comportamental que acontece no cotidiano diurno. A perspectiva de Maffesoli (2004) é também interessante para tratar dos lugares de entretenimento como condutores de trocas, de partilhas, do estar-com, estando por isso investidos de forte carga afetiva e subjetiva: “As pessoas se reúnem, reconhecem umas às outras e, com isso, conhecem a si mesmas” (p. 58). Para o autor, o ajuntamento motivado por estabelecimentos como bares, por exemplo, pode ser encarado como meio de circulação das expressões culturais de dada sociedade.

Caminhando pelas principais vias da CB, consigo observar algumas das nuances do mundo anunciado pelo personagem João. Farmácias, padarias, ferragens, supermercados e cafés se sobressaem como lugares de sociabilidade, de gente indo e vindo a todo momento. Quando a noite entra em cena outro tipo de estabelecimento ganha fôlego: bares, casas de festa, restaurantes, botecos e hamburguerias disputam a preferência de quem costuma frequentar o bairro. No livro *Consumindo lugares, consumindo nos lugares*, resultado da tese de França (2012), a autora percorre três lugares de sociabilidades voltadas ao lazer noturno de homens gays, na cidade de São Paulo. Com base em dados etnográficos, ela indica como os mecanismos de diferenciação e de construção de lugares de pertencimento concerne à dimensão dos modos de consumir em articulação com os modos de ser no mundo social. De volta à CB, a diversidade de atrações/estabelecimentos que o bairro oferece conecta-se a também plurais formas de relação – prática e simbólica – com os lugares da cidade, buscada por pessoas com interesses diferentes. Passantes, frequentadores, praticantes ou moradores. De Certeau (2012) fala também das “maneiras de fazer” pautadas pelo consumo e pela reapropriação do espaço, como uma arte

---

<sup>13</sup> Tradução da autora.

cotidiana de inventar a multiplicidade do agir urbano. Sob tal lógica, as operações ordinárias de ordenamento da vida social passam a ter sentido pela proliferação de “patchworks do cotidiano” e de práticas do espaço. São operações quase microbianas, porém alteradoras do funcionamento das dinâmicas citadinas. Os hábitos de consumo e os códigos de conduta compartilhados que se estabelecem no cotidiano citadino são também objeto de estudo de Magnani (1993, 2007). Para ele, as formas de apropriação da cidade mediante seus usos remetem à vivacidade dos encontros e do cruzamento de sociabilidades distintas. A leitura da cidade - ou, nesse caso, do bairro - aqui proposta é um esforço no sentido de captar como diferentes formas de sociabilidade coexistem, contrapõem-se ou entram em conflito pelo espaço (Ibid.).

A cidade e tampouco a noite são silenciosas, de modo que a noção de *sociabilidades barulhentas* proposta por Arantes (2000) contribui para a apreensão da polifonia do modo de viver urbano. Música, barulhos de conversas e de carros passando são uma constante. Em se tratando de um bairro cujo traço distintivo são as sociabilidades relacionadas ao lazer noturno, são exacerbadas as situações em que o barulho que vem das ruas causa a indignação de parte dos moradores. Diante disso, a exploração das controvérsias que as dinâmicas noturnas impõem à CB colocam-se como ponto central de minha pesquisa. Tenho como inspiração a abordagem situacional apontada por Agier (2015) como alternativa para “ver como a cidade vive” (p. 39). A investigação dos enredos de uma cidade relacional exige do etnógrafo a observação de situações que emergem em tom processual. O modo de apreensão situacional permite verificar que a um mesmo lugar podem ser atribuídos diferentes significados, na medida em que o conhecimento antropológico sobre a cidade vai sendo tecido em sintonia com as práticas observadas diretamente e em situação (Agier, 2011):

Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo... Trata-se de uma interrogação que diz respeito aos cidadãos e à sua experiência de cidades. A cidade já não é considerada “uma coisa” que eu possa ver nem um “objeto” que eu possa apreender como totalidade. Ela transforma-se num todo decomposto, um holograma perceptível, “apreensível” e vivido em situação. ( p . 38)

Agier ainda toma de empréstimo as noções da Escola de Manchester e, sobretudo, de Clyde Mitchell (2010) para seus estudos situacionais. De acordo com essa perspectiva é preciso certo *shared meaning* (sentido compartilhado) para a percepção social e não individual daquilo que é observado em escala microssocial. O elementar da vida urbana está, por excelência, em contínuo fazer compartilhado. A recente publicação *Práticas, conflitos e espaços*, organizado por Frúgoli Jr., Spaggiari e Aderaldo (2019), é um compilado de pesquisas fundamentadas nesta

mesma perspectiva que busca conhecer as cidades a partir das experiências cotidianas dos cidadãos, dos seus lugares e situações concretas – dinâmicas vividas nos bairros, nas ruas, nas redes de sociabilidades. Em especial, o artigo de Fazzioni (2019), *Através da rua: outros pontos de vista sobre a Lapa carioca*, bem como a dissertação da mesma autora (2015) tornam-se referência para a compreensão de como um mesmo bairro pode ser acionado e significado de diferentes maneiras por meio de práticas cotidianas também diferentes, seja no Rio de Janeiro ou em Porto Alegre.

O uso das ruas e sua importância para entender como a Cidade Baixa é feita, refeita e praticada, me leva, por conseguinte, a situá-la como objeto de estudo antropológico. Seguindo os passos de Magnani (1993), considero que a “rua que interessa” é a que dá suporte a diferentes sociabilidades. No bairro, o que busco encontrar são as “(...) regularidades – no espaço, nos comportamentos, nos estilos de vida – que uma leitura antropológica pode revelar. ( p. 3). Em diálogo com a antropologia portuguesa, a obra de Cordeiro (2018, 1997) é referência para a compreensão das sociabilidades que acontecem nas ruas como algo elementar à vida urbana. A partir das quase três décadas dedicadas ao estudo do cotidiano de bairros lisboetas, a autora identificou que bairro não é fruto somente de produção endógena, mas sim um assunto que resulta da constante interação entre um “dentro” e um “fora”

A multiplicidade das formas de ocupação, das práticas e dos significados simbólicos dos quais o estar na rua à noite pode ser revestido são o que observei sob a ótica da investigação antropológica. Etnografar a rua impõe um mergulho em suas dinâmicas: é preciso um olhar pormenorizado, atento e sensível. Com isso, afino-me especialmente à proposta de uma etnografia de rua:

Assim é que uma etnografia de rua percorre o sensível, se perguntando sobre os gostos paixões, os dramas que impregnam a vida das ruas e configuram a cidade, evocando as imagens que permitem descrever e interpretar este universo: gestos, posturas, conversas, encontros, ruídos, e tudo que configura a vida cotidiana se apresenta plena de sentidos. As formas da vida social configuradas na objetivação do espírito carregam consigo a força dos simbolismos que as originam, das emoções que lhe são atribuídas na medida em que são vividas, elaboradas e reelaboradas. A poética da rua, portanto, refere-se aos sentidos e simbolismos que orientam as ações dos sujeitos e suas formas de adesão à rua, como espaço de sociabilidade, de trabalho, etc. (ECKERT; ROCHA, 2013a, p. 15)

O deslocamento como forma de compreensão dos fenômenos urbanos é um duplo movimento: o caminhar – ato mais ordinário do cotidiano – é investido de outros significados. Através das caminhadas me proponho ao encontro com os *praticantes da cidade* (DE CERTEAU, 2012), experienciando suas tramas, percorrendo alteridades e fazendo emergir as narrativas dos lugares. Como destacam Eckert e Rocha (2013a), ter uma câmera em mãos

potencializa os processos de adesão à vida urbana, de modo que fotografar é um meio de acessar as camadas significativas do universo citadino. Em se tratando de práticas de pesquisa, considero que a produção e a coleção de imagens pode contribuir para a elaboração de estratégias narrativas sensíveis sobre a cidade e seu dinamismo, não como mero apêndice, mas como elemento que interpenetra descrições textuais, conferindo à pesquisa etnográfica maior potencial analítico (CAIUBY NOVAES, 2009). Nos próximos parágrafos, apresento minhas primeiras incursões pelas principais ruas da CB, compondo assim um mapeamento do universo de pesquisa.

#### 1.4 Caminhar e conhecer o bairro: primeiros passos de uma etnografia de rua

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. (BENJAMIN, 1994, p.73)

As ruas exercem certo fascínio sobre as pessoas. Elas são a materialidade, o urbano em sua face mais concreta, mas também é por meio delas que estabelecemos relação poética e afetiva com a cidade. O lirismo de Charles Baudelaire, evocado por Walter Benjamin (Ibid.), traz no *flanêur* um observador que caminha por Paris e carrega consigo sentimentos conflitantes sobre sua cidade: o poeta dos deslocamentos vive no seio da modernidade ao mesmo tempo em que rememora as ruínas do mundo social anterior. O caminhante-observador que floresce do cruzamento entre os dois autores traz em sua experiência citadina o cotidiano vivido, fundindo suas narrativas com os significados urbanos que vão sendo tecidos nas e pelas andanças. Alinho-me ao projeto teórico benjaminiano para uma aproximação com as narrativas sobre a Cidade Baixa – ou sobre suas ruas – cujo intuito é observar o presente olhando para o passado. Aterrissando em Porto Alegre, proponho um passeio exploratório pelas principais vias do bairro através de sua história, da sua gente das suas memórias. São os primeiros passos para uma etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013a).

Comecei minha pesquisa caminhando por entre as ruas da Cidade Baixa, experienciando e observando suas nuances e sutilezas. O trajeto que fui compondo ao andar pelo bairro foi direcionado por suas próprias dinâmicas: onde havia mais gente, lá estava eu, de modo que pude entrar em contato com os personagens que fazem da CB lugar de encontro. O bairro apresenta na complexidade de sua tessitura várias camadas ou aberturas de análise antropológica. Não fui a primeira, quiçá serei a última pesquisadora a escolher as ruas do bairro como lócus de observação. Sob o viés dos estudos de gênero, Damo (2007) realizou etnografia sobre como homens e mulheres experenciam as peladas na rua Leão XIII. Já Silveira (2002) no

artigo *A poética do vivido: uma etnografia do cotidiano na Cidade Baixa – POA/RS* evidencia sob a ótica do deslocamento as singularidades das sociabilidades circunscritas nas calçadas e estabelecimentos da Cidade Baixa, e os ritmos cotidianos que são incorporados por quem os frequenta. Inspirado na abordagem de Hélio Silva, o autor narra o bairro a partir de uma divisão entre dia e noite:

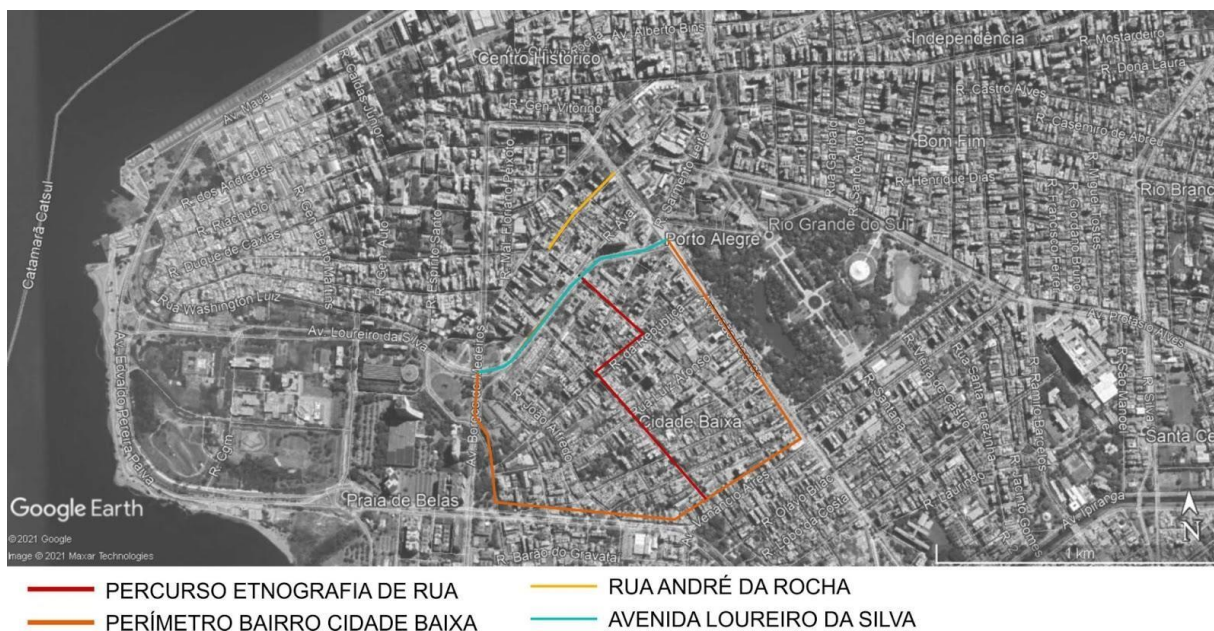
*Caminhar pela Cidade Baixa é percorrer uma porção de Porto Alegre que contém a singularidade de ser uma área que resguarda certa relação com a boêmia, portanto, há nela pelo menos dois ciclos, com dinâmicas diversas, ou seja, há uma Cidade Baixa que tem a ver com um ciclo mais diurno, onde reina a família, o jogo de bola, a brincadeira de roda, o passeio com cachorro, as vovós e vovôs, a escola, os sabiás e cambacicas sobre os jacarandás. Por outro lado, há um ciclo noturno, no qual os cafés e bares funcionam como espaço de sociabilidade, cuja movimentação se inicia com o entardecer e culmina com o amanhecer no Van Ghogh, por exemplo. Na noite, os corpos circulam pelas esquinas, quase caça ou mesmo ela, quando tudo desemboca na Redereca (a gíria que denomina a Redenção entre os gays) (p. 25-26) (grifos meus)*

Apesar dos poucos anos que separam o texto de Silveira (Ibid.) de minha pesquisa, a noite mudou bastante no bairro. As formas de sociabilidade mudaram, as pessoas mudaram, os estabelecimentos mudaram e as ruas e calçadas foram revestidas de significados ainda mais essenciais ao entendimento de como a CB acontece em seu cotidiano. A noite revela um outro bairro, uma outra cidade, uma outra Cidade Baixa. Tal como entendo, são as dinâmicas noturnas e os impasses por elas geradas que singularizam o bairro em questão no quadro mais amplo de Porto Alegre. Por isso, elegi as caminhadas noturnas como meio para desbravar a Cidade Baixa, sendo a Rua General Lima e Silva como primeiro destino.

No linguajar êmico, Cidade Baixa vira CB e General Lima e Silva vira Lima. A Lima hoje começa no final da Avenida Desembargador André da Rocha, no Centro, e termina na Avenida Ipiranga, cruzando toda a CB. De acordo com os limites formais entre os dois bairros, eles são separados pela Avenida Perimetral, pela qual a Lima e Silva passa perpendicularmente. Morei na André da Rocha entre 2019 e 2020, por isso para chegar a meu destino de pesquisa caminhava por uma quadra da Lima, ainda no Centro, atravessava a Perimetral, e finalmente chegava à CB. A ligeira caminhada, que não leva cinco minutos, abre como um portal de entrada para outro universo. Quando durante a noite entro no trecho da Lima e Silva onde, para mim, começa meu universo de pesquisa. É lá onde começa a emergir no tecido urbano um outro lugar, com seus afetos e afetações próprios, um bairro vivido conforme vários ritmos. Há toda uma aura que só existe na Cidade Baixa. Na André da Rocha, nada além dos postes de iluminação pública e da lua iluminam a rua. Uma ou outra lâmpada acesas nos apartamentos chegam nas

calçadas. Ao cruzar o portal que separa meu lugar de moradia do de pesquisa, a luminosidade vem de várias fontes: as placas dos estabelecimentos são coloridas e brilham, há muitos carros transitando, e a polícia com suas luzes vermelhas é uma presença garantida.

Figura 5 – Mapa dos limites do “portal” que separa minha casa da Cidade Baixa



Fonte: Elabora pela autora com base no Google Earth e com a colaboração de Melina Silveira (2021)

No segundo prédio da rua, logo depois da esquina onde fica um prédio residencial, fica um bar conhecido pelas noites de música ao vivo. Depois, um restaurante seguido por um bar, uma lancheria e outro bar. Do outro lado da rua, fica uma hamburgueria, dois prédios residenciais e um bar. O padrão bar-prédio residencial-restaurante-bar repete-se por toda a extensão da Lima, e ainda que haja outros tipos de estabelecimento, os voltados às sociabilidades noturnas predominam, principalmente nas primeiras quadras. Não há o que não haja por lá: bar com cerveja barata, pizzaria, boteco, cinema, bar especializado em drinks, tabacaria, pastelaria e casa de festas estão entre as opções de entretenimento. As linhas que seguem são um relato especializado (DE CERTEAU, 2012) que localiza na cidade as ruas que percorri e os estabelecimentos que observei: seus lugares e seus sujeitos.

Antes de ser Lima e Silva e de conglomerar bares e restaurantes, era chamada Rua da Olaria por causa da fábrica de tijolos localizada na região<sup>14</sup>. É de 1870 a denominação atual – uma homenagem ao ilustre morador General Luiz Manoel de Lima e Silva, comandante da Guarda Nacional do Município que lutou na Guerra do Paraguai junto ao 39º Batalhão de Voluntários da Pátria. É preciso ainda destacar a boa repercussão da campanha abolicionista entre os moradores da Lima e Silva. “Na Rua Lima e Silva todos são livres!”, dizia uma placa fixada na rua em agosto de 1884, segundo noticiado no jornal A Federação (FRANCO, 1998; TERRA, 2001).

Nas quatro quadras da Lima e Silva que eu percorri em cada final de semana de março, de 2019 a março de 2020, contabilizei 26 estabelecimentos voltados ao lazer noturno. São diferentes entre si e atraem público também diverso. Aqueles de menores proporções se vinculam à calçada do entorno – as sociabilidades extrapolam os estabelecimentos e assumem autonomia em relação ao espaço comercial. Na Cidade Baixa, são os jovens que predominam em se tratando da apropriação dos espaços públicos durante a noite. Há ainda alguns botecos, como o Cotiporã, frequentados por pessoas de faixa etária mais elevada e que optam por ficarem sentadas. Com o avançar dos capítulos, ficará mais evidente o porquê dou tanta ênfase às ruas como chave analítica primordial de minha pesquisa. Agora, adianto que as aglomerações nas ruas serviram como farol que me guiou pelo bairro.

Mais do que a profusão de estabelecimentos, são as práticas cotidianas que dão à Cidade Baixa seu caráter singular. Afinal, são muitos os personagens e os encontros fortuitos que a noite possibilita. Ali nada nunca é igual, pois na Cidade Baixa cada noite promove confluências e interações não previstas. Ainda que os mesmos elementos entrem em cena – pessoas, bebidas alcoólicas, músicas – os arranjos entre eles carregam possibilidades estéticas e rítmicas que colocam em jogo conteúdos simbólicos tecidos a cada experiência – o bairro é um constante fazer para quem usufrui dele. Copos, corpos e caixas de som se justapõem ao cinza do concreto e lhe dão outras tonalidades e sonoridades. Conforme apresentado mais adiante, é o pulsar das ruas que incomoda alguns moradores que desejam manter intacto o caráter residencial de seu bairro.

---

<sup>14</sup> Em uma das chácaras da Cidade Baixa, propriedade de João José de Oliveira Guimarães, havia uma olaria cuja produção atendia a crescente demanda por materiais de construção. Já em 1813 houve uma medição judicial de tais terras, que tinham a frente para a Várzea – atual Avenida João Pessoa – e os fundos para aquela que ficou conhecida como Rua da Olaria (FRANCO, 1998).



Algumas vezes caminhei pela Lima durante o dia, apesar de privilegiar a noite. Nas manhãs, é comum que as garrafas de bebidas alcoólicas atiradas pelo chão, mesmo quando há lixeiras, sinalizem o movimento da noite anterior, o que é um dos motivos que fazem parte dos moradores do bairro serem contrários à intensa vida noturna. A circulação de pessoas, animais de estimação, bicicletas, carros e motos é constante. Há crianças, idosos, jovens, adultos de meia idade, pessoas transitando com sacolas de supermercados ou farmácias. Logo no alvorecer, os bares e outros estabelecimentos noturnos começam a abrir e roubam a cena. Com isso, a Cidade Baixa assume seu posto de coração da vida boêmia porto-alegrense, deixando de ser meramente um bairro central no qual há grande fluxo de pessoas e serviços.

O trabalho de campo é um rito de passagem para quem é antropólogo em formação (OLIVEN, 2007). Desde pelo menos Malinowski até hoje, as pesquisas e os títulos acadêmicos são fruto de um intenso convívio - mesmo que em diferentes gradações e formas - com o objeto de estudo. Conforme vivencio, o estar em campo não é igual para todos. Nosso corpo e as marcas que ele carrega são indissociáveis de como produzimos conhecimento e também de como nossos interlocutores nos encaram nos encontros que acontecem no decorrer de uma pesquisa. Pode uma mulher ser pesquisadora? E na noite?

“Tu tá sozinha?” me perguntou mais de uma vez um artista de rua cujo lugar na cidade é a esquina da Lima com a Rua da República. Meu corpo é mais um corpo entre a multidão de pessoas que diariamente passa por ali. Tenho um corpo marcado, no entanto. Os olhares que me rodeiam transmitem as assertivas de minha condição: sou uma mulher sozinha na noite. Os constrangimentos em relação às pessoas com quem converso na e sobre a Cidade Baixa repetem-se geralmente quando envolvem homens. Explico que sou pesquisadora e que não estou em busca de parceiros afetivos-sexuais, o que parcialmente resolve o “problema”. A recorrência de assédios disfarçados por jogos lexicais exige, no entanto, esforços de maior envergadura. Como diria Lévi-Strauss, essas situações são boas para pensar. É preciso, pois,

nos perguntar continuamente sobre como nosso campo nos afeta como antropólogas, ou como nos forja como tais, e nesse processo, forja também a própria pesquisa. Ou seja: refletir sobre como recebidas, definidas e manipuladas semanticamente em nossos campos de pesquisa específicos.” (BONETTI; FLESCHER, 2007, p. 21)

Minha postura em campo precisou se forjar a partir de minha condição potente de mulher-pesquisadora. O corpo passa de obstáculo à força motriz quando assumo a perspectiva de etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013). Os passos sistemáticos pelas ruas da Cidade Baixa se adensam e se tornam não uma forma de explorar o campo, mas sim uma das técnicas primordiais de conhecê-lo a partir de cada detalhe que vivo, sinto e observo quando caminho.

Caminhar é tornar a cidade um lugar de experiências significativas e que afetam todos os sentidos. Ao conhecer os *habitués* da CB e os lugares que frequentam, vou também demarcando meu próprio lugar no bairro.

Pessoas bebendo na rua. Sons, risadas e algumas doses de euforia juvenil. O encontro da Lima com a Rua da República<sup>15</sup> é outro ponto emblemático das dinâmicas noturnas do bairro. As esquinas por si só já são lugares destinados ao encontro. Em específico, o cruzamento da Lima com a República introduz em meu caminhar-pesquisar um outro microcosmo. Dali em diante, deixo de seguir pela primeira rua e continuo pela segunda em meu percurso pela CB. Embora tão próximas, as duas ruas pelas quais caminhei são bastante diferentes entre si. A República é revestida por paralelepípedos e suas calçadas são mais largas, configurando como que um convite para o *flanêur* desde o processo de urbanização do bairro. Quando caminho, as copas das árvores se sobressaem em relação aos edifícios e “invadem” a rua – de forma que meu olhar assume posição horizontalizada diante do que acontece. Novamente entendo com De Certeau (2012) a importância das práticas microbianas apreendidas por meio de uma observação desde baixo.

Figura 6 – Rua da Republica na década de 1930.



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

<sup>15</sup> Quando se aproximava a segunda visita de Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina à Porto Alegre, em 1845, o vereador Doutor Luiz da Silva Flores propôs que fossem abertas duas ruas “para marcar de um modo útil a próxima visita dos monarcas”, dando origem à Rua do Imperador e à Rua da Imperatriz. Os terrenos pertencentes a João Batista Soares da Silveira e Souza de uma parte, e a outros quinze herdeiros da outra, onde ainda no mesmo ano foram fixados marcos que indicavam o traçado da nova rua. Logo que foi proclamada a República, o antigo nome não resistiu e a Rua do Imperador passou a homenagear o regime político vigente: nascia, então, a Rua da República (Franco, 1998).

Durante o dia, na República são abundantes os cafés onde as pessoas se reúnem para conversar, estudar, ou mesmo para passar o tempo. Assim que chega a noite, a bebida quente é substituída por bebidas alcoólicas. Saindo da esquina da República com a Lima e Silva em direção à José do Patrocínio, encontro a máxima expressão da diversidade de gente e de lugares que a Cidade Baixa tem. Ali é comum encontrar pelo caminho mesas de madeira dispostas pela calçada. Estabelecimentos voltados ao público LGBTQ+ são numerosos nessa rua, assim como um bar conhecido por atrair público mais conservador. Na República pode-se escolher entre comida árabe ou coreana, mas não só isso. Cafés, bares, outros restaurantes, tabacarias, lojas de roupas e de produtos esotéricos, lojas de materiais de construção, lavanderias e centros culturais fazem parte desse universo particular, além de condomínios residenciais que convivem, nem sempre de forma pacífica, com os sons que vêm de fora.

O vai e vem das ruas da CB denuncia que o bairro está longe de ser pacato. Seguindo pela República, chego à José do Patrocínio<sup>16</sup>. Naquela rua não há como não cruzar por bicicletas ou ônibus. Além da ciclovia, o trânsito é alimentado pelo fluxo do transporte público que leva da região central à zona sul da cidade. A circulação de pessoas e suas práticas o que mais me interessa. Uma famosa sorveteria, localizada no cruzamento entre a José do Patrocínio e a Rua da República, atrai há décadas um público fiel aos doces sabores. A vitrine colorida e iluminada chama a atenção de crianças, mas pessoas de todas as idades vão lá diariamente. No inverno gaúcho, os crepes substituem os sorvetes como principal opção do cardápio. Cruzando a José do Patrocínio, chega-se a outra esquina entre as duas ruas. Lá é onde fica um bar movimento durante a noite. No lugar, as calçadas do entorno ficam repletas de cavaletes que anunciam a venda de bebidas e destacam as promoções. As características do estabelecimento atraem um público bastante jovem – que aparentemente não ultrapassa os 25 anos – e ocasionam uma ocupação intermitente dos arredores. Há apenas duas mesas pequenas de madeira, circundadas por cadeiras do mesmo material, um balcão onde pedidos e pagamentos são feitos, e um banheiro unissex ao fundo. Nesse caso, os frequentadores do estabelecimento direcionam suas

---

<sup>16</sup> Recebeu o nome atual em 1914 como homenagem a um ilustre jornalista abolicionista, ocasião na qual houve uma série de festejos populares para comemorar o gesto de simbólico de marcar através do nome da rua a presença negra naquela região (ROSA, 2014). Antes disso, era conhecida como Rua da Concórdia. A abertura deste logradouro começou oficialmente em 1870, mas se arrastou por décadas em virtude da dificuldade de negociar a desapropriação dos terrenos. Felicíssimo de Azevedo mostrou-se indignado com a lentidão das obras em sua coluna *Cousas Municipais*, principalmente quando soube – em 1883 – que considerável verba pública seria destinada às despesas de demolição e de construção de um muro no terreno das “beatas” do Convento do Carmo. É somente em 1911 que a já Rua José do Patrocínio atingiu seu desenvolvimento atual (FRANCO, 1998).

sociabilidades mais para a rua do que para o ambiente interno, o que difere de forma radical das práticas encontradas na sorveteria da outra esquina. A rua é plural, assim como a Cidade Baixa.

A história da José do Patrocínio está conectada aos primórdios dos movimentos negro e operário. Em 1892, a Estatística Predial registrou 108 prédios térreos e um sobrado na antiga Rua da Concórdia (FRANCO, 1998.) Entre os prédios estava o de nº 55, que sediou a Liga Operária Internacional e também a Sociedade Floresta Aurora entre as décadas de 1890 e 1900, o primeiro era porta-voz da emergente classe trabalhadora, e o outro era representante dos anseios da população negra no pós-abolição, buscando assim a unidade política entre os homens “de cor”. De acordo com Rosa (2014, p. 255): “Negros, imigrantes, proletários: todos eles compartilhavam agremiações e necessidades sociais nos espaços mais empobrecidos de Porto Alegre.” A Cidade Baixa era um desses lugares de sociabilidades compartilhadas e de comunhão de interesses: mais do que o endereço, as agremiações tinham em comum o ímpeto de denunciar as condições de vida dessas pessoas. Contudo, classe e raça não tinham os mesmos efeitos nos corpos: ainda que boa parte dos trabalhadores fossem também negros, não deixaram de existir relações hierárquicas entre as lideranças políticas do movimento operário.

No mesmo prédio da extinta Liga e da Sociedade Floresta Aurora hoje está localizado um estúdio de pilates. Multiplicam-se pela extensão da rua comércios de todo tipo: ferragens, lojas de móveis e de produtos eletrônicos. O terreiro de Umbanda do qual faço parte fica na José do Patrocínio, onde preciso ir todas as semanas. Quando caminho pela Cidade Baixa com fins religiosos, costumo percorrer um trajeto diferente daquele eleito para as práticas de pesquisa. Não há como negar, no entanto, que acabo observando que em comparação com a paralela Lima e Silva, a José do Patrocínio tem uma vida não boêmia mais intensa, de modo que as diferenças entre o ritmo do dia e da noite são ainda mais nítidos. Lá, os estabelecimentos noturnos são mais espaçados entre si do que nas ruas adjacentes e são alternados por outros comércios e residências. Embora não haja tanta concentração de bares, a rua é um lugar incontornável para o entendimento de como a Cidade Baixa é praticada. Na José, as aglomerações não são generalizadas, porém se destacam pelo impacto que trazem ao bairro.

Na esquina da José do Patrocínio com a Joaquim Nabuco fica o Opinião, casa de shows que em quase quatro décadas de existência já foi palco de uma infinidade de apresentações nacionais e internacionais. Bob Dylan, Zeca Baleiro, Jorge Ben, Elza Soares e Jethro Tull já fizeram shows lá. Criolo, Fito Paéz, Duda Beat e Marky Ramone também. Mais do que isso, as dinâmicas do entorno foram impulsionadas pelo que acontecia em seu interior. Em sincronia com o ponto atrativo, outros estabelecimentos acompanharam inicialmente o movimento do Opinião e acabaram ganhando vida própria. É impossível não mencionar o emblemático

InSônia Bar, que fica exatamente ao lado da casa de shows, como indutor do tipo de sociabilidade que me levaram a estudar a Cidade Baixa – gente aglomerada nas ruas e calçada a despeito das características residenciais do bairro.

A Cidade Baixa não se resume, obviamente, às ruas que foram aqui exploradas. A escolha por essas três principais vias não é aleatória, mas sim justifica-se metodologicamente: conforme avanço nas páginas e nos argumentos deste trabalho torna-se evidente que as dinâmicas que me interessam observar e analisar concentram-se na Lima e Silva, na José do Patrocínio e na República. Por ora, convém também apresentar, mesmo que de forma sintética, outras ruas que também fazem parte de um contexto mais geral do bairro.

Paralela à Lima e à Jose do Patrocínio, a João Alfredo em um passado recente foi o coração da vida noturna porto-alegrense. De dia, o movimentado restaurante Tudo Pelo Social serve refeições a um grande público, atraído pelas grandes e baratas porções de bife e batata frita. Quando cai a noite, a luz que vem da lua e dos postes permite visualizar o variado leque de opções de entretenimento. Se na Lima e Silva há mais bares, restaurantes, botecos e pubs com acesso à rua, na João Alfredo predominam lugares fechados e com entrada paga. Os ritmos tocados nesses estabelecimentos variam desde as músicas pop mais badalados do momento atéas clássicas canções de Belchior, basta escolher. No séc. XIX, era conhecida como Rua da Margem<sup>17</sup> devido à proximidade com o Riachinho, como era chamado o Arroio Dilúvio. Um dos prédios ali localizado, construído entre 1845 e 1853 no estilo luso-brasileiro, era o Solar da família do comerciante e vereador Lopo Gonçalves, onde desde 1982 funciona o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, fonte essencial para a realização desta pesquisa.

---

<sup>17</sup> Felicíssimo de Azevedo, cronista que mantinha a coluna *Cousas Municipais* no jornal *A Federação* sob o pseudônimo Fiscal Honorário, mostrava-se constantemente preocupado com as condições de insalubridade da região em seus escritos, denunciando a suposta falta de higiene e os escassos serviços urbanos. Segundo o autor republicano, o “Riachinho” que acompanhava a Rua da Margem era navegado por “pequenos barcos de pescadores e pombeiros”, que carregavam quitandas aos “habitantes de toda a margem, a maior parte proletários, falhos de todos os recursos” (AZEVEDO, 1884 apud ROSA, 2014). Além disso, era comum entre as mulheres o ofício de lavadeira. Assim como a vizinha Lima e Silva, a Rua da Margem também foi afetada pelo movimento abolicionista: mediante resolução de 1º de junho de 1888, a Câmara Municipal homenageou o Conselheiro João Alfredo Côrrea de Oliveira e alterou o nome de Rua da Margem para Rua do Senador João Alfredo, que tempos depois, de forma espontânea, foi simplificado para Rua João Alfredo

Figura 7 – Rua da Margem



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Algumas das ruas da Cidade Baixa homenageiam políticos reconhecidos, como é o caso das atuais ruas Lopo Gonçalves e Joaquim Nabuco. Outras, como a Sofia Veloso, lembram que as mulheres também têm lugar nas histórias e nas escritas sobre Porto Alegre, embora a invisibilidade seja o padrão. Há ainda outras ruas, travessas e possíveis formas de acessar o cotidiano do bairro, seja o de ontem ou o de hoje. Como bem lembram Eckert e Rocha (2013, 2020) narrar as cidades é uma arte que pode se valer de vários suportes: crônicas, imagens, vivências, caminhadas, memórias. Seguindo essa linha de raciocínio, entendo caminhar pela Cidade Baixa é um passo fundamental para entender como o bairro vive, vibra, acontece.

Se a Cidade Baixa é o mundo, neste primeiro capítulo dei algumas pistas de como interpretá-lo, percorrendo seus processos de constituição como ferramenta analítica do que hoje acontece. De lugar de “gente desclassificada”, o bairro passou a ser morada de camadas médias urbanas e de uma efervescente cena noturna. É na noite onde estão os lugares e vivências que impulsionam o bairro – são as sociabilidades noturnas que o impactam e singularizam, desde o

passado “baixo” até hoje. No próximo capítulo, proponho um encontro - teórico e também empírico - com a noite porto-alegrense. Como na canção de Lenine: “A lua me chama/ eu tenho que ir pra rua”<sup>18</sup>.

---

18 Hoje eu quero sair só, canção do cantor e compositor pernambucano Lenine (2008). Videoclipe e letra disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=tBcT07Ug4ZE>

## 2. UM PASSEIO PELA NOITE PORTO-ALEGRENSE

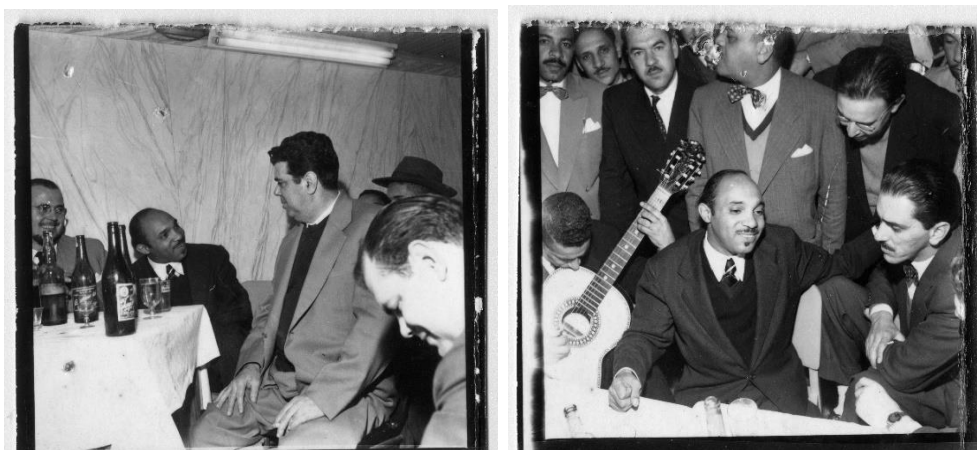
O boêmio, em princípio, é um notívago, depois um poeta, um amoroso, um admirador das serestas, e é realmente um admirador da lua (...) O sol, com seu excesso de luz, parece não nos inspirar a grandes idílios, o que a lua consegue muito mais graciosamente com sua penumbra. (...) As mulheres são as flores que enfeitam e a luz que ilumina nossos caminhos, quando nossos olhos já cansados esperam a madrugada. Sem elas, sem a lua e sem as estrelas, nós boêmios não teríamos razão para viver e nem teríamos escolhido a noite para nossa companheira. (RODRIGUES, 1995, p.25)

O mais ilustre dos moradores da Ilhota, Lupicínio Rodrigues, foi também um exímio boêmio. Antes de tudo, a noite era sua companheira. Os mistérios da lua evocam o território desconhecido, vislumbram o hedonismo, a busca pelos prazeres da vida mundana. É na madrugada, então, que a cidade acontece de outra maneira. Em sua dissertação, Frydberg (2007) buscou compreender como a obra do artista permanece viva através do tempo ao analisar narrativas contidas em suas letras e escritos e também narrativas sobre ele. A autora ressalta que as músicas de Lupi são uma importante chave de leitura sobre a cidade e suas práticas sociais. “Ele está construindo uma narrativa sobre a sua cidade e o modo de viver nela, e fazendo do personagem Lupi um cidadão” (p. 63). A boemia, afinal, é um modo de vida essencialmente urbano.

Em busca de uma definição antropológica do que é boemia, Teles (2000) associa o comportamento à transgressão da ordem burguesa, um respiro dionisíaco em meio à imposição apolínea. À noite, segundo argumenta o autor, os boêmios despem-se dos imperativos da vida cotidiana e dirigem-se aos anseios de liberdade do agir. Não há, portanto, um conceito estanque que define a conduta boêmia, uma vez que é um modo de vida maleável de acordo com diferentes realidades. A origem da palavra boemia remonta à França das décadas de 1830 e 1840, uma adaptação da palavra francesa *bohémian*, que era utilizada para caracterizar os ciganos supostamente oriundos da província de Boêmia, no leste europeu. Tal qual a andarilhadora cigana, na Paris da época efervesceu um movimento artístico, cultural, ético e noturno de reuniões em bares, cafés, cervejarias e cabarés que era popularmente chamado de boemia. As fronteiras da Boêmia, no entanto, estenderam-se para muito além do contexto parisiense, chegando aos beatniks, aos hippies, aos punks e a todo ímpeto social de apreço pela noite, pela música, pela bebida alcoólica (PEDROSO, 2019).



Figura 8 - Lupicínio Rodrigues no interior de um bar com amigos



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Figura 9 – Lupicínio Rodrigues sentado com a esposa na Praça Garibaldi



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Tendo como expressão máxima a vida e a obra de Lupi, a Cidade Baixa e seus lugares – principalmente a Ilhota e o Areal da Baronesa – configuram-se como nascedouro das sociabilidades boêmias entre os porto-alegrenses. Cabarés, bares, tabernas, e principalmente a música eram elementos cotidianos constantes na vida de quem morava por lá até meados do

séc. XX. Rosa (2008, p. 100) destaca as particularidades da região: “Os botecos e tavernas da Cidade Baixa, por exemplo, contribuíram para a sua imagem de “lugar de boêmios”, e também para a sua fama de região onde aconteciam constantes desordens”. Nas centenas de composições do sambista, não faltam referências ao modo de vida dos moradores, como na seguinte letra: “Ilhota, minha favela moderna/ Onde a vida na taberna/ É das melhores que há”. Não é só nos sambas de Lupicínio que a região é enaltecida como reduto de vivências boêmias. Na obra *Poemas da minha cidade* (1944, P. 89-90), o intelectual Athos Damasceno Ferreira assim descreve a Ilhota:

Esta é a ponte que desemboca nos quilombos.  
O riacho barrento, roçando os barrancos,  
enlaça nos braços molengos e longos  
a ilha crivada de becos  
bibocas  
bauucas de barro batido...

Veneza? ... Pois sim! ...  
Caíques, fingindo de gôndola, atados aos frades de pedra flutuam ...

Decerto ninguém vai falar de pandeiros,  
de flautas,  
violões,  
cavaquinhos...

[...]  
A cidade não sabe que tem uma ilha,  
uma ilha que o riacho barrento e amoroso separa da terra...

Temos aí um retrato da musicalidade que serve como mecanismo de aterramento de vivências marcadas pela ameaça constante de inundações. Afinal, na Ilhota a ação das águas determinava a precariedade das condições de vida e as pessoas precisavam se apegar a algo delúdico e prazeroso para sobreviverem. Conforme salienta Oliveira (1995) em sua pesquisa biográfica sobre Lupicínio Rodrigues, havia entre as famílias laços de solidariedade derivados das dificuldades enfrentadas e, sobretudo, da origem étnica em comum. Dessa maneira, os ritmos e instrumentos de origem africana ajudavam a fortalecer os vínculos sociais e o sentimento de comunidade entre os moradores. Nos morros cariocas, por exemplo, não foi muito diferente. Lá no Rio de Janeiro ou aqui em Porto Alegre, o samba surge como “porta-voz de um grupo social que vive à margem geográfica e simbólica da sociedade “oficial”, funcionando como vetor de valorização dos habitantes dessas áreas e de suas práticas culturais”(TROTTA; OLIVEIRA, 2015. p. 102).

O menino Lupi, nascido em 1914, cresceu rodeado pela música que, assim como a água, vertia dos territórios da Cidade Baixa:

Aos 13 anos já se envolvia em música. À noite fugia de casa e ia aos botecos da Ilhota e da Baronesa, onde grandes seresteiros como Bororó (não é meirinho), Vesúvio, Carusinho, Ney Oreste, e outros cantavam canções apaixonadas...

(GONZALEZ, 1986, p. 12 apud OLIVEIRA, 1995, p. 52)

Se a trajetória de Lupicínio foi destacada como exemplo, as vivências noturnas eram ponto em comum com outros homens e mulheres que frequentavam e/ou moravam na região. O cronista Sanhudo (1975, p. 205-206) – grifos meus – assim descreve o cotidiano no Areal da Baronesa:

Então o nosso Areal da Baronesa tinha uns becos tenebrosos e por lá se perdia a mais excelsa malandragem da nossa cidadezinha adormecida. **Malandragem, cachaça e forrobodó de cuia...**

Havia um tal de Beco do Preto, que alguns cronistas dizem que não era do Preto, mas da Preta... **E nesse pedaço do mundo, o mundo se perdia!** E daí por diante, noite e dia, e dia e noite, o estado normal do Areal era a desordem e o deboche! [...]

**E daí em diante, nem de dia e nem de noite, ninguém que tivesse amor ao pêlo se atrevia cruzar a ponte e passar pelos domínios da famigerada e barulhenta Banda Oriental.** [...]

E não pensem que eu estou contando lorota!

Pois bem que você pode largar esta crônica e ir já, lá pela rua Baronesa do Gravataí e percorrer tranqüilamente, de mão no bolso, se puder, aquelas travessas que lá ainda existem e que são verdadeiras vielas: - a Pesqueiro, a Luiz Guaragna e a avenida Félix! Vá... vá e depois me diga!

Esses logradouros públicos são saldos da velha Banda Oriental, no tempo em que o Beco da Preta era a suprema canhada do frege citadino.

**Essa Banda Oriental foi célebre e ela só perdeu o seu quebranto de zona inexpugnável depois que aterraram o Riachinho da rua da Margem** e então tudoficou devasso e se pode entrar por qualquer lado.

Mas, antes disso, nem o diabo tinha licença de pisar lá! [...]

**Agora o Areal está se integrando no dinamismo da cidade e já tem ares de zona de bem!** Pois há muito deixou de ser famigerado para ser famoso.

O trecho deixa evidente como foi importante o controle do curso do Riachinho e das formas de sociabilidade circundantes para impor uma vida cidadina disciplinar em todos os campos. O boêmio era, então, figura contraproducente ao modelo de cidade pretendido. Em nome da ordem capitalista ascendente, as dinâmicas diurnas facilitam o rígido controle sobre a força de trabalho, enquanto a noite associa-se àquilo que é perigoso e indesejável.

Samba e carnaval são duas expressões diferentes, porém complementares, do fenômeno cultural que se originou no contexto da Cidade Baixa e revelam aspectos da tensa relação com manifestações culturais ligadas à população negra da cidade e ao uso da rua. Se o carnaval não é necessariamente uma prática boêmia, contribuiu

para a construção do imaginário social que relaciona o bairro a atividades festivas, ao consumo de álcool, à música e ao entretenimento noturno. Ainda hoje, como será abordado detalhadamente em outro capítulo, o carnaval e as sociabilidades por ele engendradas são matéria de controvérsias na CB.

Germano (1999) pesquisou a construção da identidade negra em Porto Alegre por meio de textos que retrataram os carnavais das décadas de 1930/1940, quando a festa deixou de ser exclusividade das elites brancas e as cuícas e tamborins passaram a animar as ruas dos territórios de maioria negra. O carnaval foi mudando em consonância com as transformações pelas quais passava a cidade:

O carnaval em Porto Alegre funde-se com a própria história da cidade. Chegou aqui com o entrudo, trazido entre um dos costumes dos povoadores açorianos no século XVIII. Primeiramente reduzido às famílias patriarcais brancas, o entrudo foi se popularizando no decorrer do século XIX. Em finais do século, quando foi apropriado pelas camadas populares, passou a ser alvo de perseguições policiais e críticas por parte da imprensa, que via no *molhado* entrudo uma *selvageria*, resquícios da *barbárie*, de uma cultura popular *atrasada* e *grosseira* que ainda não havia se *civilizado*. (p. 80)

Assim, o organizado e civilizado carnaval das elites porto-alegrense – que costumava desfilar pelas ruas centrais como a Rua da Praia, por exemplo – foi aos poucos se fechando em luxuosos clubes, ao mesmo tempo em que se propagavam agremiações carnavalescas, blocos e cordões surgidos em um contexto de ressignificação dos elementos da festa nos termos dos trabalhadores, dos descendentes de escravizados, dos pobres. O carnaval se popularizava e ganhava outros tons, cores, ritmos e práticas, de modo que

Nas décadas de 1930 e 40, essa representação de carnaval de rua modificou-se, pois o elemento popular e negro passou a ser associado ao *verdadeiro* representante do carnaval de rua, já que o próprio carnaval passou a ser visto como uma festa do *povo*. (GERMANO, *Ibid.*, p. 85)

A chegada do verão coincidia com os preparativos para os ritos carnavalescos, quando a sonoridade de tambores, pandeiros, chocalhos e a alegria compartilhada a despeito das extenuantes rotinas de trabalho reinavam nas ruas da Ilhota e do Areal da Baronesa. O carnaval acontecia nos bairros, onde eram organizadas comissões de julgamento e itinerários próprios. Nas foliadas da região, a João Alfredo, às margens do Riacho, era digna de destaque: “(...) populosa e festeira, se salientava pelo brilho de seu carnaval de rua, sobretudo na primeira metade deste século (FRANCO, 1998, p. 224).

Com apoio da Secretaria Municipal de Cultura, foi organizada a publicação *Cadernos do Museu I – Carnavais de Porto Alegre* (KRAWCZYK; GERMANO; POSSAMAI, 1992), uma maneira de adentrar no universo particular da festa. Para os organizadores, estudar o carnaval de Porto Alegre é também estudar os movimentos que produzem a cidade e os sujeitos neles envolvidos, e por isso é fundamental para entender as diferentes nuances da cultura popular e suas expressões no espaço público. Das remotas origens europeias, o carnaval ganhou

as ruas, primeiro de forma espontânea e depois institucionalizada, até chegar às Escolas de Samba e ao sambódromo.

Data de 1961 a fundação da Academia de Samba Praiana, a primeira escola porto-alegrense, que mantinha forte vínculo com a população negra vinda de Pelotas, onde havia importante tradição carnavalesca. Depois disso muitos blocos abandonaram a antiga estrutura e transformaram-se em escolas, entre as quais se destaca a Bambas da Orgia. Com a reestruturação urbana que, entre outras coisas, extinguiu a Ilhota do mapa oficial da cidade e expulsou parte da população negra da zona central, as agremiações de carnaval foram também afastadas de bairros como a Cidade Baixa. Na mesma época, o poder público assumiu a prerrogativa de planejar e executar a festa: até 1968 os desfiles ocorriam na Av. Borges de Medeiros, de 1969 a 1975 na Av. João Pessoa, de 1976 a 1987 na Av. Perimetral e a partir de 1988 na Av. Augusto de Carvalho. Hoje os desfiles acontecem no Complexo Cultural Porto Seco, inaugurado em 2004, e localizado no distante bairro Rubem Berta. No âmbito deste Programa de Pós-Graduação, as dissertações de Silva (1993), Guterres (1996) e Duarte (2011) são etnografias que trataram justamente da relação das pessoas com as Escolas de Samba: sociabilidades, práticas, memórias e construções simbólicas em torno dos empreendimentos carnavalescos.

No campo da etnomusicologia, Magalhães (2016) realizou pesquisa que vincula o território da Cidade Baixa à tradição carnavalesca e às sociabilidades ligadas ao samba. A autora realizou etnografia com membros de blocos de carnaval atuais, tais como Bloco do Isopor, Panela do Samba, Areal do Futuro e Turucutá, que intentam revigorar na cidade o uso do espaço público durante o festejo, de forma autônoma e popular. A dicotomia *som x barulho* atravessa as negociações acompanhadas pela autora, nas quais o Estado mostra as facetas de seu racismo institucional quando, mais uma vez, tenta controlar e padronizar as manifestações culturais de origem negra. No entanto, o samba e o carnaval da Cidade Baixa encontram formas de existir em meio às adversidades e pressões políticas, adaptando-se, ganhando outros arranjos, ocupando seus espaços nas dinâmicas do bairro. Outrossim, a boemia que em outros tempos foi o porto seguro de Lupicínio e seus pares, homens que encontram refúgio nos prazeres da noite, atualizou-se e ganhou público mais amplo, hoje reacendendo debates sobre condutas noturnas e suas relações com o espaço público. No capítulo 4, retomo as discussões sobre o carnaval em Porto Alegre e na Cidade Baixa, colocando em destaque a ocupação das ruas como elemento central das sociabilidades carnavalescas. Discuto, como isso, as opiniões contrárias à festa e atuação do Estado no sentido de disciplinar manifestações culturais.

Jardim (1991) realizou etnografia tendo como universo os botecos da Cidade Baixa. Na época, o foco da autora foi entender a construção das identidades masculinas entre homens das classes populares, já que os estabelecimentos eram lugar privilegiado de sociabilidades masculinas - um espaço fora do âmbito do trabalho e que não exigia os papéis sociais vinculados à casa. Botecos, tal como eram no contexto pesquisado, são pequenos bares com uma estética particular: cores fortes, elementos decorativos com mensagens muitas vezes carregadas de machismo, conservas de todos os tipos e bebida barata. Hoje esse tipo de estabelecimento é escasso na CB.

Jardim (Ibid.) desenvolveu sua pesquisa poucos anos antes de haver um *boom* boêmio que colocou a Cidade Baixa em posição de destaque. Nem os estabelecimentos, nem o perfil do público são o mesmo do começo da década de 1990. O trabalho da autora torna-se referência importante para o meu justamente porque permite pontuar que não existe um quadro estático sobre o que é um bairro e que as mudanças são parte constituinte das dinâmicas urbanas. Entendo, junto com Agier (2015), que a cidade é essencialmente movimento. Desse modo, para entender o status atual da CB faz-se necessário avançar em direção às zonas contíguas, como o Centro e o Bom Fim.

## 2.1 Entre xícaras, copos e corpos: o universo boêmio do Centro

No começo do século XX, as vivências de inspiração boêmia não tinham somente os estabelecimentos da Cidade Baixa como palco. Na região central, os inúmeros cafés eram reconhecidos como ponto de encontro, lugares de sociabilidades masculinas em que eram comuns hábitos de inspiração cosmopolita: política, literatura e todos os assuntos ligados à vida pública eram discutidos nesses espaços.

O historiador Phillip Ariés (1981, p. 18) salienta o papel desempenhado pelos cafés para a ascensão do modo de vida urbana típico das camadas médias francesas:

Uma nova sociabilidade substituirá a antiga mantendo e desenvolvendo as funções essenciais da cidade. O veículo dessa nova sociabilidade foi o café (café-restaurante), isto é, um lugar público onde as pessoas se encontram, bebem ou comem: o lugar do discurso.

Em Paris, as mesas dos cafés serviram de arena de debates e longas conversas, eram o lugar de encontro da vanguarda intelectual francesa: poetas, pintores, filósofos e jornalistas passavam diariamente por elas. Nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, não havia bairro parisiense em que não houvesse algum café. O *Cafe de Flore*, localizado

nas proximidades da Igreja *Saint Germain Des Pres*, ficou conhecido por ser frequentado pelo casal de existencialistas Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir (REIS, 2018). Em Porto Alegre, não foi diferente. A vida urbana que eclodia no Centro tinha como uma de suas expressões as sociabilidades, sobretudo masculinas, que tinham como ponto comum o entretenimento.

Quando analisa as práticas dos intelectuais porto-alegrenses nas áureas décadas de 1920-1930, Monteiro (2006) situa no Café Colombo o lugar de encontro de nomes como Augusto Meyer, Raul Bopp, Dionélio Machado, que projetaram nacionalmente a literatura aqui produzida. Outros cafés atraíam públicos diferentes: os políticos reuniam-se principalmente no Café Central e os turfistas e jogadores, no Café 17. As mulheres não eram bem-vindas nestes locais, restando a elas frequentar confeitarias no período da tarde.

Figura 10 – Café Colombo.



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Os referidos cafés ficavam na Rua da Praia, principal artéria da época, onde efervescia o circuito cultural. Também na Rua da Praia ficavam as redações dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, o que explica a massiva presença de jornalistas nos estabelecimentos da



região. Nilo Ruschel (1971, p. 70) um dos notáveis da profissão, revive a peregrinação entre bares e cafés através de suas memórias:

Era hora de todos se esparramarem, cada um buscando a sua toca. Pois se a *Rua da Praia* era um bordado de bares, dele pendiam franjas por todos os lados. Pontos de atração certa: o chalé da Praça XV, o Gambrinus do Mercado, o Zithe Franz, o Franciscano, na rua Sete, o Odalisca, na Rua do Rosário, o Eduardo na Dr. Flôres, o Zeppelin, na esquina da rua Hoffman com a São Carlos. (...)Todas essas casas e mais à da rua Andrade Neves formavam o cerco boêmio da *Rua da Praia*.

Ruschel (Ibid., p. 72) lembrou também que a Confeitaria Central, defronte ao Café Colombo, “foi um dos traços definidores da alma da Rua da Praia”. O espaço entre os dois estabelecimentos ficou conhecido como Largo dos Medeiros, em homenagem aos proprietários da Confeitaria. Segundo afirma o autor, era nessa esquina onde o jornalista e cronista Archimedes Fortini ficava para capturar as notícias e para assistir a cenas que lhe serviriam de inspiração. Ali era o coração porto-alegrense.

Figura 11 – Largo dos Medeiros



Fonte: Pesavento (1991)

As idas ao cinema e o *footing* eram também práticas comuns entre as camadas médias, sendo maneiras de estabelecer vínculos, de pertencer à sociedade, de mostrar-se ao mundo. As sociabilidades de inspiração europeia traziam ares de modernidade à pacata Porto Alegre, eram sinal de que o progresso estava chegando aqui (LEWGOY, 2009; PESAVENTO, 1991). Quando caía a noite, a música passava a cadenciar o ritmo urbano. De acordo com Luckow

(2011, p. 39), os cafés e cabarés empregavam grande parte dos músicos da cidade, além de serem chamarizes de músicos estrangeiros, de modo que:

A partir das cinco horas da tarde, enquanto os cafés começam a lotar, também se ouviam os primeiros acordes das orquestras dos cabarés. É provável que fossem escutados da rua também, pelos transeuntes. Misturados aos sons das vozes e dos sotaques, ouvia-se a música. É a euforia da modernidade.

A vida noturna acompanha os passos de Porto Alegre rumo ao status de metrópole. Os cabarés, também chamados de clubes, eram a expressão máxima do modo de vida boêmio. "A história de Porto Alegre não será bem contada sem a crônica desse clube noturno" professou Nilo Ruschel (1971, p.34) sobre o notável Clube dos Caçadores, localizado na Rua Andrade Neves, n. 26. A notoriedade do Clube chegou também à ficção de Érico Veríssimo: Dr. Rodrigo Cambará, personagem de *O tempo e vento*, era *habitué* do lugar. Luxo, jogatinas, mulheres drequinte e a constante presença de personalidades políticas eram a marca distintiva do Caçadores.

Figura 12 – Anúncio do Clube dos Caçadores

**CENTRO DOS CAÇADORES**

A primeira casa no genero

Luxo Arte Conforto

O **CENTRO DOS CAÇADORES** sempre empenhado em manter o renome de que goza, vai procurando sempre e cada vez mais aumentar o conforto existente e deliciar seus socios com excelentes numeros

Atualmente trabalham no seu cabaret as seguintes artistas sob a direcao do furo cabarotico: **André Dumanoir e Franço Maggiani:**

<i>Cab. André Dumanoir</i>	<i>Mahilde Bark</i>	<i>Mercedes Fous</i>
<i>Barl. Agustín Lopez</i>	<i>Mary Silber</i>	<i>Chilenita</i>
<i>Martoneh</i>	<i>Laura Roberti</i>	<i>Despresles</i>
<i>Mangacha</i>	<i>La Gitana</i>	<i>Taliana</i>
<i>Maradolfo</i>	<i>Marthe Savray</i>	<i>Thais</i>
<i>Florency</i>	<i>Bosita Ayala</i>	<i>Porto</i>
<i>Mara Arlett</i>	<i>Jeanne Clio</i>	

**BREVE: Trio Malaga, Trio Violetas**

Todas as noites Concertos e Baile

Os bailados estão sob os cuidados do Prof. Agustin Lopes

Fonte: Pesavento (1991)

Não há consenso quanto às datas de abertura e de fechamento do lugar. De acordo com o levantamento feito por Luckow (Ibid.) em jornais e revistas da época, por volta de 1914 o Clube começou a ser pauta de notícias e crônicas, além de serem publicados anúncios sobre os imponentes bailes. Já na entrada da década de 1940, eram escassas as referências ao Clube na imprensa. Especula-se que a interrupção dos eventos tenha a ver com um decreto de 1942 que previa o fechamento de todas as casas de jogos do país, já que o local era também um cassino. Outra hipótese vincula o encerramento dos tempos áureos à mudança do proprietário original, Capitão Lulu, para o Rio de Janeiro, devido à proximidade com Getúlio Vargas.

Diversos fatores concorreram para o processo de descentralização da vida boêmia porto-alegrense. Lewgoy (2009) situa no Estado Novo e sua estreita relação com os Estados Unidos o princípio das mudanças nas formas de sociabilidade valorizadas, o que se intensificou no pós-guerra. A indústria cultural e os produtos massificados de origem estadunidense ganharam terreno em detrimento das vagarosas tardes/noites nos cafés. O autor enfatiza, no entanto, as permanências simbólicas no interior da memória coletiva do lugar como ponto de encontro, ainda que sob novos arranjos. Além disso, as reformas urbanas que modificaram a estrutura do Centro também manifestaram “(...) ênfase sobre a descontinuidade em relação aos espaços de sociabilidades anteriores, sob a égide de um urbanismo centrado no imperativo da homogeneização econômica e administrativa da região” (LEWGOY, Ibid., p. 12). As reestruturações pelas quais passou Porto Alegre, em consonância com o que acontecia no mundo, assim como a complexificação social que acompanhava a modernidade colocaram em cena outro lugar de concentração da vida noturna: o Bom Fim.

## 2.2 Deu pra ti, Bom Fim

Se você quiser saber  
 Se você quiser saber  
 Qual é  
 Passa lá no Escaler  
 Passa lá no Escaler

Depois tu dá uma banda pelo Luar  
 Como diz o mestre Gil  
 A gente precisa ver o luar  
 A gente deve sentir o luar

Na sequência da Osvaldo  
 Na lancheria  
 Transa aquele PF do bar do João  
 Pega aquela do negão e entra pra Redenção  
 E sai de lá bem feliz

Polícia pra lá  
 E a rapaziada pra cá  
 Polícia pra lá  
 E a rapaziada

Minha filha pelo amor de Deus  
 Não vá pra Osvaldo Aranha!  
 Minha filha pelo amor de Deus  
 Não vá pra Osvaldo!

Mamãe, mamãe, já liberei essa aranha  
 Na Osvaldo Aranha, na esquina com a João Telles  
 Ainda tomei a saideira lá no Lola pra quê?  
 Pra chegar em casa legal

Polícia pra lá  
 E a rapaziada...  
 (Reggae do Bom Fim, Branco Oliveira)

O trecho da música acima em tom satírico resume uma noite qualquer das décadas de 70 ou 80 na Avenida Osvaldo Aranha. *Toda aquela rua ficava cheia de gente...tinha muito mais tolerância com a diferença...tava todo mundo mais querendo um mundo novo, sabe...tinha toda a questão da ditadura.* A proximidade do Bom Fim com a Cidade Baixa não é meramente geográfica. Ambos os bairros, separados pela Redenção, foram ou continuam sendo lugares de pulsante vida noturna na capital gaúcha, atraindo público não só daqui, mas também de cidades da região metropolitana e do interior do estado. Em músicas, filmes, crônicas e no imaginário social porto-alegrense ainda são muito presentes as memórias do recente passado transgressor do Bom Fim. Não faltam, portanto, vivências nos bares e esquinas do bairro a serem compartilhadas. Por isso, a literatura com a qual tive contato não me pareceu suficiente para entender o quão impactantes foram as dinâmicas noturnas do bairro para a cidade. Diante de tal impasse, a realização de entrevistas com saudosos frequentadores da Osvaldo Aranha foi uma saída que rendeu vivacidade às minhas referências bibliográficas. Participo de um grupo *Facebook* chamado “Sobreviventes 80/90 POA”, e pensei que ali existiriam pessoas interessadas em compartilhar suas experiências no bairro. Fiz, então, uma postagem e a partir disso entrevistei Melissa e Antônio.

Pedroso (2019) realizou pesquisa de fôlego sobre as dinâmicas noturnas que eclodiram no Bom Fim, que culminou recentemente na publicação do livro *História de um Bom Fim – boemia e transgressão de um bairro maldito*. O bairro constituiu-se como uma pacata comunidade de predominância judaica, na qual vigorava forte sentimento de pertencimento entre os moradores, que se encontravam nas calçadas, cinemas e no Bar do João. Por meio dos

livros de Moacyr Scliar<sup>19</sup> é possível acessar o Bom Fim de noites sossegadas e vizinhança tranquila, o que no decorrer da década de 1960 começou a desmoronar. As transformações econômicas, políticas e sociais que aconteciam no mundo e particularmente em Porto Alegre afetaram as formas de vivenciar a cidade, de modo que as atividades boêmias também se transformaram. Pedroso (Ibid.) divide em quatro “fases” a vida noturna do Bom Fim: a abertura na década de 1970, a exploração no começo da década de 1980, a ocupação em meados da década de 1980 e o disciplinamento no final da década de 1980 e no começo da década de 1990.

No final da década de 1960, estudar na UFRGS era o principal caminho para os jovens da ascendente classe média, que ganhava corpo a partir do vertiginoso crescimento econômico experimentado pelo Brasil, o chamado Milagre Econômico. Logo, as cercanias do Campus Central, onde então estavam alocados grande parte dos cursos, tornaram-se polo atrativo para a juventude que buscava entretenimento. O cruzamento da Sarmento Leite com a Osvaldo Aranha ficou conhecido como Esquina Maldita. De acordo com Pedroso (Ibid., p. 37-38):

A Esquina estabeleceu novos pontos de referência e ajudou a visualizar os novos caminhos a serem criados (...) A partir desse impulso inicial ocorreu, em menos de trinta anos, uma dinâmica de proliferação de bares pela Osvaldo Aranha e ruas transversais, atingindo bairros vizinhos e ajudando a modificar a cara de Porto Alegre.

Alaska, Copa 70 e Estudantil eram três dos principais bares que determinavam o ritmo da noite porto-alegrense. Alguns frequentadores depositavam conotação política em suas experiências nos bares, outros tinham sua liberdade sexual como principal meio de expressão. Do ponto de vista político-institucional ou meramente estético-comportamental, a Esquina foi o pontapé inicial de tempos transgressores no bairro.

Ainda adolescente, Melissa começou a frequentar a Esquina Maldita na companhia das irmãs mais velhas. Foi o começo de uma intensa trajetória na e pela noite do Bom Fim, de 1978 até o começo da década de 1990, de modo que ela acompanhou de perto os diferentes arranjos de ocupação do espaço, diferentes maneiras de inventar o bairro no cotidiano, como nos alerta De Certeau (2012). Em artigo no qual aborda a pluralidade da ambiência urbana do bairro, a Rocha (2002, p.5) destaca:

---

<sup>19</sup> Moacyr Jaime Scliar (1937-2011) foi um renomado escritor, tendo publicado mais de 80 livros, sucessos de público e de crítica no Brasil e no exterior. Judeu e morador do Bom Fim, retratou o universo do bairro em muitas de suas obras, como *A guerra do Bom Fim* (1981). Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 2003. Disponível em: [https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID==0&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout\\_autor.asp&AutorID=36](https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID==0&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=36)

No interior da genealogia da estética urbana plural e confusional de Porto Alegre, o bairro Bonfim (sic) pode ser considerado como expressão local da personalidade sincrética do homem brasileiro que engendra o gosto pelo encontro coletivo, de estar-junto-com, de uma sensualização da existência que caracteriza a maior parte das manifestações culturais vida urbana desta cidade e que provavelmente acena para a composição da trajetória social de seus moradores: adultos jovens em processo de consolidação de um estilo de vida de camadas médias urbanas.

Não há como falar do Bom Fim se falar sobre a produção artística que o espírito do bairro influenciou. Música, cinema, teatro e experimentação eram elementos essenciais das sociabilidades lá encontradas. Ney Lisboa, Wander Wildner, TNT, Cascavalletes são nomes que ressoam nas memórias sobre o bairro, eram “figuras certas” que se projetaram nacionalmente. *Deu pra ti, anos 70* foi um filme que marcou toda uma geração: o longa-metragem de Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil em 1981 “(...) é a despedida de uma época marcada pelo sufoco da repressão militar, pelo tédio e pela falta de opções para uma geração de jovens, assim como é a ambição de coisas novas, de novos horizontes” (PEDROSO, 2019, p.53). É também a despedida da Esquina Maldita como lócus de encontro.

Em 1980 surgiu uma novidade na região: o Bar Ocidente. A casa na esquina da Osvaldo Aranha com a João Telles é um fenômeno cultural que atravessa gerações e continua movimentando a noite porto-alegrense, se renovando e atraindo desde os frequentadores da saudosa década de 1980 até público que sequer tinha nascido na época. A abertura do Ocidente coincide com o momento quando o movimento de bares “começou a descer” em direção à Osvaldo Aranha. *Ocidente ali naquela esquina fazia com que toda junção acontecesse um pouco também na volta* destacou Melissa. Ela ainda era menor de idade quando o bar abriu e não podia entrar, o que não era problema, já que era costume a permanência nos entornos do estabelecimento: *era uma época de muita liberdade de comportamento, vontade de transgredir*, me disse. Hippies, punks, artistas, jovens, poetas, gays, lésbicas e maconheiros estavam ali. Mas não só, já que o Bom Fim se firmava no imaginário coletivo como lugar aglutinador de todas as expressões das práticas boêmias.

“A partir de 1984, apenas ir ao Bom Fim já era um grande evento” (PEDROSO, Ibid., p. 110). Os tempos eram outros, a ditadura militar perdia força política e as organizações de esquerda conquistavam espaço institucional. Além disso, o bairro começou a atrair jovens da região metropolitana e de outros bairros da capital. É o caso de Antônio, outro entrevistado, que com 17 anos começou a frequentar a cena. Morador da zona norte, ele precisava se deslocar de ônibus para a Osvaldo Aranha, onde acontecia uma concentração de pessoas, bares, música, drogas e bebidas sem precedentes em Porto Alegre.

Tanto Melissa quanto Antônio relatam uma espécie de peregrinação entre os estabelecimentos. O Bar do João era conhecido por comercializar cachaças curtidas com tudo que se pode imaginar. Os bares do lugar conhecido como Mercado Público do Bom Fim vendiam mais cerveja. Freqüentador fiel, Antônio contou *que no Escaler quase sempre domingo de tarde algum showzinho de uma banda*. Lola, Luar Luar, os shows do Araújo Vianna faziam parte do mesmo universo, além da Redenção que circundava tudo isso. O clima por ali era de desconcentração, como destaca Antônio:

A gente brincava assim que ali naquele entorno parecia uma praia, faltava só o mar... que a gente sentava ali e ficava sem camisa, a gente bebia, fumava, via o pessoal passar, né. (...) Tinha muito esse clima de chegar, de sentar, de compartilhar ... “Tá vazia essa mesa, não tá? Senta aí

Além dos bares, os cinemas Bristol e Baltimore tão eram parte do cotidiano dos jovens que frequentavam o Bom Fim na década de 1980. Ambos os entrevistados enfatizaram ainda a importância das rádios para as sociabilidades da época: *A Rádio Ipanema influenciou muito a nossa geração, de colocar no ar coisas que a gente não teria acesso de forma nenhuma, né*, me disse Antônio.

A partir de 1986, segundo indicado por Pedroso (Ibid.), os moradores do Bom Fim começaram a se articular em torno do problema da violência. Existia na época uma distinção moral entre os cidadãos de bem que se enclausuravam em seus prédios e os delinquentes que ocupavam as ruas durante a noite, cenário que era alimentado pela mídia e assegurado pela polícia. A cultura do medo causou modificações na fisionomia e no cotidiano do bairro. Em entrevista à Zero Hora (1986), Moacyr Scliar declarou: “O Bom Fim mudou porque a cidade mudou. Hoje estamos às voltas com porteiros eletrônicos e garagens bem protegidas.” Para garantir a segurança dos moradores, era preciso disciplinar a conduta de quem frequentava a noite.

A pressão institucional para o controle das dinâmicas noturnas do Bom Fim teve na Associação de Amigos do Bairro Bom Fim e no vereador Isaac Ainhorn<sup>20</sup> seus principais personagens, ancorados em decretos e na presença constante de viaturas policiais. A truculenta ação policial está nas memórias de quem frequentava a noite do Bom Fim no final da década de 1980. *A polícia ia toda noite e botava todo mundo na parede, entendeu. Prendia alguns,*

---

<sup>20</sup> Vereador de origem judaica que representou na Câmara Municipal os interesses de sua comunidade. Filiado ao PDT, foi eleito como suplente na legislatura de 1983-1988, assumindo o cargo de vereança como substituto. Depois disso, foi eleito nos períodos de 1989-1992, 1993-1996, 1997-2000, 2001-2004 e 2005-2008. Foi um dos fundadores da Associação dos Amigos do Bairro Bom Fim, tendo sido presidente de Honra de 1991 até a data do seu falecimento, em 2006. Quando faleceu, exercia também o cargo de secretário de Planejamento Municipal de Porto Alegre.

*deixava outros. Aí um tempo depois começou essa função de fechar os bar, me contou Melissa. Já Antônio lembrou que a gente tomava muito atraque, tinha muita polícia, pelo menos um por final de semana, assim (...) de noite sempre tinha atraque, sempre tinha mão na parede e revistando.*

A demolição do Cine Baltimore em 2004, depois de anos já fechado, e os danos estruturais que a obra causou ao Bar do João foram um marco simbólico da derrocada da ocupação das ruas do Bom Fim, um movimento que começou na Esquina Maldita e se alastrou pelo bairro. No lugar foi construído o *Baltimore Office Park*, um imponente edifício de salas comerciais cujo estilo arquitetônico combina com o processo de especulação imobiliária do qual faz parte.

### 2.3 Todos os caminhos levam à CB

Atravessando a Redenção chegamos novamente à Cidade Baixa. Conforme venho demonstrando, o bairro historicamente esteve associado à sua tendência de ser lugar congregador da noite porto-alegrense – o que hoje se verifica com intensidade. Conforme o relato de Antônio *foi deslocando aos poucos a coisa, até que o Bom Fim ficou...ficou uma lembrança*. Os anos 1990 chegaram com outros ritmos musicais e maneiras diferentes de relação com a cidade. O grunge estava nas paradas de sucesso. Porto Alegre era administrada pelo PT e a juventude já não tinha os anseios que promoveram o Bom Fim à território de transgressão.

Porto Alegre mudou e sua vida noturna também. Parte do público migrou para bares nos arredores da Avenida Independência, outros deixaram de frequentar estabelecimentos noturnos, e outros ainda começaram a ter a Cidade Baixa como opção de entretenimento. Melissa também conecta o enfraquecimento da noite na Osvaldo Aranha com a ida para a CB: *Começou a ter também essa migração e essa função mais pra Cidade Baixa...festas, começou o movimento da Cidade Baixa, então diminuiu bastante ali, né. Ficou só o Ocidente praticamente*. Antes, no entanto, que o bairro consolidasse outra vez o posto de lugar vinculado à boemia, a noite porto-alegrense tomou outros rumos. São os diferentes rumos do movimento noturno na capital gaúcha que pretendo apresentar nos próximos parágrafos.

O Bambu's é um bar localizado na Avenida Independência, bem próximo aos principais lugares de aglomeração dos áureos tempos do Bom Fim. Definido pelo jornalista Paulo César Teixeira (2018) como “O pé-sujo mais alternativo da cidade”, o estabelecimento foi fundado em 1976, antes mesmo de o Bom Fim atingir o ápice de seu movimento. Como já era conhecido



e frequentado, o Bambu's quase que naturalmente foi eleito como bar de encontro para a cena do rock porto-alegrense. Nos anos 1990 e começo dos anos 2000, o lugar serviu como ponto de convergência das bandas de rock gaúcho, com destaque para a Cachorro Grande, cujo estúdio-casa – conhecido como FunHouse – ficava quase em frente ao bar. “Praticamente morávamos no Bambu's, era a continuação da nossa casa” disse o vocalista Beto Bruno em entrevista à Zero Hora (WEBER, 2020). O emblemático estabelecimento fechou as portas em 2020, em decorrência dos impactos da pandemia de COVID-19. O jornalista Paulo Germano (2020) escreveu saudoso sobre as noites em que foi ao bar:

O Bambu's foi o epicentro da cultura alternativa, da cena roqueira, do circuito underground da Capital. Ele representou, para a minha geração (hoje com idade entre 35 e 45), o que o Bar João representou para a anterior. Aliás, foi justamente quando o João fechou, que a turba boêmia subiu da Osvaldo para a Independência.

Outro reduto da cena *underground* porto-alegrense foi o Garagem Hermética, localizado na icônica rua Dr. Barros Cassal. A casa de shows e de festas foi fundada em 1992 e funcionou de forma intrínseca com o Bambu's. Como as apresentações começavam tarde, o bar vizinho era frequentado basicamente pelo mesmo público. A história do Garagem foi tema do livro *A Fantástica Fábrica* – escrito por um dos fundadores, Leo Felipe (2014) – no qual as muitas histórias vividas no *melhor e mais chinelo* estabelecimento de Porto Alegre são reveladas. No prefácio, Daniel Galera resume o espírito do lugar: “Era barato, era imprevisível e nos fazia sentir, mesmo nas noites mais fracassadas, que a vida estava acontecendo e que valia a pena” ( p. 15). A primeira vez em que saí à noite em Porto Alegre, ainda adolescente, foi em uma gélida noite do inverno de 2010. O destino foi um show do irreverente Júpiter Maçã no Garagem Hermética. Antes, a parada no Bambu's para garantir cerveja barata.

Logo que completei 18 anos, em 2011, pude concretizar o desejo de frequentar a casa de festas que era sucesso entre os jovens da época: o Beco 203. Localizado a duas quadras do Bambu's, também na Av. Independência, o Beco aglutinou desde sua inauguração, em 2004, toda a efervescência do rock indie em terras gaúchas, por meio de suas festas em shows. De acordo com o jornalista e crítico musical Marcelo Ferla (2014) “O Beco ocupou um espaço de importantes lugares históricos na cidade, um lugar que foi do Ocidente e do Fim de Século nos anos 80 e do Garagem (Hermética) nos 90”. Acompanhando o fluxo da boemia que seguia em direção à Cidade Baixa, o Beco abriu uma casa no bairro em 2015, quando a João Alfredo despontava como a rua mais movimentada das noites porto-alegrenses. A nova empreitada não durou muito tempo, e ambos os estabelecimentos acabaram fechando de forma definitiva em

2017<sup>21</sup>. Na época, o rock alternativo – que no começo da década de 2010 encabeçava parte significativa da boemia local – perdia força no cenário musical e o funk aparecia como a nova tendência.

Em se tratando da noite na Cidade Baixa, um marco importante para o bairro foi a inauguração do Centro Comercial Nova Olaria, em 1995, que revigorou as dinâmicas noturnas, ao mesmo tempo em que o Bom Fim já não era tão movimentado, já que os bares foram fechando e o público minguando. O Cine Guion, lá localizado, ganhou espaço como opção para quem procura filmes fora do circuito comercial de Hollywood. Além da filmografia diferenciada, o lugar ficou conhecido por atrair um público específico: o LGBTQ+. Na época, ainda era utilizada a sigla GLS e não havia tanta as pessoas de tal comunidade circularem e serem que são nos espaços urbanos. Cogo (1999) realizou pesquisa sobre a oferta e o consumo de lazer no Nova Olaria a partir das práticas do público intelectual que costumava frequentar o local. O mesmo estabelecimento foi objeto da pesquisa de Figueiredo (2008), porém a partir de outro enfoque. A dissertação na área de Administração e Cultura Organizacional tratou dos estigmas associados aos “bons” e “maus” frequentadores do lugar, estando de um lado um público de classe média altamente intelectualizada e geralmente homossexual e do outro lado jovens gays de classe baixa. A casa de shows Opinião, que desde 1987 está localizada na esquina das ruas José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, é também um ponto de referência para a guinada da noite para a Cidade Baixa. Fundado em 1983, na década de 1990 o Opinião ganhou maior projeção, ampliou a capacidade de público, e até hoje agita a Cidade Baixa com show nacionais e internacionais. O jornalista Renato Mendonça (2014 apud Fonseca, 2006), em texto publicado na Zero Hora, descreveu seu entendimento sobre os fluxos da noite entre o Bom Fim e a Cidade Baixa:

A partir dos anos 90, observou-se uma imensa migração para a Cidade Baixa, bairro com uma certa tradição boêmia. Tendo a presença do Guion (cinemas e bares) e do Opinião (casa de shows) como macro-atores, ocorreu uma proliferação de bares alternativos e junto com estes de “pessoas alternativas”, que abandonam um pouco a política para assistir a filmes cult, beber e filosofar.

Fonseca (2006) investigou as dinâmicas noturnas de Porto Alegre a partir de dois bairros distintos: Cidade Baixa e Moinhos de Vento. Fonseca traz uma série de dados comparativos que distinguem ambas as vidas noturnas: perfil socioeconômico, escolha socioespaciais,

---

<sup>21</sup> A história do rock em Porto Alegre e especialmente do Beco pode ser conferida em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/luciano-potter/noticia/2017/10/beco-referencia-da-noite-porto-alegrense-na-ultima-decada-anuncia-fechamento-misto-de-tristeza-e-orgulho-cj9a36quy00r01lc6ij1canb.html>

moradia e transporte. Em comparação com a Cidade Baixa, a onda boêmia observada no Moinhos de Ventos – a ocupação das ruas por bares, bistrôs e cafés – é recente, data dos anos 1990. Os frequentadores dos estabelecimentos do Moinhos de Ventos costumam morar nos arredores e ter alto poder aquisitivo, ao passo que na Cidade Baixa os frequentadores vêm de todas as zonas da cidade e têm perfil econômico mais diverso. A preferência por ficar nas áreas externas é maior entre quem vai para a noite na Padre Chagas do que nas ruas da Cidade Baixa. A morfologia das edificações também é diferente: embora em ambos os bairros seja comum a transformação de casas antigas em bares, cafés, e restaurantes, na Cidade Baixa a tendência é a manutenção das características arquitetônicas, enquanto no Moinhos de Vento há luminosos, placas e vegetação abundantes. A autora constatou processos migratórios, algo comum nas dinâmicas noturnas, do público que costumava frequentar a Goethe, a Padre Chagas e adjacências para a Cidade Baixa. Com base nas categorias *habitué* – quem frequenta somente um dos bairros – e frequentador *migrante* – quem costuma circular entre os bairros, Fonseca (Ibid.) identificou que a multiplicidade da Cidade Baixa é atraente em relação à homogeneidade das opções encontradas no Moinhos de Vento. A diversidade que a Cidade Baixa oferece em termos de entretenimento permite a coexistência do *underground* com as *neopatricinhas* em um mesmo bairro.

Fonseca (Ibid.) realizou ainda um levantamento dos estabelecimentos noturnos da Cidade Baixa que funcionavam até o momento em que desenvolveu sua pesquisa – em 2005. Alguns dos lugares por ela apresentados ainda funcionam em 2021, enquanto escrevo esta dissertação – Pinguim, Van Gogh, Paraphernália, Tudo pelo Social e Ossip (com outro nome e proprietários), mas a maioria não. Hoje, especialmente o Pinguim é aglutinador de grande público e faz uso das calçadas como lugar de sociabilidade. Embora não retrate os estabelecimentos que atualmente ainda estão abertos, o trabalho da autora funciona como um indicativo dos rumos que a vida noturna vinha tomando – a Cidade Baixa consagrada como bairro de noite diversificada e agitada. Da década de 1990 até 2005 houve um considerável crescimento no número de estabelecimentos que se colocam como opção de entretenimento noturno no bairro. De lá para cá, o crescimento foi ainda mais expressivo.

No projeto jornalístico “Rua da Margem”<sup>22</sup>, Paulo César Teixeira (2020) resgata narrativas marginalizadas sobre Porto Alegre e sobre a Cidade Baixa em específico. Ele define a Cidade Baixa dos primeiros anos do século XXI como um lugar fértil para experimentações

---

<sup>22</sup> Blog que se inspira na história e na cena contemporânea da Cidade Baixa para falar de personagens, espaços, projetos e iniciativas que encantam e contribuem para transformar Porto Alegre num lugar mais saudável e prazeroso de se viver. Disponível em: <https://www.ruadamargem.com/>

– onde jovens estudantes encontraram na originalidade do tropicalismo inspiração para compor suas próprias formas de se colocarem na cidade. A MPB ganhou as ruas do bairro em consonância com a gênese de uma nova cena boêmia. Começando de forma localizada, o movimento se alastrou, conforme relata o jornalista: “Assim, após a dissolução da Zazauera e o fechamento do Atelier 5, a atmosfera de sonho e encantamento do princípio do século na CB se disseminou por todo o bairro, transformado com todas as honras no ponto boêmio contemporâneo de Porto Alegre” (TEIXEIRA, 2020).

Assim, aos poucos a Cidade Baixa foi assumindo o status atual: lá é onde se concentra atualmente o coração da boemia porto-alegrense. A noite não é imutável, no entanto. As sociabilidades descritas por Fonseca (2016) e Teixeira (2020) – festas, lugares fechados – ainda podem ser encontradas nos estabelecimentos que preenchem o bairro de gente e de diversidade, mas não são predominantes. Na próxima seção pontuo elementos que ajudam a entender como a Cidade Baixa chegou ao estado atual.

#### 2.4 O fim dos “Inferninhos” do Centro

Na acepção popular, um inferninho é uma boate pequena, pouco iluminada e sem refinamento algum. São lugares, em geral, frequentados por pessoas de baixo poder aquisitivo e para os quais não se olham com bons olhos. Aqui em Porto Alegre, o Centro Histórico costumava ser lugar de concentração desse tipo de estabelecimento. Dia e noite transcorrem de formas distintas no bairro. Serviços de todo e qualquer tipo podem ser encontrados sob a luz do sol – farmácias, lojas de roupas e calçados, ferragens, mercados, laboratórios, óticas, restaurantes e consultórios – são abundantes e fazem milhares de pessoas circularem diariamente pelas ruas do Centro, vindas de outros bairros e também da região metropolitana. De noite, começam a predominar estabelecimentos e sociabilidades voltadas aos prazeres etílicos e sexuais – bares, botecos, e inferninhos, nos quais a música é um elemento importante. Macheral Floriano é uma rua que se destaca tanto pela quantidade de serviços e comércio ofertados durante o dia quanto pela quantidade de inferninhos.

Mais do que a mera sucessão do dia, a noite é um espaço-tempo dotado de significados e vivências próprios, é um universo particular dentro do contexto citadino, no qual outras formas de vivenciar uma mesma cidade são acionados. O dia é marcado pelo compasso da disciplina, da norma, do controle sobre o trabalho. Quando anoitece, o brilho da lua inspira ares de liberdade, de transgressão, de criatividade (CISCATI, 2000; TELES, 2000). No Centro de Porto Alegre, o cotidiano diurno sucede em torno dos inúmeros comércios e serviços tanto

privados quanto estatais que têm sede no bairro. Quem circula pelas ruas lotadas nem sempre imagina que à noite outro tipo de dinâmica ocupa o mesmo espaço: os inferninhos ficam escondidos entre os prédios e durante o dia não chamam atenção no meio da efervescente rotina da região central. As boates costumam atrair trabalhadores e também moradores da região metropolitana – funcionam como bailes funk.

Entre os anos de 2014 e 2016, os inferninhos do Centro estiveram sob constantes ações judiciais, policiais e da SMIC. De acordo com reportagem do jornal Diário Gaúcho (TORRES, 2014), o apelido “inferninho” surgiu ainda na década de 1990, quando ganharam fama os casos de violência nas boates localizadas na Avenida Salgado Filho e arredores. No começo dos anos 2000, após a mobilização de moradores, as boates foram proibidas de funcionar. Pouco depois, os estabelecimentos voltaram a abrir, muitas vezes mudando de nome e de endereço, mas permanecendo no Centro. Em 2007, um jovem foi morto a tiros na famosa Metrópolis, o que causou ofensivas da Brigada Militar e interdições temporárias. Só nos primeiros dois meses de 2014, houve quatro homicídios relacionados aos inferninhos. A vítima mais jovem tinha somente 16 anos e a suspeita do crime tinha 14 anos na época. Na ocasião, foram interditadas as boates Sobradinho, Metrópolis, Casa Blanka e Adegas, todas localizadas na Marechal Floriano, e que formam um eixo preocupante para as autoridades e para os moradores da região. Pouco tempo depois foram reabertas. As motivações para uma postura estatal mais rígida em relação a tais estabelecimentos baseiam-se na escalada de violência: a polícia diz que isso está diretamente associado ao uso de crack e ao tráfico de drogas em geral. Em 2016, houve um constante conflito travado entre os proprietários das boates, o Ministério Público Estadual (MP/RS), a SMIC, a Brigada Militar, e os moradores das imediações (TRUDA; VASCONCELLOS, 2016). O enredo é mais ou menos o seguinte: os moradores acionam a Brigada, que aciona a SMIC para fechar os estabelecimentos, e então os proprietários recorrem judicialmente, assim conseguindo liminares para a reabertura. Tudo isso alimentado por recorrentes homicídios e pelo barulho que incomoda os moradores. Naquele ano, uma solução provisória foi a decisão do MP que prevê a redução do horário de funcionamento das boates.

A ruptura das dinâmicas noturnas do Centro coincidiu temporalmente com mudanças nas formas de sociabilidades encontradas na Cidade Baixa. Não há referências bibliográficas que tratem da relação direta entre a ruína dos inferninhos centrais e o fluxo de pessoas para a Cidade Baixa - porém há evidências factuais. Em entrevista à GZH (WEBER; MONTEIRO, 2017), um proprietário de bar na João Alfredo deu o seguinte relato: “Do ano passado para cá, começou a vir uma galera do funk, que fica bebendo na calçada e curte mais a rua do que entrar nos lugares. Isso incomoda os comerciantes: essa galera não vem consumir e, de certa forma,

agride quem vem (consumir)”. Desde que comecei minha pesquisa, vejo acentuado o fenômeno da permanência nas ruas como escolha para o entretenimento noturno – e são justamente para tais sociabilidades que olho com especial atenção. Na mesma reportagem supracitada, os jornalistas Jéssica Weber e Marcelo Monteiro (2017) dão indícios de como se deu o fluxo Centro-Cidade Baixa: “Parte adotou o local depois que bares fecharam no Centro. São mais jovens do que os frequentadores tradicionais; levam isopor e muitas vezes escutam música em carros estacionados, entrando só eventualmente em algum bar.”

Se em outra época a Cidade Baixa começou a ser frequentada por quem Fonseca (2016) chamou de *neopatricinhas*, recentemente houve mudanças nas dinâmicas da cidade e, conseqüentemente, nas dinâmicas do bairro. Quando entrevistei Fernando, um assíduo frequentador da CB, ele destacou que uma das características mais marcantes do bairro é o encontro entre pessoas de diferentes classes sociais. Jovens universitários se encontram com jovens de outras origens sociais. *Mauricinhos*, como ele chamou, se encontram com trabalhadores. Cada um pode vivenciar as experiências de entretenimento que a Cidade Baixa oferece de acordo com seus interesses. Entendo que o fechamento dos inferninhos é um dos fatores, mas não o único, que influenciou as mudanças visualizadas no bairro. A crise econômica que assola o Brasil, aliada aos preços elevados dos bares, festas e estabelecimentos deve ser levada em conta na consolidação do fenômeno do uso das ruas como lugar de permanência. Assim, o próprio bairro pode ser interpretado como uma grande festa ao ar livre, como descreve Rodrigo, um de meus interlocutores:

Eu acho que nos últimos cinco anos a CB tomou um uma vida própria, existem pessoas lá frequentes que fazem com que aquele lugar funcione, sabe. Eu não to falando nem de estabelecimentos, mas são pessoas reais, carne e osso, que fazem com que aquele lugar...ahnn...parece que vive uma eterna festa.

Ao passear pela *vida* noturna porto-alegrense, neste capítulo mirei para uma série de processos que se encadeiam e se direcionam para a Cidade Baixa, como fluxos em constante expansão. Em artigo com o sugestivo título *Trazendo as coisas de volta à vida*, Ingold (2012) propõe que seja restaurada a vida que tem sido morta<sup>23</sup> por intelectuais que insistem em tratar daquilo que as pessoas fazem com os objetos. Seguindo de modo frouxo o argumento de Heidegger, Ingold (Ibid.) considera que o objeto é um ente fechado para o exterior, ao passo

---

<sup>23</sup> Vale lembrar, Ingold (Ibid.) se afasta e critica a teoria do ator-rede proposta por Latour porque ela mantém a divisão entre sujeito e objeto. No ambiente descrito por ele, as coisas se movem, crescem e merecem atenção porque estão vivas, e não porque têm agência: “E elas estão vivas precisamente porque não foram reduzidas ao estado de objeto” (p. 34).

que a *coisa* transborda e é tecida pelo contato com o mundo, é onde “aconteceres se tramam”. Nós, humanos, não estamos do outro lado da materialidade, nós somos entrelaçados pela coisificação do mundo. As coisas estão vivas.

O autor aponta para um mundo em fluxo, aberto e em construção, um contínuo vir-a-ser. Transpondo a abordagem de Ingold (Ibid.) para a ambiência cidadina, entendo que a vida noturna pode ser entendida como matéria em movimento, em fluxo e variação. À mim, cabe a tarefa de seguir este fluxo, onde quer que ele vá. Acompanhando Ingold (Ibid.), proponho também uma aproximação com Deleuze e Guattari (1995), para os quais seguir envolve *itinerância*, o que pode ser entendido como pesquisa etnográfica itinerante. Se chamo de vida noturna o que à noite acontece na Cidade Baixa, é justamente porque se tratam de dinâmicas com vida, a qual “está sempre em aberto: seu impulso não é alcançar um fim, mas continuar seguindo em frente” (p. 38).

A perspectiva de Ingold (2012) me parece frutífera para compreender como a noite é dotada de vida: flui, muda, vai e vem pela cidade. Ela é só uma inspiração, no entanto. É mais um ponto de partida do que de chegada. Em se tratando das dinâmicas noturnas que acontecem e que fluem pela cidade, é preciso levar em conta que elas não existem sem corpos e lugares. Corpos, na sociedade capitalista em que vivemos, não existem sem raça, gênero e classe. São corpos que carregam histórias e marcas. Os fluxos da noite precisam também de lugares para que se efetivem. Corpos, fluxos, lugares, ou corpos e lugares em fluxo: as dinâmicas noturnas concatenam existências que na Cidade Baixa se desdobram em experiências coletivas.

Aceitando que o personagem João está certo e que a Cidade Baixa é o mundo, é preciso destacar que ela é um mundo em fluxo, que se move e que se transforma. No próximo capítulo, sigo o fluxo do cotidiano no bairro, promovendo um mergulho que permita compreender como as pessoas se relacionam com a CB. Situações, comportamentos, falas e práticas. É o que pretendo no próximo capítulo.

### 3. “É US GURI NA CB DE NOVO”: SOCIABILIDADES JUVENIS NA NOITE

Nas inúmeras noites em que tenho caminhado pela Cidade Baixa, conversando com pessoas ou ouvindo conversas aqui e acolá, não foram raras as vezes em que a expressão *é us guri* apareceu. No Rio Grande do Sul, o termo *guri* é usado para fazer referência a menino, garoto, criança do sexo masculino. Considerando o significado usual da palavra, seria no mínimo estranha a presença de *guris* por lá – um bairro conhecido por suas festas, bares, e pelo consumo de bebidas alcoólicas. A oralidade, no entanto, transforma de forma contínua e cotidiana os significados do conjunto de expressões com o qual nos deparamos. As gírias, ainda que possam ser efêmeras, dão sugestões dos rumos desse vai e vem lexical, o que as configura como objeto de estudo privilegiado do campo da sociolinguística (PRETI, 2000). Conversando com um *guri* que me pediu um isqueiro, o qual um pouco antes havia cumprimentado um amigo falando *É us guri na CB de novo, não adianta!*, descobri que se trata de expressão com ares de gíria, e como tal torna a tarefa de identificar significado e origem exatos praticamente impossível. *É us guri* – com ênfase no erro gramatical – exprime um senso de coletividade, de experiência que transcende o individual: os jogadores das categorias de base do Grêmio (MOURA, 2019), o comediante Nego Di e outros milhares de jovens têm em comum o uso cotidiano dessa expressão. A flexão de gênero é também comum. Nesse caso, *é us guri* vira *é as guria*. Ambos funcionam como marcação das formas pelas quais as juventudes urbanas gaúchas colocam-se no mundo, como manifestação linguística de suas experiências coletivas, o que encontra um terreno fértil nas ruas e estabelecimentos da CB.

Meus atuais 27 anos já não me deixam ser confundida com uma *guria* que frequenta as ruas da Cidade Baixa. A epifania do peso da idade aconteceu quando, em uma noite de maio de 2019, fui chamada de *tia* por um *guri* que esbarrou em mim enquanto eu observava-participava o Cheiki, bar que aparecerá algumas vezes no decorrer deste capítulo. Ele vestia um moletom decoloração rosa-pastel e não aparentava já ter chegado aos 20 anos. Eu, na época ainda tinha 25, alimentava a doce ilusão de que poderia desenvolver minha pesquisa sem que parecesse elemento destoante dos cenários analisados. Como lembra Hélio Silva (2009), o trabalho do etnógrafo não é contemplativo, é interacional, o que exige a admissão de nossa ignorância em relação ao que acontece no mundo e é preenchido por condições de intersubjetividade. Para conhecer, portanto, é preciso não conhecer, um conhecimento que é constantemente interpelado pelo contato com as pessoas que no e com o universo de pesquisa. “Ando por aí, converso com um e com outro” (p. 174) – um grau de envolvimento com a Cidade Baixa que impulsiona uma interpretação sobre o bairro e também sobre como eu me *situo* em seus lugares.



Gente, corpos, copos, encontros. Um pouco – ou muito – de bebida e mais gente. *Dates*<sup>24</sup>, flertes, conversas entre amigos. Paixões, dramas, memórias afetivas sobre os lugares e pessoas. Tudo isso é matéria que envolve qualquer descrição sobre uma noite *ordinária* na Cidade Baixa. Mariana, uma guria de 19 anos que frequenta a CB desde os 15, assim descreve uma noite no bairro:

Um dia normal na Cidade Baixa é encontrar com meus amigos e aí compramos bebidas, então ficamos na rua e tem muita gente. Tem muita gente, a gente faz amizades, a gente conversa com as pessoas, conhece elas...é...sei lá...Cheiki, InSônia...vários lugares que a galera realmente vai e enche bastante

Quando a Cidade Baixa acontece na noite, observo certo nomadismo circunscrito nas ruas e lugares do próprio bairro. De bar em bar e de rua em rua, as dinâmicas noturnas estão em constante mutação. Mudam os hábitos de consumo, mudam os gostos musicais em voga, mudam os tipos de sociabilidades predominantes. A noite e seus lugares não são engessados ou estáticos, pelo contrário, são um emaranhado dos ritmos vividos por quem experiencia a cidade no cotidiano. É como se as forças vitais do bairro acompanhassem as mudanças do que acontece na noite, sendo a recíproca verdadeira. Mariana lembra que também os estabelecimentos mudam de acordo com as preferências do público: a diversidade de bares, casas de festas, conveniências e restaurante acompanha a diversidade de perfis de quem frequenta a CB. *Cada noite é muito diferente uma da outra, nada nunca vai ser igual na Cidade Baixa...porque são sempre pessoas diferentes. Eu acho que é o único bairro que consegue acolher uma galera de tantos estilos diferentes...então nunca é igual.* Fernando, por sua vez, ressalta as diferenças de classe entre os frequentadores: *Tipo, a cada rua que eu passava dentro de um bairro minúsculo...ahn...tem tipo três variedades de pessoas, sabe. Tem a classe média, tem a classe alta e tem o trabalhador ali dividindo as ruas e o quanto pode consumir.*

Para Mariana e para Fernando, cada um a seu modo, a CB significa o lugar onde os diferentes se encontram e conseguem vivenciar a noite de acordo com suas preferências. Há opções para quem prefere sentar na mesa de um bar e tomar cerveja gelada, há estabelecimentos cujo atrativo são *drinks* mais caros, ou ainda dezenas de restaurantes e hamburguerias em que as bebidas alcólicas não importam tanto assim. A perspectiva que França (2012) confere ao mercado de entretenimento é interessante para entender como na Cidade Baixa os mecanismos de diferenciação e de construção de lugares de pertencimento concerne à dimensão dos modos de consumir em articulação com os modos de

<sup>24</sup> Date é um termo inglês utilizado para designar encontros com finalidade afetivo-sexual.

ser no mundo social. Lá, cada lugar traz em si arranjos singulares das possibilidades de configuração do lazer noturno. Lugares, experiências, bebidas e sons combinam-se de forma a produzir significados distintos acerca de um mesmo bairro. Diferentes classes sociais, interesses, estilos e formas de conceber o bairro circulam pelas mesmas ruas. Uns ficam em espaços na rua, outros ficam nas calçadas, mas todos vão à CB.

Meu trabalho enquanto etnógrafa tem sido o de acompanhar os fluxos noturnos da Cidade Baixa. No exercício de “ver como a cidade vive” (AGIER, 2011, p. 38) está posto o desafio de desvelar como os sujeitos praticantes de um bairro agenciam ou acionam seus sentidos de pertencimento ao lugar, o que engloba dimensões políticas, econômicas ou mesmo estéticas. Um trabalho que lembra o *métier* da bricolagem, porque seu produto é um tramado narrativo que junta experiências vividas em campo, entrevistas feitas on-line, reportagens que tratam sobre o bairro e fotografias por mim produzidas.

### 3.1 As ruas como lugar de sociabilidade: apropriações da Cidade Baixa pelos jovens

Oh! sim, as ruas têm  
 alma! Há ruas honestas,  
 ruas ambíguas, ruas  
 sinistras, ruas nobres,  
 delicadas, trágicas,  
 depravadas, puras,  
 infames, ruas sem  
 história, ruas tão velhas  
 que bastam para contar a evolução de uma cidade  
 inteira, ruas guerreiras,  
 revoltosas, medrosas,  
 spleenéticas, snobs, ruas  
 aristocráticas, ruas  
 amorosas, ruas covardes,  
 que ficam sem pinga de  
 sangue...

(João do Rio – A alma encantada das ruas)

Se fosse Ingold (2012) o escritor do poema acima, diria que as ruas têm *vida*, colocando como desafio desta dissertação o exercício de seguir seus fluxos. Nas ruas, os jovens se movimentam afetando e sendo afetados por um mundo que também está em pleno movimento – as dinâmicas noturnas e a juventude misturam seus fluidos vitais quando se encontram, do que saem os frutos – narrativas e sentidos – que serão por mim aqui analisados. *Precisamos matar a rua!* disse o urbanista francês Le Corbusier (1989 [1933]) em sua Carta de Atenas<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Manifesto urbanístico cuja origem remonta ao IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, realizado em Atenas em 1933

Ora, só é preciso matar algo que está vivo. Os planejadores urbanos bem sabem da imanência criativa que vem das ruas – algo que a todo custo desejam manter sob controle – e os sujeitos ordinários a seu modo também sabem. De Certeau (2012, p. 57) é outro autor que refuta uma suposta passividade dos sujeitos do mundo, definindo-os como “poetas dos seus próprios assuntos, desbravadores nas selvas da racionalidade funcionalista”. Tal abordagem sugere que de forma astuciosa no cotidiano as pessoas apropriam-se à sua maneira de bens materiais e culturais, não são meros “consumidores”, o que, acrescento eu, ganha ainda mais potencial entre os jovens.

As pesquisas desenvolvidas por Diógenes (2008, 2003, 1999, 1997) são também uma inspiração fundamental para o desenvolvimento de uma etnografia que atente para como as juventudes imprimem seus códigos na cidade. Nas mais de duas décadas em que tem acompanhado-estudado as práticas e expressões culturais de jovens em Fortaleza, a autora já se debruçou sobre bailes funk, torcidas de futebol, grafitti, violência e a experiência das gangues. O corpo é o elemento fundamental deste agir urbano juvenil. Considero particularmente interessante a noção de que os jovens estudados pela autora carregam consigo suas territorialidades quando se deslocam pela cidade – são território-em-movimento (DIÓGENES, 1999) que condensam expressões de si onde quer que estejam:

Não há nesse nomadismo das galeras uma idéia de fixidez, de um espaço para cada coisa, tudo se move e se mistura. O corpo leva e traz maquetes de cidades em movimento. Esse é o maior impacto que realiza o nomadismo das galeras no espaço urbano, mostrar que quem segmenta o espaço urbano é o corpo...” (DIÓGENES, 2003, p. 25)

No artigo *Rebeldia urbana: tramas de exclusão e violência juvenil*, Diógenes (1997) indica que os jovens são os principais consumidores de bens simbólicos da então chamada “cultura de massa” – ao passo que a partir dela constituem suas identidades particulares. Transportando tal perspectiva para meu universo de pesquisa, considero que os jovens nas ruas promovem outra ordenação espacial e ressignificam a Cidade Baixa a seu modo, fazendo do espaço urbano território de criação por meio consumo cultural. Observo o encontro de corpos juvenis com a dança, com bebidas alcoólicas e com o ritmo do funk, assim compondo uma versão particular do espaço urbano.

De modo geral, entendo que a autora tomou as expressões das juventudes periféricas na cidade como objeto de estudo – em seu nomadismo urbano eles compõem através de seus corpos outro mapa, que não é fixo. Os encontros se processam por meio de deslocamentos. Seguindo Mira, uma participante do Enxame<sup>26</sup>, pela Fortaleza que a jovem *pratica*, Diógenes (2008) deixa evidente o quanto a vivência cidadina é significada pelo corpo:

De que a cidade, seus muros, seus cercos policiais, suas passarelas são para serem reinventadas, para serem vividos de acordo com os lugares de memória habitados no significante corpo? Se nada escapa ao corpo, se ele mora em cada lugar que fala cidade, Mira tem razão, o bairro é um lugar nosso e não deles. (p. 170)

Minhas escolhas de pesquisa partem de um lugar diferente e acabam se encontrando com a abordagem da autora pelo caminho. Tendo um bairro específico como universo empírico, me deparei com jovens e me dei conta de minha não-juventude durante o trabalho de campo. São corpos que dançam funk, que saem de diferentes pontos da cidade e que se cruzam na Cidade Baixa, um bairro de classe média onde as sociabilidades desses corpos não são bem-vindas. Existe um nomadismo interno entre as ruas e os lugares do bairro em que os jovens são protagonistas, conforme observei. Arrematando as inspirações teóricas mencionadas, entendo que nas ruas os jovens apropriam-se da Cidade Baixa, colocando-a em contínuo fazer.

### 3.2 A icônica João Alfredo

Nas falas de quem costuma frequentar a Cidade Baixa, é unanimidade o caráter singular de uma das ruas do bairro: a João Alfredo é lembrada, com certa nostalgia, como o epicentro inicial do fenômeno que venho explorando: o uso das ruas e calçadas como lugar de sociabilidades noturnas. Em meu percurso de pesquisa, priorizei observar e caminhar pelas ruas cujo volume de gente reunida era maior. Por isso, em 2019 a João Alfredo esteve preterida em relação às outras vias do bairro, porém a rua em um passado muito recente se destacava. Quando perguntei à Mariana sobre alguma noite no bairro que tenha sido marcante para ela, ela falou sobre o carnaval de 2018: *Isso é uma das que mais me marcou, de fato, porque eu acho que nunca vi um lugar tão cheio na minha vida*. De fato, ao resgatar os longínquos carnavais do começo do século XX, constato que a rua era famosa por seus festejos (FRANCO, 1998). Quando iniciei minha pesquisa, em março de 2019, o auge da João Alfredo como lugar de concentração já tinha ficado para trás. As aglomerações que chegavam a impedir a passagem de ônibus e carros

---

<sup>26</sup> Projeto em que Diógenes (2006, p. 193) atuou: “tem como objetivo atuar junto a grupos denominados rebeldes, transgressores da periferia de Fortaleza, produzir e ampliar códigos culturais e, desse modo, possibilitar novas estratégias de inserção social”.

foram minguando até se reduzirem a pequenos focos, como as filas para entrar na casa de festas Margot.

Na antiga Rua da Margem perdura um vasto e colorido conjunto de casario antigo, o que segundo o arquiteto e historiador Menegotto (2020) é um elemento importante das características arquitetônicas da Cidade Baixa. Em 2010, a empresa Tintas Coral patrocinou através do projeto *Tudo de Cor para Porto Alegre* a pintura de 71 edificações da João Alfredo, sendo elas tanto comerciais quanto residenciais. A paleta de cores utilizada não foi aleatória: inspiração para a escolha foi o pôr-do-sol porto-alegrense e seus variados tons. Azuis, amarelos, laranjas e outras tonalidades terrosas fazem parte do universo policromático dessa rua. Algumas das casas de lá foram transformadas em bares. Outras, como é o caso do Espaço 512, hoje são uma mistura de casa de festas com bar, onde os ritmos que predominam são o jazz, o samba e nossa multifacetada MPB, o que acaba atraindo sobretudo público de faixa etária acima dos 25 anos. Há ainda casas noturnas voltadas para público mais jovem – ou os *guris* e *gurias* – quais as noites são embaladas pelo funk e por música pop internacional.

Alguns estabelecimentos merecem destaque na trajetória das dinâmicas da João Alfredo. Na primeira década dos anos 2000, como já mencionado, a Cidade Baixa tomou para si a posição de bairro boêmio de Porto Alegre. Pé Palito, uma casa de festas fundada em 2004, foi durante algum tempo a soberana das noites da capital gaúcha (TEIXEIRA, 2020). As festas animadas por sonoridades genuinamente brasileiras – samba, samba-rock e MPB – tinham lotação máxima nos finais de semana. O reinado do Pé Palito durou intensos sete anos. Quando o estabelecimento fechou, em 2011, o sertanejo universitário começava a despontar como sucesso no cenário musical e o volúvel coração boêmio mudava de rumos. O Preto Zé inaugurou mais ou menos na mesma época da casa noturna vizinha, em 2007. Além da localização próxima, as duas casas compartilhavam a música brasileira como condutora de suas noites. Em junho de 2016, um homem foi assassinado no interior do local, o que paulatinamente levou à diminuição do público e ao consequente fechamento (DORNELLES, 2016), que em 2019 foi definitivo. Outro lugar ícone do entorno foi o Ossip Bar, localizado no cruzamento da João Alfredo com a Rua da República. Conhecido por atrair público intelectualizado, sob o discreto bar paira a história de que os tropicalistas Gilberto Gil e Caetano Veloso já passaram por ele. Em funcionamento até hoje, o antigo Ossip ganhou novo nome e proprietários em 2019: agora se chama Urso de Varsóvia (VARGAS, 2019).

Entre 2016 e 2018, no entanto, os lugares fechados da João Alfredo começaram a perder força e a própria rua e suas calçadas passaram a ser o ponto primordial das aglomerações que se estendiam pelas quadras. Mariana, cujo pai é músico de um grupo de MPB, frequenta com

ele desde muito nova os estabelecimentos daquela rua. Ela me contou que consegue identificar nessa época mudanças no perfil de frequentadores e do tipo de entretenimento que buscavam no bairro:

(...) a João Alfredo antes era só bar, que a galera de 25 anos mais ou menos ia... a média de faixa etária que tinha...e aí de cinco anos pra cá começou a galera mais nova a frequentar e mudou os hábitos, mudou os lugares, os estabelecimentos começaram a se ajustar de acordo com os gostos...tanto os musicais, tanto a questão de preços...não sei, até a aparência dos estabelecimentos mudaram pra agradar essa geração que começou a frequentar, deu pra perceber bastante isso, também que invés de entrar nas festas as pessoas simplesmente ficavam bebendo na calçada.

Depois do apogeu, veio o declínio. Não há um único caminho analítico que explique a derrocada da João Alfredo de seu *status* de artéria mais badalada da Cidade Baixa. De um lado, é preciso citar a forte atuação da Brigada Militar para dispersar as aglomerações em virtude das reclamações de moradores, o que aparece tanto nas falas das pessoas que entrevistei quanto nas reportagens que tratam dos impactos que as ruas lotadas passaram a ter no cotidiano do bairro. Mariana chegou a ser atingida por uma bala de borracha na orelha. *Foi em 2018. Eles tavam querendo dispersar a galera da João Alfredo e começaram a atirar no chão, então as balas meio que voltavam pra gente. E numa dessas brincadeiras, assim...eu levei uma na orelha, e sei lá, eu só queria sair dali* ela me contou. Apesar da presença da Brigada, as pessoas continuavam a frequentar a rua. Em janeiro de 2019, no entanto, em uma noite que tinha tudo para ser mais uma em que havia muita gente na João Alfredo, depois de um tiroteio três pessoas foram mortas e outras três ficaram feridas. O ocorrido foi caracterizado em reportagem da GZH (VARGAS, 2019) como *tragédia anunciada*, em decorrência das seguidas brigas e desentendimentos que ocorriam tanto entre os frequentadores da noite quanto entre aqueles e os moradores do entorno. Desde então, o movimento dispersou para outras vias do bairro.

As filas foram o principal fator provocador de concentrações de pessoas na rua durante o período de minha pesquisa, ainda que fossem efêmeras. A rápida experiência – ou nem tanto – de uma fila é um microcosmo da experiência duradoura de ter a rua como destino final da noite. Conversar, beber, fumar, ou já mirar um possível pretendente são ações recorrentes nas filas. Como as bebidas costumam custar bem mais em ambientes fechados do que na rua, a seguinte cena aconteceu em todas as filas que pude observar: a busca pela embriaguez acontece no momento de espera para a entrada na festa – quando as pessoas se aproximam da porta do estabelecimento, as garrafas e copos são entornados com a maior rapidez possível.

Figura 13 – Fila na João Alfredo



Fonte: Foto da autora (2019)

Nuvem Club é uma das casas que mais movimentam a João Alfredo de quinta-feira a sábado. No *site* do estabelecimento, ele é definido como uma casa noturna de clima jovem e animado. O funk é principal ritmo tocado nas festas. De fato, quando circulei pelas filas foi perceptível que o público era extremamente jovem. Quando perguntei à Mariana sobre as mudanças nos estabelecimentos da João Alfredo das quais ela me falou, ela ressaltou a comunicação deles com a sua faixa etária. *Ahhnn... dá pra ver, assim, pelas casas de festas, né, que começaram...até questão de mídia social, que a galera super interage com a galera dessa idade.* O já citado Margot, que funciona na mesma casa que o Pé Palito funcionava antigamente, também chamava atenção por suas filas. A casa é conhecida por oferecer muitas opções de drinks e pela diversidade das músicas que embalam suas noites. Na região, é comum que estabelecimentos fechem de tempos em tempos para logo depois reabrirem com outra proposta de entretenimento, sem que necessariamente haja mudança de proprietário. A noite tem um fluxo que lhe é próprio: promove encontros e também movimento.

No começo de 2020 observei que já se ensaiava o retorno de movimento mais intenso na João Alfredo, talvez não com o mesmo impacto nas dinâmicas do bairro quanto em anos

anteriores, mas sem dúvidas maior que o ano anterior. Em decorrência da pandemia de coronavírus, as atividades da maioria dos estabelecimentos foram suspensas, sobretudo aqueles em que ocorriam festas. Apesar disso, em diversas ocasiões a Cidade Baixa foi cenário de desrespeito às medidas de segurança sanitária e de isolamento social, sendo a João Alfredo um dos focos de aglomeração que foram contidos pela Brigada Militar (VIESSERI, 2021). De todo modo, essa rua é um caso emblemático de como as dinâmicas noturnas transformam-se, ganham outras roupagens, funcionando como porta de entrada para que a ocupação das ruas se espraiasse pelas principais artérias do bairro, o que aparece na fala de Fernando quando ele descreve as dinâmicas que viu acontecerem na Cidade Baixa:

A CB continuou muito mais cheia...ahn...alguns bares abriram com preços muito mais acessíveis, então sempre criou-se uma muvuca de gente ali, e isso eu venho percebendo o que acontecia na João Alfredo no sábado à noite parece que acontece durante cinco dias da semana, tá ligado?

Vinicius, outro assíduo frequentador da Cidade que entrevistei, também reforçou aquilo que ele chamou de migração:

assim houve essa migração das pessoas da João Alfredo pra outras ruas, mas eu acho que o pessoal permaneceu na Cidade Baixa, pelo menos eu sinto isso, porque aí, a José do Patrocínio, pelo menos, tem bares aqui da José do Patrocínio que acabaram ganhando muito movimento, então...ali na República ganhou muito movimento também, então o público mudou de lugar, mas permaneceu dentro assim.

Migração, nomadismo, movimento, fluxo: tanto faz. Importam menos os termos do que o entendimento de que na Cidade Baixa os jovens se deslocam e *praticam* o bairro em diferentes lugares, assim colocando seus corpos no mundo. Eu sigo esses deslocamentos e agora saio da João Alfredo em direção à Lima e Silva.

### 3.3 “É na Lima que a gente se encontra”: etnografia de uma rua agitada

Às 20h da noite de uma quinta-feira, 20 de junho de 2019, a seleção do Uruguai enfrentou o Japão em uma partida da Copa América. Quando cheguei na Cidade Baixa, pelo caminho usual, as ruas estavam tomadas de gente vestindo azul – seja com a camiseta da seleção celeste, do Grêmio, ou outra roupa que lembrasse a torcida pelo time do país vizinho, que empatou com o placar de 2x2. O futebol faz parte do emaranhado que compõe a Cidade Baixa – é ele que move as pessoas a se reunirem para beber numa quinta-feira, já dando o pontapé



inicial para o final de semana. Quando chega a sexta-feira, o volume de gente ganha outras proporções. Dificilmente quem vai para a rua vai sozinho, afinal, o encontro é uma dimensão essencial da noite. Quando perguntei aos entrevistados com quem costumam frequentar a CB, as respostas foram pouco diferentes entre si. Felipe respondeu: *geralmente eu combino com amigos e a gente se encontra*. Vinicius usou praticamente as mesmas palavras: *geralmente eu encontro os mesmos amigos de sempre*. Mariana, por sua vez, enfatizou que ir para a noite prescinde de um planejamento rigoroso: *geralmente a gente manda uma mensagem, assim....pode ser sexta às 17h da tarde “bah, vamos hoje pra Cidade Baixa”* me disse ela. Rodrigo também reforçou a importância da experiência coletiva: *eu nunca saio sozinho, né...pelo menos umas três pessoas tem que ter*. Imagine agora o leitor a quantidade de gente que se encontra na Cidade Baixa quando diferentes grupos de amigos combinam de se reunir em um mesmo lugar, ou em lugares muito próximos entre si. Nos finais de semana, as ruas do bairro são efervescentes.

Entrar na Lima e Silva, como já mencionado, funciona para mim como um portal que separa o Centro da Cidade Baixa, que separa minha vida ordinária do *modus operandi* de pesquisadora, se é que isso seja possível. Isso não parece ser algo que afeta somente a mim, mas também a quem frequenta o bairro. É ali, principalmente à noite, onde a Cidade Baixa se transforma no bairro da boemia, da festa, do entretenimento noturno. Logo na primeira quadra depois da Avenida Perimetral já começa a concentração de bares e restaurantes que dão o tom do que acontece no bairro. Entre as dezenas de estabelecimentos noturnos que preenchem a Lima de diversidade, observei que três bares de pequenas proporções têm destaque como um ponto de apoio para o que acontecia nas calçadas: a compra de cerveja e o uso do banheiro são necessários à manutenção das sociabilidades noturnas.

O tamanho diminuto destes estabelecimentos impede que haja mesas para todos que consumam em seu interior. A rua é a saída. Em um deles, conhecido como Villa, há somente um banheiro, duas mesas pequenas de madeira próximas ao caixa e seis outras mesas que ficam no pátio, que são abrigadas com guarda-sóis das marcas de cerveja ali vendidas. Depois disso, a calçada. A rua oferece um sentimento de liberdade que não se encontra entre quatro paredes. *Basicamente tu escolhe o que tu vai beber ali, ou nada...e tu te encontra com os teus amigos ali, ouve música e tal...* me confessou Rodrigo. Beber em pé na calçada ainda dá aos fumantes a vantagem de não precisarem sair do lugar em que estejam para acender um cigarro, seja ele de tabaco ou de maconha. Quando me dei conta de que carregar um isqueiro comigo, ou então pedir por um, poderia ser algo oportuno para puxar assunto com as pessoas na rua, não deixei de fazê-lo uma só noite. Tal estratégia rendeu bastante. Certa vez, eu estava observando o

entorno do bar quando um rapaz perguntou se eu tinha fogo, e o que eu estava fazendo ali sozinha, se eu queria companhia. Ele estava notavelmente bêbado, como a maioria dos que ali estavam, e pareceu não se importar com a resposta na qual eu explicava sobre a pesquisa que estava realizando. Mesmo assim, ele fez questão de que eu me juntasse ao grupo com que estava: mais dois homens e três mulheres. Embora eles estivessem ao lado da entrada do Villa, não estavam comprando bebidas lá: carregavam consigo uma sacola térmica cheia de latões de cerveja, o que é comum na Cidade Baixa. Como todos são moradores do bairro, o transporte das bebidas era fácil. Fiquei com eles por cerca de 20 minutos acompanhando suas conversas, que foram basicamente reclamações sobre uma professora da qual não gostavam, do curso de Design Digital da UFRGS. Me despedi da roda de amigos quando percebi que um deles estava interessado em mim, e não entendia o porquê de uma mulher estar sozinha em um lugar como aquele sem pretensões afetivo-sexuais. Outra noite, eu pedi isqueiro a um grupo do qual estava próxima, porque vi que eles estavam fumando maconha e deveriam ter um. Para minha surpresa, eles não gostaram de ser interrompidos, mesmo que rapidamente, e foram ríspidos com o meu pedido. Acendi um cigarro e me afastei tão logo pude.

Sabor da Vida é um bar/restaurante também pequeno que fica a poucos metros do Villa. Atravessando a rua, fica o Lima's, um bar de dimensões maiores em relação aos outros dois, no qual o espaço interno se mistura com a rua através do revestimento de vidro. Os fluxos internos e externos se misturam a todo tempo. Uma árvore com um canteiro de concreto, ao lado do Lima's, também cumpre a função de apoio a quem fica por ali, para colocar copos, garrafas, caixas de som, ou sentar. Na quadra entre a Avenida Perimetral e a Rua Leão XIII, o público que acessa os três estabelecimentos acaba se confundindo, uma vez que as pessoas se unificam quando ficam na rua. A calçada ali é o principal suporte para as sociabilidades da noite. A partir disso, vão se compondo relações de naturezas distintas das pessoas com o bairro e seus espaços, o que pode atravessar sentidos políticos, estéticos e afetivos.

Os carros não podem ser obliterados do contexto da Cidade Baixa: eles estão lá estabelecendo com as pessoas uma relação de ambiguidade com o uso do espaço. Carros e pessoas – ou motoristas e jovens se divertindo nas ruas – projetam interesses diferentes em uma mesma rua. Observo também que no bairro há uma diferença substantiva entre as vias quanto ao fluxo do trânsito. Na Lima, não há tanto movimento de meios de transporte quanto na José do Patrocínio, por exemplo, onde há ciclovias e paradas de ônibus<sup>27</sup>. As pessoas tomam a Lima

---

<sup>27</sup> Em 2011 aconteceu na José do Patrocínio um atropelamento coletivo de ciclistas do grupo Massa Crítica, o que colocou a rua e conseqüentemente a Cidade Baixa no centro dos debates sobre mobilidade urbana. O grupo é um movimento horizontal surgido em 1992 na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, com o intuito de

para si, de modo que a possível dimensão conflitiva da relação com os carros é levada quase que em tom jocoso. Perdi as contas de quantas vezes ouvi xingarem *filho da puta* quando alguma roda de amigos atrapalhava o fluxo do trânsito na Lima e Silva. Enquanto os motoristas ficam estressados, as respostas são risadas. A noite tem que continuar.

Figura 14 – Guris e gurias na Lima



Fonte: Foto da autora (2019)

---

promover um “mundo mais respirável por meio de pedaladas. Eles se reúnem todas as semanas no Largo Zumbi dos Palmares, localizado na Av. Loureiro da Silva, e lá decidem o trajeto do que chamam de “bicicletada” – ação em que distribuem panfletos e entoam palavras de ordem – como “mais amor, menos motor!” a favor do uso deste meio de transporte como elemento de um modelo mais justo e democrático de sociedade, diferente do atual. Na ocasião de 25 de fevereiro de 2011, o bancário Ricardo Neis 17 dos 150 ciclistas que protestavam pela José do Patrocínio (POHLA, 2011). O crime gerou comoção nacional e deu notoriedade ao Massa Crítica e seus ideais, motivando a realização do Fórum Mundial da Bicicleta, em Porto Alegre e do documentário Massa Crítica – Lavando a alma (2012), bem como melhorias e expansão das ciclovias da cidade. Após ser condenado a 12 anos e 9 meses de prisão, Neis recorreu em liberdade, foi considerado foragido e finalmente foi encontrado e preso em 2020, na cidade de Florianópolis. Hoje cumpre pena no Presídio Central de Porto Alegre (ZERO HORA, 2021).

A noite na Cidade Baixa é vibrante, agitada, frenética. Parte do encanto que as ruas exercem sob as pessoas vem de suas sonoridades: o bairro não é silencioso. Carros, gente conversando, ônibus, bicicletas, tudo isso faz parte do cotidiano. A música, no entanto, invade as dinâmicas da noite de forma a determinar seu ritmo. As músicas, na verdade, porque nas calçadas são várias as caixas de som que embalam as danças dos grupos que se reúnem em torno delas. *A gente acaba levando alguma caixinha pra ficar entre nós*, me contou Mariana. Embora haja muitas caixas de som nas calçadas, o gênero musical que sai delas é o mesmo: funk. Quando pergunto para minha interlocutora sobre o que ela costuma ouvir com os amigos, ela é enfática: *Funk. É o que predomina entre a galera, é um consenso geral*. Rodrigo também enfatiza *Ah, funk, né... não é o que eu ouço em casa, mas é o que anima o pessoal na rua*. Fernando traz em sua fala um ponto que é importante ressaltar: não é que não existam na Cidade Baixa estabelecimentos que ofereçam outras experiências sonoras. O fato é que, segundo o que tenho observado e o que me dizem os entrevistados, o funk impera nas ruas:

Claro que a gente sabe que ali tem lugares que abrigam outros estilos de música, mas a música da rua mesmo, sempre vai ser o funk e o rap, sempre. Não tem como, sabe? Não existe alguém chegando na Cidade Baixa em frente ao Lima's tocando Iron Maiden. Eu acho meio discrepante...respeito, obviamente, mas acho meio discrepante.

No campo da Física, som e cor são dois tipos de representações de um mesmo fenômeno: as ondas. Entendo que as frequências de ambos se encontram na Cidade Baixa, de modo que no bairro a música é mobilizada para colorir as ruas, as calçadas, os lugares. As pessoas que frequentam o bairro carregam consigo suas estéticas particulares, imprimindo às dinâmicas de lá cores, texturas, e modos de ser e estar na cidade. Na linguagem coloquial, onda é sinônimo de moda. De acordo com tal perspectiva, sem dúvidas o funk é uma onda na Cidade Baixa, assim como em períodos anteriores outros ritmos predominaram na cena noturna. Roupas, sapatos, brincos, bonés, cortes de cabelo, tudo isso faz das formas pelas os jovens que frequentam a CB. Mizrahi (2014) traz uma interessante abordagem sobre as relações entre o espaço urbano e produção de estéticas ligadas ao funk. Tomando de empréstimo de Manuela Carneiro da Cunha a noção do uso da palavra com ou sem aspas, a autora identifica como parte da “cultura” os processos de institucionalização que elevaram o funk à projeção nacional e internacional como símbolo da brasilidade, ao mesmo tempo em que a cultura reside na ação inventiva dos sujeitos do funk, que não se deixam aprisionar pelo que exigem mercado e Estado para que o ritmo seja “aceito”, de modo que a cultura funk passa a ser permeável aos padrões externos sem abrir mão de seus traços estilísticos fundamentais, entre os quais se destaca a centralidade do corpo. Transportando essa análise do Rio de Janeiro para Porto Alegre, na

última década verificou-se um *boom* do funk em terras gaúchas, o que aconteceu mediante o contato da inventividade do ritmo de que fala Mizrahi (Ibid.) com as culturas urbanas daqui. Corpos dançantes, que rebolam, que riem, que bebem, que compartilham experiências na cidade. Na Cidade Baixa, as noites nas ruas são conduzidas pelas cadências próprias do funk, que envolvem, seduzem, empolgam. Como diz a música da primeira década dos anos 2000: *É SOM DE PRETO, DE FAVELADO/ MAS QUANDO TOCA NINGUÉM FICA PARADO*<sup>28</sup>. Um ponto importante das sociabilidades que observei é a presença das caixas de som levadas pelas pessoas. Não há, portanto, um condicionamento aos bares e outros estabelecimentos para que os encontros, as danças e as trocas aconteçam. Pelo contrário, levar a própria música confere às pessoas autonomia em relação ao que acontece no interior dos lugares.

O funk que sai das dezenas de caixas de som dispostas nas ruas da CB surgiu nos morros cariocas – é uma ressignificação local de elementos do hip-hop estadunidense (VIANNA, 1997). Em *O funk e o hip hop invadem a cena*, Herschmann (2000) sinaliza a ascensão do funk e do hip hop aos holofotes da mídia e da indústria cultural, o que hoje já é uma realidade consolidada. Há na Cidade Baixa a congruência de um triplo movimento que favorece a escolha do funk como ritmo predominante nas noites. Por um lado, as políticas de ações afirmativas têm mudado a composição étnico-racial e social dos estudantes universitários, o que repercute diretamente na Cidade Baixa, já que o bairro fica próximo a muitos campi e por isso é ponto de encontro de universitários. Há pessoas negras e pobres ouvindo funk nas ruas do bairro – carregando em seus corpos elementos de seus territórios (DIÓGENES, 1999). Por outro lado, o público que vai à Cidade Baixa não se restringe aos círculos universitários – muitos dos *gurias* e *gurias* nem mesmo completaram a maioria. Além disso, é preciso considerar o crescente fenômeno de “aceitação” do funk entre as camadas médias. Em todo caso, a sonoridade do funk e o tipo de sociabilidade vinculado ao ritmo provocam o descontentamento de parte dos moradores da Cidade Baixa, conforme demonstro no quinto capítulo desta dissertação.

Depois de um prolongado período de chuvas, o que é típico do inverno gaúcho, em 17 de julho pude finalmente voltar à Cidade Baixa. Ainda era quarta-feira, mas o volume de gente lembrava aquele de muitos dos finais de semana anteriores, suponho que em decorrência da trégua que o clima tinha dado aos frequentadores das ruas. Chego no Villa por volta das 20:30h, já que no dia seguinte ainda havia expediente a cumprir e os estabelecimentos fecham perto da meia-noite. Para evitar o tipo de constrangimento relatado em um parágrafo acima, em que

---

<sup>28</sup> Som de preto, dos MCs Amilcka e Chocolate, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4aai7Bj2NY>

homens confundiram minha presença na noite como um convite ao flerte, algumas vezes chamei amigas ou amigos para irem comigo ao bairro. Foi o caso dessa noite. Diferente de outras vezes em que ali estive, decidi experimentar observar as dinâmicas da rua a partir da área interna do bar. Sentamos na mesa mais próxima à calçada, e pedi à Igor que sentasse de costas para a rua para que eu pudesse estar atenta ao que acontecia. Rodas de amigos, cigarros compartilhados e conversas – algumas mais calorosas que as outras: a noite é terreno fértil para o encontro. Observando o vai e vem entre o caixa-balcão e a rua, percebo mais uma vez que para grande parte das pessoas ali presentes o bar serve mais como um ponto de apoio do que como destino prioritário da noite. Se as mesas de bares configuram a disposição das pessoas de acordo com seu formato, nas ruas e calçadas as pessoas ficam livres para circularem, para se aproximarem ou se distanciarem dos demais, ou também para agirem sem as regras de conduta do estabelecimento. Analisando as tantas possibilidades que a boemia já assumiu e pode assumir, ousou dizer que o denominador comum entre elas é que quando anoitece o brilho da lua inspira ares de liberdade, de transgressão, de criatividade (CISCATI, 2000; TELES, 2000). Entendo que existe um tipo de comportamento dionisíaco buscado pelos jovens que se aglomeram nas ruas e calçadas da Cidade Baixa. Para eles, as ruas parecem despertar sensações de liberdade e de euforia. Nesse caso, os laços com o bairro e com as pessoas são criados por meio do compartilhar – experiências, bebidas, copos, saliva, ou a própria rua.

Dia 18 de outubro parecia uma noite como outra qualquer na Lima e Silva: a quadra entre a Perimetral e a Leão XIII tomada de gente, as batidas do funk dando a tônica do espaço e os estabelecimentos que se espalham por toda a extensão da rua com suas mesas cheias. Nessa noite em específico, priorizei observar a Cidade Baixa a partir da Rua da República, de onde consigo ter uma visão mais ampla do que acontece no bairro. Havia três viaturas da Brigada Militar circulando pelo bairro, como já era de costume durante os finais de semana. Por volta das 22:30h, percebi uma movimentação fora do normal: além da música que vinha das caixas de som comecei a ouvir gritos vindos da direção da Lima e Silva. De repente, um estrondo. Naquele momento, a polícia usava bombas de gás lacrimogêneo para dispersar quem estava nas calçadas. De longe, vi que as pessoas corriam em direção à Avenida Perimetral, ainda bastante movimentada, para se protegerem da ação violenta. Fernando, que estava em frente ao Villa naquela noite, me contou que *a polícia desceu o cacete em todo mundo que tava na Lima*. Pouco tempo depois, o fluxo de pessoas voltava ao estado anterior e a noite seguiu como se nada tivesse acontecido. Algumas semanas mais tarde, voltei àquela quadra e enquanto prestava atenção despretensiosamente no conteúdo da conversa de duas amigas, pude entender que uma delas contava contra à outra que nunca tinha antes passado por situação semelhante à quando

precisou correr das bombas e que se sentia desrespeitada. De Certeau (2012) assume a *antidisciplina* como tema de *A invenção do cotidiano*. Em diálogo com a visão foucaultiana de disciplina, o autor propõe que no cotidiano os sujeitos encontram brechas, articulam *maneiras de fazer* de forma a se situarem por entre as redes de vigilância. Movidas pela insistência em permanecer nas ruas e calçadas a despeito do controle estatal – usando assim a cidade conforme sua engenhosidade – as sociabilidades que observo acionam *maneira de fazer* a Cidade Baixa segundo os termos de quem a frequenta. Nesse sentido, atuam concomitantemente sob as dinâmicas do bairro a impetuosidade da disciplina policial e as práticas antidisciplinares dos sujeitos ordinários.

Em 14 de novembro, véspera de feriado, fez um dia de calor intenso em Porto Alegre. As altas temperaturas junto com o dia de folga funcionaram como um chamariz para que as pessoas fossem usufruir das opções de entretenimento oferecidas pela Cidade Baixa. Enquanto caminhava em direção ao bairro, já podia sentir a vibração que vinha das ruas, das pessoas, dos carros. Foi como se o movimento já aflorasse por todos os lados. Entrando na Lima e Silva, minhas projeções se confirmaram: desde o início de minha pesquisa nunca tinha visto aquela rua tão cheia. Por todos os lados havia gente, e mais gente, e mais gente. Durante o inverno a CB não deixou de acontecer intensamente durante as noites. O calor, no entanto, exerceu um poder de atração especial para que as pessoas saiam de casa. No Villa, o tamanho do bar não foi suficiente para comportar a fila das pessoas que compravam cerveja. Em certo momento, senti que o chão tremia tamanha era a quantidade de caixas de som funcionando ao mesmo tempo. Tudo e todos transbordavam para a rua naquela noite. As roupas ganharam cores mais vibrantes, as pessoas pareciam mais contentes, e os corpos bailando funk estavam mais à mostra. Minha estratégia de ficar parada perto das paredes dos bares não deu certo naquela noite, porque quando cheguei já estavam ocupadas. Além do funk das ruas, no Sabor e Vida estava acontecendo o show de uma banda de pagode, o que também chamava as pessoas a dançarem nas calçadas. Não havia, no entanto, uma distinção entre os públicos dos bares que formam a tríade da Lima e Silva. Todos estavam ali para aproveitar o que a rua tem a oferecer: a liberdade, o encontro, o baixo custo. Caminhando mais um pouco, começam a aparecer estabelecimentos, também lotados, nos quais as pessoas buscam outros tipos de experiências. Vinicius, por exemplo, dispensa as sociabilidades da rua: *Eu odeio ficar bebendo de pé, eu tenho pavor disso*, ele me disse. Existe uma Cidade Baixa para cada um dos gostos de quem frequenta a noite.

Em janeiro, fevereiro, e na primeira semana de março de 2020, a Lima e Silva esteve a todo vapor, engatando o movimento que acompanhou as altas temperaturas. Durante o verão cenas como as relatadas no último parágrafo se repetiram: calçadas cheias, sociabilidades que extravasavam em direção ao meio da rua, funk, cerveja, gente rindo, beijando, dançando. Quando o primeiro caso de coronavírus foi diagnosticado em Porto Alegre, dia 13 de março, o movimento não declinou abruptamente. Era uma sexta-feira de verão e a noite aconteceu como se a doença ainda não tivesse chegado por aqui. Minha última experiência de campo antes do começo do isolamento social terminou justamente no Cavanhas, lancheria localizado ao lado do Villa, quando eu voltava da José do Patrocínio. Embora os estabelecimentos que não vendem comida já estivessem fechados, às 4h da manhã ainda havia gente circulando pela rua, como se quisessem aproveitar a última noite antes do “novo normal”. No final de semana posterior, o primeiro decreto da Prefeitura que proibia o funcionamento de bares e restaurantes já estava em vigor (PORTO ALEGRE, 2020), e cenas da Cidade Baixa completamente erma se repetiram durante algum tempo. Não demorou muito, no entanto, para que começassem a acontecer aglomerações na Lima e Silva e em outras ruas do bairro, contrariando as medidas de segurança sanitária. No vai e vem dos decretos que proíbem ou flexibilizam o funcionamento de estabelecimentos noturnos, a Lima e Silva se destaca como uma das ruas em que houve o maior número de bares autuados e também de aglomerações nas calçadas que precisaram ser dispersas pelas Brigada Militar (GZH, 2020). Quando entrevistei Fernando, em outubro de 2020, ele tinha passado pelo bairro somente uma vez desde o começo da pandemia. Perguntei, então, o que ele faria logo que estivesse vacinado e que festas e aglomerações fossem liberadas, ao que ele respondeu:

Eu vou tá entornando três litrão no Lima's, no Lima's não, no Villa, sabe. E eu acho que esse vai ser o sentimento geral, de toda uma juventude que tá passando por esse momento e ali acho que vai ser o descarrego dos últimos trinta anos.

Entre as permanências clandestinas nas calçadas e as oscilantes permissões para que os estabelecimentos funcionem com restrições, a Cidade Baixa sobrevive como destino para quem procura opções de entretenimento noturno. Desde setembro de 2020, tenho ido ao bairro esporadicamente para acompanhar o movimento nas ruas que, como no ano anterior, aumentou proporcionalmente à elevação das temperaturas. Por outro lado, são inegáveis os impactos que o isolamento social causou ao bairro. Muitos lugares fecharam, outros se reinventaram para continuarem funcionando, como é o caso do Villa, que durante algum tempo funcionou somente na modalidade *take Away*, mas aos poucos foi reabrindo para que o público sentasse nas mesas.





O cruzamento entre a Rua da República e a Lima e Silva é um dos lugares cujas aglomerações chamam a atenção. Há muita coisa acontecendo por ali ao mesmo tempo: começando pela esquina, há no lado direito da República uma sequência de bares pequenos que colocam mesas na calçada e que concentram muita gente bebendo cerveja. As mesas e seus frequentadores por ali coexistem com grupos bebendo em pé. Vinícius é um assíduo frequentador do Hair Trendy, bar que funciona como salão de beleza durante o dia. Ele diz que aquela quadra é um *ambiente mais friendly* para a população LGBTQ+, da qual faz parte. De fato, nas fachadas de grande parte dos estabelecimentos dali há bandeiras que marcam a presença e a existência da comunidade no bairro. Em relação à rua vizinha, a República tem calçadas bem mais largas, o que permite que diferentes tipos de sociabilidades aconteçam em um mesmo lugar sem que se obstruam suas dinâmicas próprias. Vinícius, por exemplo, costuma frequentar ali porque gosta de beber sentado, mas não se incomoda com o que acontece ao redor. Estando na esquina, consigo ver que os públicos dos diferentes estabelecimentos se mesclam àquelas pessoas que preferem usar não usar as mesas. O movimento é intenso e constante, mas nem por isso as relações deixam de ser harmônicas. O ritmo da noite é, afinal, uma composição que abrange interesses diversos.

Por serem mais largas as calçadas, o espaço destinado aos carros é mais estreito na República, algo bastante característico desta rua. Na calçada esquerda, não há tantos bares quanto do outro lado. Tal configuração, sem as mesas, permite que nos finais de semana toda a extensão daquela quadra seja tomada por corpos, caixas de som e garrafas de bebidas. Em termos numéricos, tenho observado que geralmente há mais pessoas aglomeradas nesta parte da República do que na Lima e Silva, por exemplo. A diferença é que não há um transbordamento tão evidente para a rua; logo, não é tão frequente a disputa com carros e outros meios de transporte pelo uso do espaço. As sociabilidades não diferem: a música predominante é o funk, as pessoas permanecem em grupos, os corpos dançam e empinam copos de bebida. O ponto central de divergência é a relação com o espaço público e como isso pode afetar as dinâmicas da noite. Desde o ponto de vista de quem fica sentado no Hair Trendy, Vinícius me relatou o que vê acontecer do outro lado da rua:

(...) tipo ali lota muito, né, tipo muito muito muito mesmo, mas o pessoal não chega a invadir rua, a fechar rua assim...porque a calçada ali é muito larga, então junta muuuta gente sem invadir a rua, tipo indo ali até as vagas de estacionamento, assim...tipo, junta muita gente sem precisar da rua

Numa noite de novembro de 2019, saí sem óculos e precisei voltar para casa menos de uma hora depois. Não aconteceu nada de extraordinário, pelo contrário. Como é rotineiro, parte da República parecia uma grande festa ao livre. VAI, REBOLA PRO PAI/ VAI NOVINHA, VAI. A batida do funk era onipresente e saía das incontáveis caixas de som dispostas pela calçada. Perto da esquina com a Lima, onde eu fiquei parada, estava um grupo de cinco pessoas, todos homens, que carregavam uma caixinha preta retangular. Ora no chão, ora nos ombros daquele que parecia ser o dono, a caixa emitia luminosidade neon que atingiu diretamente meus olhos durante o tempo em que fiquei ali. Quando, perto da 00:40h, resolvi ir para outro lugar, já não conseguia enxergar com nitidez o que acontecia em minha volta. Naquele momento, a decisão mais prudente foi retornar para casa e deixar o trabalho de campo para outra noite. Lembro, com isso, que o etnógrafo é também um corpo no mundo, ou na cidade, que afeta e é afetado pelo que acontece nos contextos de pesquisa. Como ser no mundo, sou pesquisadora e ao mesmo tempo praticante desta cidade que se configura no cotidiano. Um corpo no mundo, que vive, percebe e pesquisa. O corpo, para o Merleau-Ponty (2011), não é uma coisa, não é uma máquina, nem é pura ideia, mas movimento, sensibilidade e expressão de uma potência criadora. É um corpo carnalizado e com cheiro, ele vive e ele sente, sendo assim um “Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio.” (p. 212). Por isso, caminhar pelo bairro é estar sob constante estado de afetação corporal.

Localizado exatamente na esquina entre a Lima e a República, o Speed é uma lancheria que movimentava a noite na Cidade Baixa. Além de prover lanches gordurosos a quem deseja matar a fome e anestésiar o estado de embriaguez, o Speed alimenta as sociabilidades que acontecem em seu entorno com a venda de bebidas. Observando as redondezas, é fácil perceber que a lancheria serve como ponto de apoio e de referência para quem escolhe a República como lugar de entretenimento. Mesmo durante a pandemia, todas as vezes em que passei por aquela esquina, de dia ou de noite, havia gente bebendo por ali. Houve noites, inclusive, em que o movimento na rua lembrava o que observei em 2019, ainda que em proporções menores e em horários reduzidos.

Atravessando a Lima e Silva, na outra esquina fica um bar cujo movimento se destaca: o Pinguim. Na porta de entrada há uma escultura da ave que dá nome ao estabelecimento, e o salão interno é um dos maiores do bairro. A grande área ocupada pelo bar permite também uma comunicação direta com as largas calçadas da República: mesas de plástico das marcas de cerveja Skol e Polar preenchem todo o entorno do estabelecimento. Foram raras as vezes em que fui à Cidade Baixa e que elas não estavam cheias, inclusive quando bares e restaurantes

voltaram a abrir durante a pandemia. A faixa etária do público que costuma frequentar o Pinguim é visivelmente superior a dos gurus e gurias que transitam pelo bairro e ficam nas ruas e calçadas. Nas dezenas de mesas dispostas nas áreas interior e exterior já vi casais, grupos de amigos, famílias e até mesmo um cachorro poodle sentado com sua dona. Observando o que acontece naquela esquina não é difícil concluir que as performances de gênero e sexualidade dos frequentadores dali destoam do público LGBTQ+ da quadra ao lado. Do ponto de vista das práticas, das sociabilidades e das maneiras de reivindicar os espaços da cidade, a posição do Pinguim é um caso emblemático de como entre os frequentadores da CB coexistem microcosmos que não necessariamente entram em conflito.

Foi na esquina do Pinguim que presenciei pela primeira vez um quadro policial na Cidade Baixa. Em uma noite de outubro de 2019, um grupo de três *gurus* estavam parados no limiar entre a calçada da República e a rua. Dois eram negros e o outro era branco. Todos vestiam bermudas jeans com a cueca aparecendo, camisetas coloridas e bonés para trás. Eu estava caminhando, e parei perto dali quando percebi que dois policiais caminhavam naquela direção. Empunhando um cacetete, um dos policiais se aproximou do *guri* que segurava uma caixa de som, ordenando que ele a guardasse. Assustado, o *guri* se curvou para trás dizendo que não tinha feito nada e guardou a caixa na mochila que tinha nas costas. Pouco depois, a caixa de som voltou à calçada e as batidas de funk já se misturavam àquelas que vinham das outras caixas espalhadas pela República. Mariana também destacou aquele ponto como referência: *Nas ruas a gente costuma ficar...éé...na frente do Pinguim...ou...deixa eu pensar...na José do Patrocínio, na frente do ReiPública*, me contou.

Seguindo pela República em direção à José do Patrocínio, chego ao outro bar citado por Mariana – o ReiPública. O nome do estabelecimento é bastante sugestivo do que acontece em seus arredores: ele reina no ponto de encontro entre as duas ruas, já que naquela quadra não há concentração de bares, como acontece em outros pontos do bairro. Diferente do Pinguim, por exemplo, o ReiPública não costuma ser um lugar de permanência. Pelo contrário, observei que o bar funciona como um *pit stop* para que as pessoas se abasteçam de bebidas e logo se dirijam a outros lugares. Aquela esquina é movimentada porque há um vai e vem constante de gente que compra bebida, fica um pouco por ali, e sai. A posição estratégica, portanto, faz com que o bar de esquina se relacione de forma intrínseca com as dinâmicas das ruas.

Na José do Patrocínio são três as esquinas que importam. Além do ReiPública, outros dois estabelecimentos localizados no encontro desta rua com outras ruas impulsionam aglomerações. As esquinas, nesse caso, propagam suas sociabilidades para as áreas contíguas. Começo pelo Cheiki, um bar localizado entre a Perimetral e a José do Patrocínio, na zona

limítrofe entre a Cidade Baixa e o Centro. Sem dúvidas, o bar atraía multidões durante toda a semana, o que alcançava proporções ainda maiores nas sextas e sábados. Quando comecei minha pesquisa, aquele era o ponto nevrálgico de tudo que acontecia nas ruas da CB. Rodrigo, por exemplo, vinha de Novo Hamburgo só para beber no entorno do estabelecimento. O bar em si não tem absolutamente nada de extraordinário: no pequeno espaço há um balcão/caixa onde as pessoas são atendidas, e o único banheiro fica ao fundo no canto direito. Além disso, há um pedaço em que são colocadas as mesas e cadeiras reservas. Nada mais. O diferencial é a área adjacente, demarcada por pilastras, em que ficam dispostas as mesas de plástico. O funcionamento do Cheiki é todo voltado para a área externa, e por isso se tornou tão atraente para quem preza pelo que a rua tem a oferecer.

Na sexta-feira, 18 de maio, quando cheguei ao Cheiki as mesas de plástico tinham sido guardadas para que coubessem mais pessoas em pé na área externa. Centenas de jovens formam uma multidão que avança em direção à Perimetral de forma a constantemente obstruir o trânsito. Os motoristas reclamam, buzina, xingam, tentam avançar em direção aos grupos, que só desviam, dão risadas, e continuam a dançar. Observo que, inclusive, a insatisfação dos motoristas parece impulsionar as pessoas para a avenida. Como em outras noites, perto da 1h o proprietário do bar isola a entrada com uma corda – uma medida para supostamente se isentar do que acontece lá fora – e as pessoas precisam se aglomerar ainda mais no pouco espaço que resta do perímetro do estabelecimento. Nesse caso, a Perimetral acaba sendo a saída. Quando vou embora, por volta das 3h, algumas pessoas ainda permanecem por lá, embora o movimento tenha caído. As bebidas e as caixas de som, afinal, independem do funcionamento do bar para animarem as noites. Ali, o que mais importa é a rua, o funk, o encontro. No mesmo período, uma ação dos proprietários gerou polêmicas nas redes sociais: eles realizaram uma campanha de financiamento coletivo online para quitar dívidas de multas da SMIC e do condomínio vizinho, para assim evitar o fechamento do bar (GZH, 2019)<sup>29</sup>. No entanto, circularam boatos de que o valor solicitado – R\$ 10.000 – não condizia com o valor real das tais multas, mesmo que ele tenha sido rapidamente arrecadado. Sendo verdade ou não os supostos gastos com multas, o fato é que durante algum tempo o Cheiki continuou funcionando e atraindo numeroso público.

Em outra sexta, 19 de julho, depois de semanas chuvosas o “veranico” chegou à capital gaúcha: o dia esteve ensolarada e a noite era um convite à permanência nas ruas. A temperatura agradável, mesmo no inverno, culminou em uma Porto Alegre que desde cedo estava em

---

alvorogo: se notavam os ruídos cotidianos acelerados e a circulação intensa de pessoas no Centro e na Cidade Baixa. Chego na Perimetral em algum momento entre 23 e 23:30h e a sensação imediata é de espanto, pois nunca tinha visto o lugar tão lotado. Há tanta gente que demoro cerca de 20 minutos para encontrar a amiga com a qual marquei...o lugar ecoa vitalidade. Enquanto circulo entre os grupos, é impossível não notar a embriaguez de alguns: gritos, danças sensuais, conversas animadas, garrafas empinadas, beijos apaixonados. Compro uma cerveja e me encosto em uma pilastra para observar o desenrolar da noite enquanto espero minha companhia. Apesar de ser relativamente cedo, vejo um rapaz de rosto conhecido bastante debilitado pela bebida. Ele senta em uma das poucas cadeiras que ainda restam no bar, ofereço uma garrafa d'água, ele recusa. Nesse momento as pessoas parecem ter se multiplicado e

repentinamente já não há espaço na Perimetral para os carros passarem, o que causa a indignação dos motoristas. Exatamente às 1:15h, quando as calçadas e a Avenida já estão completamente tomadas de gente, preciso ir para minha casa, que fica a aproximadamente quatro quadras do lugar. Já em casa, por volta das 1:40h começo a ouvir gritos, sons de viaturas policiais e de gente correndo. Acho estranho, mas adormeço pouco tempo depois. Na manhã seguinte descubro o ocorrido: a Brigada Militar dispersou a movimentação com bombas de gás lacrimogêneo (GZH, 2019), o que resultou em alguns feridos e centenas de garrafas pelo chão.

A paulatina diminuição do frenesi que o Cheiki causava, até seu fechamento durante a pandemia, é indicativa do quanto a rotatividade é um elemento importante para a compreensão das dinâmicas noturnas da Cidade baixa. Rodrigo me contou que *O cheiki virou o que virou...porque a Sônia fechou*. Além dele, Mariana e Felipe também lembram do bar com certa nostalgia, mesmo que o auge de seu movimento tenha acontecido entre o final de 2018 e 2019. As pessoas se deslocam pelo bairro, assim como mudam de tempos em tempos os locais preferidos de concentração nas ruas. A última vez em que fui observar o que acontecia no Cheiki foi em janeiro de 2020, quando os proprietários já eram outros e o estabelecimento voltou a organizar rodas de sambas, como acontecia bastante quando foi inaugurado. Havia gente, mas nada comparado às multidões de antes.

Na outra extremidade da José do Patrocínio, quando esta rua se encontra com a Avenida Venâncio Aires há dois bares que promovem ajuntamentos com as calçadas e com as duas ruas. Precisamente na esquina fica o Ski Bar, e na Venâncio o Nene's Bar. Ambos compartilham, além da localização, a estética de boteco: na fachada a propaganda laranja da cerveja Schin, no interior há mesas de plástico, ovos em conserva, mesa de sinuca e JukeBox. Nas vezes em que passei por ali durante o dia, observei que o público do Ski se assemelha ao descrito por Jardim (1991): homens de meia idade experienciando suas masculinidades nos botecos da Cidade

Baixa. Quando anoitece, as pessoas que reúnem nas imediações dos dois bares têm perfil diferente: percebo que são jovens, mas em sua maioria não tão jovens como aqueles que frequentam outros pontos do bairro. Os bares Ski e Nene's se complementam, e ambos estão intimamente relacionados com os espaços da rua. Além das calçadas, os canteiros da Avenida são lugares privilegiados para que as pessoas fiquem em pé conversando, bebendo e fumando. Talvez pela presença de JukeBoxes nos estabelecimentos, as caixas de som levadas de casa não aparecem com frequência. As músicas escutadas pelo público dali são diferentes do funk predominante em outras manchas: Led Zeppelin e Amy Winehouse estão entre os artistas com destaque na *playlist* daquela esquina. A Praça Garibaldi também está ali como ponto de referência para as sociabilidades que tomam conta dos espaços públicos.

A liberdade do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, ou só Lula, foi um acontecimento que fez Porto Alegre entrar em polvorosa. Na tarde de 8 de novembro de 2019, enquanto alguns esbravejavam em seus carros e apartamentos, juntei-me à multidão vermelha que tomou conta das ruas da Cidade Baixa. Por volta das 18h, logo depois do primeiro pronunciamento do político, já havia uma grande concentração de pessoas no Largo Zumbi dos Palmares, onde historicamente acontecem manifestações. Líderes locais do Partido dos Trabalhadores (PT), como Maria do Rosário e Raul Pont, discursaram em tom otimista. O clima era de euforia e esperança. A concentração de pessoas no Largo, localizado justamente nas esquinas de “entrada” na Cidade Baixa, é estratégica para que depois de terminadas as atividades as pessoas se espalhem pelas ruas do bairro.

Antes da meia-noite a Lima Silva parecia um cenário de guerra: a cavalaria da Brigada Militar circulava em uma tentativa de intimidar quem estava no bairro, que parecia estar cada vez mais cheio de gente. Eu comi um xis com um grupo de amigos no Cavanhas, e depois caminhei sozinha até o Nene's. Naquela noite experimentava as ruas da Cidade Baixa como mais uma entre tantos frequentadores. Encontrei outros amigos na esquina da José do Patrocínio com a Venâncio Aires. Comemoramos, fizemos projeções sobre o cenário político, bebemos cerveja. Afinal, a soltura de Lula soava como uma centelha de esperança para quem está à esquerda do espectro político. Por volta das 2:30h, encontrei dois amigos parados na esquina, próximos ao Ski Bar. Quando percebi, as outras pessoas com que eu estava já tinham ido embora sem se despedirem, e então permaneci no mesmo lugar, na calçada perto da entrada do estabelecimento. Depois de algum tempo bebendo cerveja na rua, entramos no Ski porque a proprietária disse que fecharia as portas e quem estivesse lá dentro poderia permanecer. Por volta das 4h, quem entrou no bar foi a polícia. Assustada, minha única reação foi obedecer aos comandos dos dois policiais e encostar meu corpo na parede. Eles revistaram cada uma das

peessoas que estavam no estabelecimento, mas não encontraram nada de comprometedor. Findada a abordagem, saímos de lá assim que possível e nos dirigimos ao Speed, um dos poucos lugares ainda abertos. Já amanhecia quando voltei para casa, encontrando pelo caminho os vestígios de uma noite agitada na Cidade Baixa.

No verão escaldante de Porto Alegre, dia 31 de janeiro de 2020, foi a segunda vez em que levei um ataque policial no mesmo lugar. Diferente da outra ocasião, não era nem meia-noite quando duas agentes da SMIC entraram no Ski acompanhadas de três policiais. Naquela noite, eles percorreram todo o bairro para averiguarem as condições de funcionamento de bares e restaurante. Novamente as pessoas presentes foram direcionadas para as paredes, só que de maneira mais abrupta. A operação durou cerca de vinte minutos, que pareceram uma eternidade para quem estava sob a mira dos agentes estatais. Nenhuma irregularidade foi encontrada no Ski e logo que eles foram embora o movimento do bar continuou como antes. Lá fora a noite seguia sem nada de extraordinário: gente nas calçadas, nas ruas, no canteiro da Avenida, gente compartilhando cerveja, gente compartilhando maconha, gente se apropriando do bairro e da cidade.

Entre as noites que fui àquela esquina observar suas dinâmicas e sociabilidades, a de 13 de março de 2020 foi a mais simbólica, porque foi a última antes do isolamento social. Estávamos comemorando o aniversário de uma colega de mestrado, a Júlia, e o Ski foi a penúltima parada da noite. Entre um grupo de antropólogos, me posicionei exatamente na esquina enquanto observava o que acontecia ao redor. O canteiro da Venâncio Aires estava cheio, assim como todos os lugares da Cidade Baixa pelos quais passamos. O semestre letivo da UFRGS e de outras universidades tinha acabado de começar, o que costuma ocasionar um movimento intenso nas muitas opções de entretenimento noturno que o bairro oferece, já que trabalhos, provas e tarefas acadêmicas ainda não se fazem tão presentes no cotidiano dos universitários. Naquele momento, não imaginava que meu trabalho de campo não mais aconteceria conforme o planejado – na rua e no meio da multidão. Conforme agora entendo, a dor e a delícia da pesquisa antropológica é justamente seu trajeto em zigue zague entre o planejamento e a imprevisibilidade do que acontece no mundo social.

As diferentes esquinas da Cidade Baixa trazem em suas peculiaridades e semelhanças um ângulo privilegiado de observação de como o bairro é praticado em seu cotidiano – a partir delas consegui estar atenta às dinâmicas mais amplas do entorno, o que ajuda a compor um panorama analítico dos conteúdos dos quais a CB é revestida. A posição permitiu também acompanhar os fluxos do bairro: para onde as pessoas caminham, onde permanecem, onde se



aglomeram, onde compram bebidas e o que fazem. Saindo um pouco deste ponto estratégico, direciono este texto para outros lugares da Cidade Baixa e de minha interpretação sobre ela.

### 3.5 “*Eu disse que nós ia vim parar no Opinião*”: a José do Patrocínio como ponto de encontro

Na José do Patrocínio, a partir do segundo semestre de 2019 os motoristas que tentaram circular por lá durante os finais de semana tiveram dificuldades. Os frequentadores da Cidade Baixa tomaram a rua para si. Meu olhar pouco afeito à matemática não me permite mensurar com precisão a quantidade de pessoas que passaram a se concentrar na quadra entre a Lopo Gonçalves e a Joaquim Nabuco, mas o certo é que foram muitas – verdadeiras multidões a cada sexta e sábado. Ao mesmo tempo em que foram minguando as aglomerações no entorno do Cheiki, crescia vertiginosamente o número de pessoas que ficavam em frente a um bar da José do Patrocínio: o InSônia. Felipe lembra da rotatividade entre os lugares de concentração nas ruas: *É, o cheiki tomou o lugar, assim...a lacuna que deixou a Sônia, que é de condensar o...a galera mais alternativa, assim...tipo...não digo alternativa, alternativa, mas a galera que não fica dentro de bar.*

Reivindicar as caminhadas enquanto opção metodológica proporcionou que eu acompanhasse as mudanças no bairro. Ao tratar do ofício do etnógrafo, Silva (2009) ressalta que a cidade nunca se destaca do observador como um quadro em um museu, para o qual há um ângulo perfeito e imutável de contemplação: “O conhecimento da cidade é, portanto, um conhecimento produzidos pelos percursos” (p. 174). Com isso, passei a frequentar o InSônia – ou a rua em que está localizado - com a mesma regularidade que seus assíduos frequentadores. Se a noite e seus fluxos não têm nada de estáticos, tampouco eu poderia ficar parada. Em meio à pandemia, quando realizei as entrevistas aqui exploradas, Rodrigo lembrou com nostalgia das experiências que lá teve: *Não conhecia a Sônia, nunca tinha ido no Mister X e graças a deus eu fui, porque é muito bom...e nossa, que saudade.*

Figura 16 – José do Patrocínio



Fonte: Foto da autora (2019)

Figura 17 – José do Patrocínio em frente ao InSônia



Fonte: Foto da autora (2019)

O bar reabriu em agosto de 2019, depois de um tempo fechado por questões burocráticas. Uma semana antes, os saudosos frequentadores do estabelecimento organizaram um evento que deu o tom do que aconteceria naquela quadra dali por diante. Aglomeração, termo que no contexto atual gera tanto repúdio, é também um termo que não pode deixar de ser mobilizado para descrever as noites nas imediações do InSônia e do Opinião. Na primeira quinzena de agosto de 2019, vazou a informação de que Orkut Buyukkokten, – criador da extinta rede social homônima – estava em Porto Alegre para participar de um congresso de inovação e tecnologia. Foi um alvoroço. Não faltaram nas redes sociais memes e postagens em tom jocoso fazendo referência à visita pouco usual do desenvolvedor turco. Entrando na onda, um grupo de amigos marcou um encontro com Orkut na CB. Em pouco tempo, milhares pessoas já haviam confirmado presença no evento organizado por meio do *Facebook*. O lugar escolhido para o encontro foi justamente o bar que reabriria na semana seguinte. Aquilo que começou como uma brincadeira tomou proporções que os organizadores não previram. Orkut não apareceu. No entanto, uma multidão ocupou toda a extensão de duas quadras. Fernando, que estava lá, disse que havia mais de 1.000 pessoas aglomeradas. Não demorou muito para que a Brigada Militar também aparecesse. De acordo com relatos, não houve diálogo antes que balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo fossem usadas para dispersar a aglomeração. Houve feridos nessa ação policial.

Diferente da polícia, a proprietária do bar, Sônia, tem uma convivência amistosa com os frequentadores. Ela costuma conversar, circular entre as mesas e a rua, e socializar com os jovens. Sônia é uma mulher cujas roupas revelam seu gosto musical: jaquetas de couro, calças, saias, vestidos e blusas, olhos maquiados, tudo é basicamente preto. Dentro do estabelecimento, ela costuma comandar a playlist, que abrange as variadas possibilidades de rock: desde Led Zeppelin até Dire Straits. Já na rua, o que domina é o funk, e as músicas que saem das caixas de som levadas pelas pessoas acabam se fundindo. O grave das batidas se propaga por toda a quadra. O rock do bar e o funk das ruas não brigam entre si, pelo contrário, naquele contexto convergem como manifestações artístico-culturais que encontram na noite sua potência. No webinar *Entre o punk e o funk: circuitos musicais, juventudes e cidades* (2021), organizado pelo Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da USP, os pesquisadores Mylene Mizrahi e João Bittencourt debateram sobre como o funk e punk, por eles respectivamente estudados, mobilizam signos urbanos. Bittencourt apresentou a perspectiva de que os dois ritmos têm em suas sociabilidades o desejo de confrontação de normas, o ímpeto de sair da disciplina. Salvaguardando as peculiaridades estéticas, históricas, políticas e rítmicas dos gêneros musicais, ambos são expressão subalterna e subversiva da existência na cidade. Através do punk

e do funk, os jovens puderam ocupar e circular pelas ruas, colocando em ação seus repertórios – seja de práticas ou de músicas. Na ocasião do evento, o próprio Magnani destacou que a noção de circuito juvenil pode ser fecunda para a compreensão de como a música – punk ou funk – pode ser mobilizada na apropriação dos espaços urbanos.

Enquanto caminhava pela José do Patrocínio em direção ao InSônia, em uma noite de janeiro de 2020, estava logo atrás de um grupo de amigos que tinham o mesmo destino que eu. Um casal heterossexual de mãos dadas andava com três guriis – todos eles aparentemente muito jovens. Um deles bolava um *beck* ao mesmo tempo em que conversava com os outros. A caixa de som que a guria carregava estava ligada a todo volume e as batidas do funk se misturavam aos sons que vinham das demais coisas que aconteciam no entorno – carros passando, caixas de som do outro lado da rua. *Eu disse que nós ia vim parar no Opinião* foi uma das únicas frases que consegui ouvir do guri, que naquele momento já estava acendendo o cigarro. Todos riram, como que concordando. Naquela noite, no entanto, não havia show ou festa no Opinião. Naquela quadra os dois estabelecimentos – Opinião e InSônia – são referências que demarcam na cidade formas de sociabilidade que se encontram com os espaços públicos e que vão alinhavando maneiras de estar no mundo entre o mercado de entretenimento noturno e as experiências cidadinas.

A primeira vez que passei pelo InSônia durante a pandemia foi bastante impactante. Entre o segundo semestre de 2019 e os primeiros meses de 2020, era praticamente impossível enxergar a fachada do estabelecimento ou mesmo entrar em seu interior sem ter de passar por muita gente – os ajuntamentos tomavam a calçada e toda a extensão da quadra para si. Em agosto de 2020, o lugar estava fechado e escuro. Por ali pairava a sensação de abandono, penumbra, o que lembrava um cenário pós-apocalíptico. A proprietária inicialmente tentou vender cerveja por *delivery*, e quando começaram as flexibilizações das medidas de isolamento, fez parte do movimento que se posicionou contra a abertura de bares para o público. O InSônia foi um dos casos de estabelecimentos que não resistiram aos impactos da pandemia e que acabaram fechando definitivamente. Diante disso, é provável que no momento em que passar o cenário de crise sanitária o público que costumava se reunir naquela quadra migre para outro ponto do bairro, colocando novamente em ação os nomadismos urbanos da noite.

Em espanhol, o adjetivo *callejero/callejera* qualifica tudo aquilo relacionado à rua. Caso eu estivesse escrevendo este texto nesta língua, minha tarefa seria a descrever as *sociabilidades callejeras* da e na Cidade Baixa. Mas escrevo em português. Apesar das muitas semelhanças entre as duas línguas de origem latina, não existe em minha língua materna um termo que substitua de forma efetiva o adjetivo hispânico. Trocando de classe gramatical, recorro aos

substantivos para tentar entender semanticamente as noites que observei e experienciei no bairro. Arruaça – é definida no dicionário Aurélio como desordem nas ruas, algo ruim. Em sintonia com os objetivos desta pesquisa, proponho uma ressignificação não pejorativa do termo. Arruaça, nesse caso, é algo que não carrega juízo de valor: pode ser boa ou ruim, a depender da perspectiva de cada um. Para quem faz parte das arruaças da Cidade Baixa, a conotação positiva é indubitável. Para quem mora no bairro, nem tanto. Fernando, por exemplo, ressalta a fluidez das ruas em relação às casas de festas:

Uma fortuna de dinheiro pra tá ali dentro pra sair às 5 da manhã, enquanto que você na rua é como se você estivesse sempre se movimentando de lugar pra lugar, sai do Vila pro Speed, do Speed vai pra Sônia, da Sônia vai pra, sei lá, tem um itinerário completo e você às vezes não paga nada, então só por isso eu acho que já é, já é um ponto central pra mim, tá ligado?

A experiência da arruaça movimenta o bairro: ao estarem nas ruas, as pessoas praticam no cotidiano sua própria cidade, imprimindo nesse processo sentidos que se constroem de maneira contínua. É justamente isso que Agier (2015) chama de fazer-cidade: um movimento, um fluxo, um encadeamento simbólico que se dá a partir de experiências concretas no espaço. Ao se apropriarem das ruas e das calçadas como lócus de sociabilidades noturnas, os gurus e gurias fazem outra Cidade Baixa, que não é aquela planejada pelos gestores públicos, mas sim a Cidade Baixa vivida.

### 3.6 “*A moda agora é funk e ficar no meio da rua tomando kit*”: práticas e sociabilidades juvenis

A frase que dá título a esta subseção é da entrevista que um proprietário de bar concedeu à GZH (GERMANO, 2019), e dá indícios de como o fenômeno que passei a chamar de arruaça carrega consigo práticas e formas específicas de estar na Cidade Baixa. Nos parágrafos e seções acima tratei sobretudo sobre o funk – e como as batidas deste ritmo penetram nas dinâmicas do bairro. Agora, o cerne desta seção são as bebidas, as garrafas, as ruas e como as pessoas bebem nelas. Para isso é fundamental a noção de “maneiras de beber”. Em sua tese, Garcia (2008) mobiliza tal categoria analítica para a compreensão das práticas e sociabilidades relativas ao consumo de bebidas alcoólicas em uma comunidade do interior de Minas Gerais. O tipo de bebida, o teor alcóolico e a natureza das experiências buscadas são elementos relevantes para o entendimento de como as pessoas bebem no bairro que estudo. Uma frase de Fernando sintetiza qual a principal maneira de beber por mim observada na Cidade Baixa: A

*gente conseguir se divertir, e a maioria das vezes conseguir se embriagar só tendo 10 reais no bolso e com tanta gente, porra! Meu deus do céu!*

Aglomerar, compartilhar, embriagar – são todos verbos associados à *maneira de beber* na CB. O ato de beber carrega um grande potencial de conectividade – quando bebem, as pessoas tendem a ficar mais efusivas, comunicativas, dispostas a agirem de modo que talvez sóbrios seria menos provável. Nas tantas noites em que observei pessoas bebendo na Cidade Baixa, as risadas altas, os beijos calorosos, as danças em espaços públicos são energizadas pelo consumo de bebidas alcólicas, de forma que beber se converte em experiência coletiva. Os copos passam de mão e mão, o valor das garrafas é rachado, assim como a embriaguez conduz as sociabilidades. No campo da Antropologia, quando se trata de consumo considero elementar a leitura de Douglas e Isherwood (2004). Os autores entendem o consumo como ritual – os bens são a parte visível da cultura, são aquilo que manipulamos no cotidiano e que por isso integram a produção simbólica da vida social. Quando considerada a natureza ritualística do uso de bens, pode-se observá-lo como potencializador do estabelecimento de relações: “os bens são neutros, seus usos são sociais; podem ser usados como cercas ou como pontes” (p. 36). No caso do consumo de bebidas alcólicas na Cidade Baixa, assumo que elas atuam como ponte que liga as pessoas entre si e também com os espaços urbanos.

Caminhar pela Cidade Baixa é também perceber que hoje um fenômeno se encontra em todos os cantos do bairro: o *kit*. Seja nos copos de quem frequenta a noite, ou nos anúncios dos lugares onde é vendido, essa bebida é onipresente. De forma geral, um *kit* é um conjunto de elementos que servem para um mesmo fim. Como categoria êmica, é a mistura entre vodka e alguma bebida doce – geralmente energético. A mistura entre vodka e energético não é exatamente algo novo, mas a nomenclatura dá ares de singularidade. Mariana, uma defensora da combinação, relaciona o gosto pelo *kit* à *maneira de beber* de sua geração: *mas eu sei que a galera assim 25+ detesta kit e acha extremamente nojento e que faz mal pro coração. Dá pra perceber claramente que é uma coisa da nossa geração, que é uma coisa bem nova.*

A um primeiro olhar míope, como o meu, a coloração do *kit* lembra muito o da cerveja: ambas as bebidas têm tonalidades variadas de amarelo, que dependem da marca de qualidade, algumas são claras, outras são mais escuras, mas todas são amarelas. Conforme fui avançando minha pesquisa, no entanto, fui percebendo as particularidades do *kit*. As garrafas precisam ser, de certa forma, protegidas de atropelos e de possíveis furtos. Por isso, na ritualização do consumo das garrafas de vodka e de energético, as pessoas costumam ficar em círculos (DOUGLAS; ISHERWOOD, Ibid.). No interior das configurações circulares que observei na Cidade Baixa, ficam as sacolas em que as garrafas são guardadas. O gelo é também um

elemento de praxe. Diferente da cerveja, o *kit* costuma ser comprado antes e dividido entre quem bebe. Fernando me explicou como ele e os amigos têm o hábito de fazer: *Compro no Zaffari mesmo ali da Lima e Silva. Acho que é o mais próximo. Mas geralmente costumo levar.* Durante a noite, as partes que compõem o *kit* podem ser reabastecidos nos estabelecimentos do bairro. Mariana explica como funciona a dinâmica da noite: *então tipo, tu vai ali ReiPública, logo ali, que é onde tu consegue o kit mais barato possível e consegue deixar cinco pessoas bêbadas pelo mesmo preço de um fardo de cerveja.*

Outra bebida cuja presença é garantida nas arruaças da Cidade Baixa é o corote. O coquetel alcoólico à base de vodca tem origem paulista, mas projetou-se nacionalmente e alcançou o mercado dos jovens universitários por meio de uma repaginação da marca (CAGLIARI; NEGRÃO, 2019). Aterrissou em terras gaúchas em meados de 2018. Limão, morango, pêssego, *blueberry*: cada sabor tem também uma cor específica que torna o corote inconfundível. O sabor adocicado e as cores vibrantes da bebida mascaram o teor alcoólico de 13,5%, que embebeda de forma rápida e fácil. O corote é doce, colorido e barato. Nos mercados, uma garrafinha “barriguda” não custa mais que R\$5. Além disso, em virtude do tamanho compacto e da composição de plástico pode ser facilmente carregadas e compartilhadas. Em síntese, a bebida é a compilação de várias características que a fazem ser um sucesso nas ruas da Cidade Baixa. A preferência pelo *kit* ou pelo corote tem duas possibilidades analíticas que se complementam. Primeiro, a de ordem econômica: custam menos e seu valor pode ser compartilhado entre quem vai beber. Segundo, o teor alcóolico mais elevado que a cerveja, por exemplo, deixa as pessoas bêbadas mais rápido e mais fácil - as duas bebidas possibilitam a otimização do processo de embriaguez. *E eu quero a experiência de me emborrachar!* me disse Fernando quando o questionei sobre o porquê da escolha recorrente pelo *kit* e por bebidas mais baratas. Dialogando novamente com a perspectiva de Douglas e Isherwood (Ibid.), entendo que as escolhas daquilo que consumimos, entre as quais estão incluídas as bebidas, estão vinculadas às tendências do momento: são um constructo cultural.

Mesmo que hoje grande parte dos jovens frequentadores da Cidade Baixa permaneça nas ruas em detrimento de lugares fechados, os pontos de aglomeração costumam estar próximos de estabelecimentos nos quais possam comprar bebidas. Calçadas, ruas, esquinas e bares estão entremeados na composição de um tipo de experiência voltado para os prazeres que a noite proporciona. Nesse caso, ir no InSônia, no ReiPública, no Villa, no Cheiki, ou no Nene’s e permanecer nos seus arredores impulsiona sociabilidades que estendem para além de relações meramente comerciais – estando ali as pessoas reivindicam seu próprio lugar no bairro e consequentemente na cidade. Vivenciar a CB por essa via estabelece relações geradoras e

mantenedoras de laços, sejam eles efêmeros ou prolongados. Volto aqui à perspectiva apresentada por França (2012), para a qual a noção de consumo pode ser estendida a lugares e situações, uma vez que através deles circulam sentidos e afetividades de natureza compartilhada. Nas palavras da autora,“(...) podemos dizer que estabelecimentos comerciais podem ser consumidos na medida em que oferecem acesso a ambientes aos quais são atribuídos significados particulares pelas pessoas.” (p. 28). Cada um dos bares citados aciona a dimensão dos modos de consumir em articulação com os modos de ser no mundo social. Existe ainda na Cidade Baixa um tipo de estabelecimento cujas características são um intermediário entre os bares, as casas noturnas e as ruas: as chamadas conveniências ou tabacarias. Sem mesas, cadeiras, ou lugares específicos para que as pessoas sentem e permaneçam, tais comércios não costumam ser convidativos para que aglomerações ocorram em seu entorno. Há cigarros, bebidas, isqueiros, gelo, sedas e narguilé. Como o nome indica, são convenientes para que sejam comprados os entorpecentes que animam as dinâmicas noturnas.



Figura 18 – Tabacaria dos guris



Fonte: Foto da autora (2020)

Figura 19 – Promoção de kit



Fonte: Foto da autora (2019)

A cerveja ainda é uma bebida popular, por mais que as garrafas de corote e dos *kits* se propaguem pelas ruas da Cidade Baixa. Ela é a preferida entre aqueles que optam por permanecerem sentados nos bares. Vinicius, por exemplo, estabeleceu relação de afeto com a Rua da República e com o bar *Hair Trendy*, onde ia todas as semanas para beber cerveja. Há no bairro lugares que vendem cervejas artesanais ou de marcas que anunciam melhor qualidade. No entanto, nos bares que se relacionem de maneira mais orgânica com as sociabilidades das arruaças a escolha do que beber se dá em função do preço acessível em detrimento da qualidade. Em lugares fechados, prevalecem os copos de vidro, que/ sugerem o ato de beber como uma experiência individualizada, ainda que seja raro que alguém sente sozinho nas mesas. Os copos de plástico são a possibilidade de quem bebe cerveja nas ruas e calçadas. Lá, os copos circulam nas rodas e muitas vezes são usados de maneira coletiva.

Na Lima e Silva, o Villa se destaca como estabelecimento que vende cerveja barata. Nas vezes em que sentei no bar, não fui nada inovadora em relação ao *modus operandi* de quem vai ali: a propaganda “2 Itaipava por R\$15” escrita em um quadro negro na entrada logo impulsiona a compra de cerveja. Em ocasiões diferentes perguntei para dois guris sobre o porquê de escolherem comprar a bebida ali. Na primeira, questionei um rapaz de dreads, visivelmente alcoolizado, que mal conseguiu verbalizar algo e apontou para a placa na qual fica a tabela de preços. *É o único lugar que dá pra beber*, me disse Anderson, com quem tive um breve diálogo sobre consumo, bebidas e a cidade. Apesar de hoje morar no centro de Porto Alegre, ele veio do bairro Restinga, que fica a aproximadamente 20 km de distância dali. Para o frequentador do bar, que já esteve em situação de rua, a Cidade Baixa não passa de um lugar de “playboy”. Mesmo assim, aquele é a melhor entre as opções porque o preço é razoável em comparação aos outros lugares.

Seja qual for a bebida escolhida, o que observei na Cidade Baixa foram sociabilidades sob efeito etílico. Corpos, copos, risadas e algumas vezes cigarros imbricam-se nas singularidades do bairro, assim projetando o estar lá enquanto prática permeada por afetações simbólicas – a CB é o encontro das muitas diferenças, que convergem para o ritualístico consumo de bebidas. Beber é conectar-se: com as pessoas, com os lugares, com as sensações proporcionadas. O engajamento passional com o bairro é, conforme tenho visto, movido por experiências de ordem prática e simbólica.

Neste capítulo, compus uma narrativa etnográfica sobre o que observei e vivi nas ruas da Cidade Baixa. Na Lima, nas esquinas, na José do Patrocínio e na República, os jovens que se apropriam do bairro fazem CB (AGIER, 2015) a todo tempo. Eles inventam e reinventam os sentidos de sua vida noturna. Nos próximos capítulos, meu objetivo é demonstrar como a

Cidade Baixa feita através das práticas e sociabilidades *arruaceiras* muitas vezes não coincide com a perspectiva que parte dos moradores tem sobre seu bairro. Começo pelo carnaval, tema do capítulo que segue, uma vez que as sociabilidades da festa atualmente representam tudo aquilo que tais moradores não querem nas ruas: gente bebendo, fazendo barulho e atrapalhando suas rotinas.

#### 4. CARNAVAL NA CIDADE BAIXA: O USO DAS RUAS COMO LUGAR DE FESTA

Do Oiapoque ao Chuí, o Carnaval é um dos momentos mais esperados do ano, é uma manifestação cultural com raízes profundas e espalhadas por todo o território nacional. Deslizando entre os polos opostos entre quem ama ou odeia a festa, dificilmente alguém fica imune aos impactos causadas nas rotinas das cidades brasileiras. Como demonstrou DaMatta (1997a), na semana que antecede a quaresma os valores que regem as normas e padrões do cotidiano são invertidos: as sociabilidades e sexualidades são acentuadas e a população pobre ganha visibilidade. O carnaval, envolto em controvérsias, é uma chave analítica essencial para a compreensão da sociedade brasileira. Eu fico do lado daqueles que todos os anos esperam ansiosamente pela chegada da festa. Entre 2019-2020, tal ansiedade ganhou um fator impulsionador: eu esperava que os festejos trouxessem dados e experiências fundamentais à minha pesquisa, o que de fato aconteceu. Afinal, do passado ao presente o Carnaval é algo que movimenta a Cidade Baixa. Considerando a posição dos interlocutores entrevistados, os blocos de rua e todo o movimento que eles levam ao bairro configuram experiências ímpares, que deixam saudades no decorrer do ano. Já para alguns moradores, as multidões que tomam conta das ruas e suas sociabilidades são um exemplo do que não deve acontecer no bairro.

No segundo capítulo, mencionei brevemente como os festejos carnavalescos, junto com o samba, ajudaram a construir no imaginário social a caracterização da Cidade Baixa como um bairro propício a festas. Neste capítulo, dedico especial atenção a como a festa se estende para além dos quatro dias oficiais do evento, pairando na determinação dos rumos da noite. Primeiro, introduzo as múltiplas facetas assumidas pelo carnaval porto-alegrense com base na produção bibliográfica sobre o tema. Depois, parto para as experiências do trabalho de campo realizado no carnaval de 2020, que foram fundamentais para que eu compreendesse o papel catalisador cumprido pelas dinâmicas carnavalescas de rua.

##### 4.1 As múltiplas expressões do carnaval porto-alegrense

Além do clássico *Carnaval, Malandros e Heróis* (DAMATTA, Ibid.), há nas ciências humanas uma vasta e riquíssima bibliografia cujo tema é o Carnaval e suas variadas expressões, o que não pretendo aqui esgotar. Queiroz (1999), por exemplo, é uma referência para a compreensão dos processos históricos que ocasionaram as transformações da festa no Brasil – das origens cristãs-europeias à resignificação pelas camadas populares urbanas. Mais recente, o livro *Carnaval em múltiplos planos*, organizado por Cavalcanti e Gonçalves (2009) é uma

coletânea de treze artigos em que os autores tratam das infinitas possibilidades de concretização que uma festa tão capilarizada pode assumir, chegando nas tradicionais Escolas de Samba do Rio, como a Portela, ou na festa de nossos vizinhos uruguaios. O núcleo analítico da obra evoca como em cada caso particular acontece a produção de sentidos carnavalescos em face da espetacularização das manifestações culturais.

No caso específico de Porto Alegre, o trabalho de Germano (2008, 1999) é uma referência fundamental para o entendimento do desenrolar histórico do carnaval. A festa de origem europeia era inicialmente privilégio da elite branca, que desfilava pelas ruas da cidade em carros luxuosos. No início do séc. XX, o carnaval foi sendo apropriado pelas camadas populares, sobretudo pela população negra, que adicionou sua musicalidade à festa: “O carnaval tornou-se popular, mas a partir de então foi representado e estigmatizado como festa de negros, do ‘outro’, do elemento suspeito e perigoso.” (GERMANO, 2008, p. 115). Se nas ruas de Porto Alegre o carnaval virou sinônimo de percussão, alegria, inventividade e gingado, a elite branca foi se fechando nos clubes, priorizando fantasias luxuosas e festas particulares em que a música ficava por conta de jazz-bands.

A Cidade Baixa era conhecida por “(...) suas ruas e becos, seus casebres e cortiços, suas casas de batuque, suas rodas de samba, seus carnavais, seus blocos e cordões” (GERMANO, 1999, p. 167). Conforme indica a autora, a Ilhota e o Areal eram dois dos territórios onde a população negra reivindicava seu espaço na cidade por meio de suas sociabilidades, assim costurando sua identidade. Os carnavais de lá eram as maiores referências para os carnavalescos negros, e envolviam a comunidade desde os festejos preparativos – as chamadas muambas. O carnaval da João Alfredo, na época ainda chamada Rua da Margem, destacava-se como um dos mais animados e disputados (FRANCO, 1998; GERMANO, 1999), sendo constantemente pauta dos noticiários locais, principalmente o Correio do Povo.

#### O carnaval na Rua da Margem

Foi simplesmente um sucesso o carnaval na rua da Margem. Logo ao primeiro dia a crítica o cognominava de “O melhor trecho”. Muito concorreu para o brilhantismo dos festejos (...) O curso que esteve muito movimentado terminou pela madrugada, com pesar dos foliões, que realmente estavam entusiasmados. (CORREIO DO POVO, 07/03/1935, p. 11 apud GERMANO, 1999, p. 176)



Figura 20 – Carnaval de rua na João Alfredo, década de 1930



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Figura 21 – Carnaval de rua na João Alfredo, década de 1940



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

Rosa (2008), por sua vez, ancora-se nos discursos da imprensa e de cronistas para elaborar um panorama que mostra como o carnaval era revestido de estigmas com teor racista e classista. Certa moralidade perpassava a fronteira simbólica entre negros e brancos, entre o carnaval das ruas e o dos clubes, entre as más e boas práticas. As reformas urbanas descritas com mais detalhes no primeiro capítulo desta dissertação, atravessadas pela busca por uma cidade moderna, limpa e ordenada, estão também relacionadas com a desagregação parcial das formas de sociabilidades ligadas ao carnaval. Tanto Germano (1999) quanto Rosa (2008) examinam os tempos áureos do carnaval de rua na cidade – das décadas de 1930 e 1940 – quando a festa passou a ser capturada pelo Estado Novo como símbolo de brasilidade. Aí reside uma interessante ambiguidade: o carnaval é lido ao mesmo tempo como ícone da identidade nacional e como festa em cujo repertório estão as práticas marginalizadas da população negra e de seus territórios, como a Cidade Baixa.

Galli (2019) ressalta que entre as décadas de 1940 até 1960 os carnavais tinham forte apelo comunitário e participativo: os diferentes grupos carnavalescos circulavam pelos coretos<sup>30</sup> organizados em bairros da cidade. Os coretos eram organizados por comissões locais que se responsabilizavam pela montagem e por convocar a comissão julgadora dos desfiles. O ano de 1961 ficou marcado como aquele em que o desfile da Academia de Samba Praiana revolucionou o modelo de carnaval ao introduzir elementos antes vistos nas Escolas cariocas: tema-enredo, alas, alegorias, fantasias luxuosas e elaboradas, assim como um número expressivo de participantes. Diante disso, as agremiações já existentes e as que foram surgindo se adaptaram ao *carnaval espetáculo* (DUARTE, 2011).

Em 1990, a Lei 6619 tornou o carnaval um evento oficial do município, e com as vindouras experiências do Orçamento Participativo havia esperança de que seria decidido um local específico para os desfiles com base nas demandas da comunidade carnavalesca. No entanto, as discussões não foram exitosas e se arrastaram por quase uma década. Até 2003, os desfiles aconteciam na Avenida Augusto de Carvalho, na zona limítrofe entre o Centro e o bairro Praia de Belas. As arquibancadas eram construídas provisoriamente a cada ano, e não havia espaço destinado para que as Escolas de Samba utilizassem como barracões para a montagem de alegorias e confecção de fantasias.

Em sua dissertação, Galli (2019) analisa as disputas políticas que culminaram na escolha do Complexo Cultural Porto Seco como o lugar onde desde 2004 acontecem os desfiles. Antes disso, outros dois projetos foram barrados: um no Parque Harmonia, no Centro e outro em um

---

<sup>30</sup> Estrutura, geralmente erguida em locais públicos, na qual se apresentam grupos musicais.

terreno próximo ao Parque Marinha do Brasil, no bairro Menino Deus. Por um lado, o Porto Seco possibilitou a infraestrutura necessária à realização dos desfiles. Por outro, deslocou manifestação cultural tão importante da zona central para a periferia da cidade, no bairro Rubem Berta. Germano (2008) destaca que tratar do carnaval em Porto Alegre é também tratar de processos de marginalização que excluíram a população negra dos espaços centrais. Primeiro, a desintegração da Ilhota e a expulsão dos moradores para onde hoje é a Restinga,

Os trabalhos de Silva (1993), Guterres (1996) e Duarte (2011), dissertações desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, tratam das vivências de carnaval relacionadas às Escolas de Samba. De acordo com Silva (1993), as Escolas foram o canal através do qual as populações negras da cidade puderam rearticular laços de sociabilidade antes existentes em territórios como a Ilhota, Areal da Baronesa e Colônia Africana, que foram desagregados por reformas urbanas. Guterres (1996) escreveu que não havia entre a população porto-alegrense grande engajamento com as Escolas de Samba – estigmatizadas como “coisa de marginal e negão”. No verão, as camadas médias urbanas tinham como destino o litoral e viviam muito mais o carnaval carioca, como um produto veiculado por meio dos meios de comunicação de massa, do que a festa local. Passados alguns anos desde que os desfiles têm acontecido no Porto Seco, Duarte (2011) identifica o surgimento de uma lógica de vínculo e de produção simbólica com o carnaval e tudo que gira em torno dele: “Não apenas como um momento ritual, mas como uma adesão integral ao estilo de vida e às formas de pertencimento ao mundo carnavalesco” (p.30). Ele chama de *cultura carnavalesca* essa outra forma de participação e identificação dos indivíduos com a produção e o consumo do carnaval.

#### 4.2 Quem disse que sumiu? O retorno dos blocos de carnaval às ruas da Cidade Baixa

Recentemente, o carnaval tem voltado às ruas porto-alegrenses, estabelecendo uma rota de fuga do aparato das escolas de samba. Na última década, multiplicaram-se os blocos – com diferentes propostas, componentes e cores – que se colocam nos espaços públicos, Frydberg (2018) localiza no Rio de Janeiro o começo do fenômeno crescente de rearticulação do uso das ruas como lugar de festejar o carnaval – em 2016 foram contabilizados 587 desfiles de 505 blocos.

Aqui em Porto Alegre, o bloco Maria do Bairro foi pioneiro a retomar a tradição de festejar pelas ruas da Cidade Baixa em fevereiro, sendo seguido por outros grupos:



Ao que tudo indica iniciada em 2007 pelo bloco Maria do Bairro, a retomada de movimentações e festividades carnavalescas na Cidade Baixa cresceu gradativamente e de forma pulverizada. Diferentes movimentos, geridos de maneira autônoma e desvinculada entre si, começaram a pipocar a cada ano, colorindo e agitando as ruas desse bairro. (MAGALHÃES, 2016, p. 115-116)

No ano de 2009 foi fundado a Turucutá – Batucada Coletiva Independente, o Bloco Galo de Porto em 2011 e o Bloco da Laje em 2012 (RISKALLA, 2016). Em sua dissertação, Dalla Chiesa (2014) acompanhou todo o processo que culminou na criação do bloco “Olha o passarinho do Mário” pelos membros da Casa de Cultura Digital (CDD)<sup>31</sup>, que fizeram referência ao famigerado poema de Mario Quintana. De forma experimental, a primeira saída ocorreu em 2013 após duas semanas de organização e de divulgação pelo Facebook. O trajeto pelas ruas do Centro foi improvisado no decorrer da saída, enquanto os moradores do prédios vizinhos iam sendo convocados à folia. De maneira geral, os blocos que foram surgindo começaram como uma brincadeira entre amigos e foram ganhando corpo e milhares de foliões.

No carnaval de rua capitaneado pelos blocos, aqueles que o seguem são chamados de *brincantes* (CAVALCANTI, 2002). Esse é o mote do Bloco da Laje, grupo que coloca o carnaval dentro do espectro da experiência política de reivindicação dos espaços da cidade por meio da festa. A primeira saída aconteceu de forma espontânea em 2011, quando um grupo de amigos estava reunido na laje do apartamento de um dos integrantes para um esquentar da saída do Maria do Bairro: “Essa relação de improviso e amizade na “laje” culminou em um primeiro trajeto de palhaçadas, música e risadas, da casa do Diego localizada na Avenida Independência próxima ao colégio Rosário, até a Rua Sofia Veloso na Cidade Baixa onde o “Maria do Bairro” faz seu Carnaval de Rua” (RISKALLA, 2016, p. 2). O que começou como uma celebração entre amigos tornou-se um fenômeno que tomou conta cidade e do estado. As cores vermelho, azul e amarelo passaram a ser sinônimo de carnaval, movimentando as lojas de fantasias e de tecidos.

---

<sup>31</sup> Organização situada em Porto Alegre que trabalha com as múltiplas possibilidades da cibercultura – hardware e software livres, artes visuais, música, cinema – buscando discutir os elementos digitais das manifestações culturais (DALLA CHIESA, 204).

Apesar de serem itinerantes as saídas do Bloco da Laje, cada ano em um ponto diferente, há com as ruas da Cidade Baixa uma relação de intimidade e de resgate das tradições carnavalescas. Conceição (2019) é um dos membros fundadores do grupo, e em sua dissertação aponta que a Laje é um lembrete da presença das corporeidades negras na cidade. Brincar e festejar são, nesse sentido, formas de apropriação da cidade. A Laje começou como um junção de amigos, todos vinculados ao meio artístico de Porto Alegre, e foi ganhando outros componentes e instrumentos – a Laje é, antes de tudo, uma experiência coletiva.

Figura 22 – Primeira saída do Bloco da Laje



Fonte: Conceição (2019)

É no trabalho de Magalhães (2016), também vinculado ao PPGAS/UFRGS, que encontro diálogo com a pesquisa que realizo atualmente. A etnografia desenvolvida pela autora explora as negociações de blocos de carnaval surgidos em um passado recente – como o Bloco do Isopor e o Panela do Samba – para que atuem na cidade. Magalhães (Ibid.) acompanhou as atividades da Liga das Entidades Burlescas da Cidade Baixa<sup>32</sup> em reuniões internas e com o poder público para decidir os rumos do carnaval de rua, já que o aumento de foliões e de blocos passou a ser pauta de reclamação de alguns moradores. Para ela, a insatisfação com a presença dos blocos de carnaval nas ruas do bairro relaciona-se intimamente com o racismo e com a exclusão das sonoridades e sociabilidades negras nos espaços centrais da cidade. No período de cinco anos que separa o trabalho de campo de Magalhães do meu, o ressurgimento do carnaval de rua em Porto Alegre deixou de ser um fenômeno local e autônomo para estar mais atrelado à regulação estatal, assim alcançando proporções de público e de orçamento não imaginados.

Figura 23 – Saída do Bloco da Laje de 2020, na Ponte de Pedra



Fonte: Página oficial do Bloco da Laje no Facebook (2020)

<sup>32</sup> Coletivo criado em 2015 para articular ações em defesa da história do bairro, a tradição da festa, e da trajetória do povo negro de Porto Alegre, lutando contra a permanente política de exclusão e retirada dos espaços centrais da cidade (MAGALHÃES, 2016).

Os primeiros carnavais de rua dessa nova geração concentraram-se na Cidade Baixa, em 2013 nove blocos saíram pelas ruas do bairro: Panela do Samba, Bloco do Jeito Que Tá Vai, Bloco Galo do Porto, Bloco Maria do Bairro, Bloco da Laje, Banda de K, Rua do Perdão, Fora da Área de Cobertura e Turucutá, porém devido às constantes pressões de moradores, a Prefeitura tomou para si a prerrogativa de organizar o carnaval de rua – o que vai na contramão da autonomia buscada por alguns grupos, já que os ímpetus disciplinadores do poder público envolvem a padronização, a captação de recursos privados e a predominância das marcas patrocinadoras em relação à estética dos blocos, assim como impedem a escolha do trajeto a ser percorrido (RISKALLA, 2016). Alguns grupos como o Bloco da Laje e a Turucutá optaram por continuarem sua trajetória autônoma e mantêm suas saídas por financiamento coletivo. No momento de minha pesquisa, já havia se consolidado o cenário que delineava quando Riskalla (Ibid.) e Magalhães (2016) pesquisaram sobre o carnaval de rua: a divisão entre os blocos independentes que priorizaram sua autonomia estética e política e aqueles que, de certa forma, se renderam à lógica vinda da Prefeitura.

Atualmente, o carnaval porto-alegrense acontece em três esferas diferentes: há as Escolas de Samba que desfilam no Porto Seco sob o controle estatal, o circuito oficial de blocos que participam do evento organizado pela Prefeitura e que se moldam a essa proposta, e o circuito de blocos ditos independentes. Para esta dissertação, são particularmente relevantes as duas últimas manifestações, porque situam na rua o lugar primordial das sociabilidades de carnaval e colocam a Cidade Baixa em foco. Na próxima subseção, apresento minhas experiências do trabalho de campo realizado na saída do Bloco da Laje em 2020 e também durante o carnaval de rua organizado pela Prefeitura.

#### 4.3 No meio da multidão: experiências do carnaval de rua na CB

Desde a fundação do Bloco da Laje, o último domingo de janeiro ficou marcado como o dia em que as ruas de Porto Alegre são tomadas por uma multidão vestida de amarelo, azul e vermelho – cores oficiais do grupo. Eu vou assiduamente às saídas da Laje desde 2015, e já acompanhei o bloco no Centro, no Bom Fim, na zona norte e na zona sul de Porto Alegre como *brincante*. Em 2020, o trajeto coincidiu com meu universo de pesquisa, o que foi um convite à observação participante – ou seria participação observante?<sup>33</sup> É de praxe que o ponto de

---

<sup>33</sup> Como mencionado, desde 2015 acompanho o Bloco da Laje, mesmo antes de morar em Porto Alegre. Sou uma das milhares de pessoas que vão para as ruas vestidas com as cores do grupo. Por isso, retomo aqui a discussão de Wacquant (2012) em *Corpo e Alma - Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*, em que o autor – ao mesmo tempo pesquisador e aprendiz de boxeador – inverte a fórmula antropológica tradicional de "observação





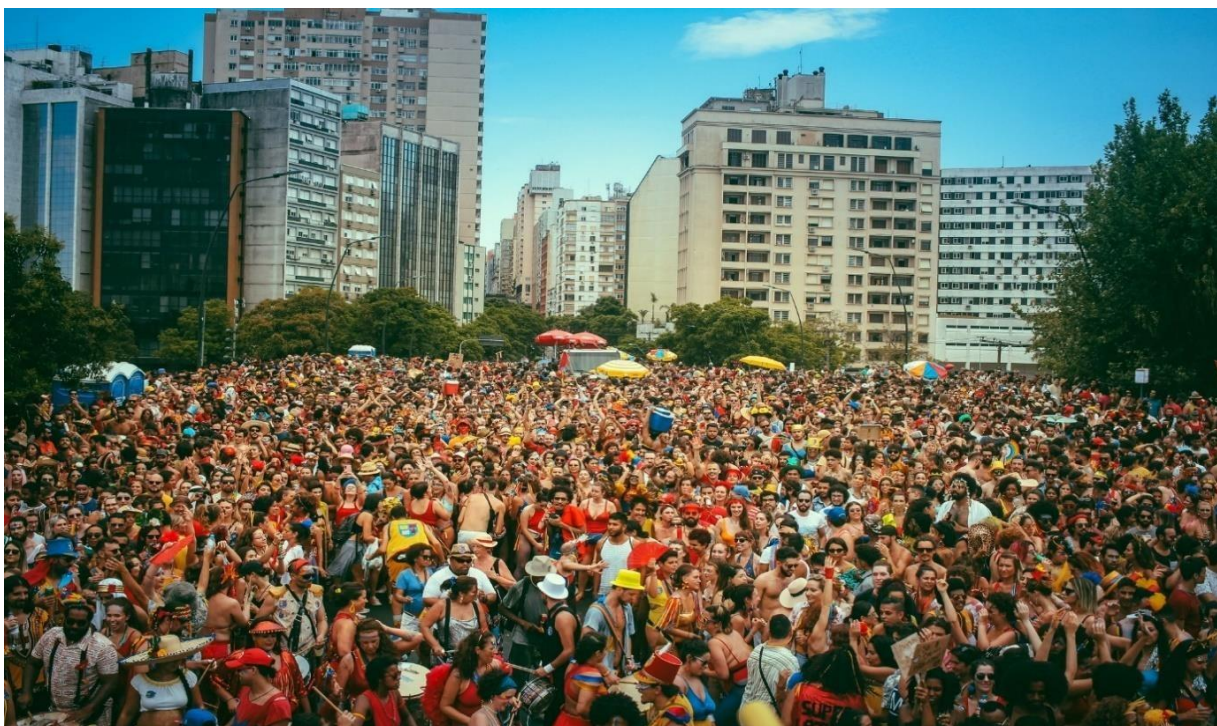
infinitas, e as lojas de fantasias e armarinhos agradecem todo o envolvimento porto-alegrense com a Laje. O financiamento coletivo que torna a saída viável – com a locação de um pequeno trio elétrico e de banheiros químicos, por exemplo – tem alguns brindes de acordo com o valor doado, como brasões em tecido, copos ecológicos ou pochetes, que são os únicos elementos padronizados das fantasias. Fora isso, cada pessoa é um universo particular composto de amarelo, azul e vermelho.

Por volta das 11h da manhã, o trio elétrico começa a se movimentar e o Bloco da Laje enfim é seguido pelas milhares de pessoas concentradas. No meio da multidão, há muitas pessoas comercializando cerveja, sejam vendedores ambulantes que aderem ao Bloco como parte de seu trabalho ou também estudantes e militantes políticos que veem nisso uma forma de angariar recursos extras. Como não há patrocinadores, não há restrições quanto à venda de quaisquer produtos. Há também quem leve bebidas de casa e vá repondo seu estoque ao longo do trajeto. O percurso pela Ponte aconteceu sem grandes intempéries, já que foi devidamente autorizado pela EPTC e as autoridades organizaram o trânsito. Nos deslocamos vagarosamente pelo Viaduto, às vezes o trio elétrico para alguma canção ou recado – lembrando de suas concepções políticas e do cuidado com os resíduos como latas e garrafas que deveria ser tomado – com os cantantes e os instrumentos como baixo e guitarra em cima do trio elétrico, enquanto os brincantes e os instrumentos de percussão e de sopro seguiam ocupando a rua. *Lá vem gente vindo. Colorindo a rua. Fantasia, só se quer brincar. Só se quer pular. Só se quer dançar. Só se quer achar-se na multidão*<sup>34</sup> diz a letra de uma das canções entoadas a plenos pulmões. Perdi meus amigos umas tantas vezes no caminho, encontrei outras pessoas conhecidas, depois achei e perdi outra vez. O Bloco da Laje é uma experiência coletiva de perder-se e achar-se na multidão.

---

<sup>34</sup> Lá vem gente, composição de Pamela Amaro. Videoclipe disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=py941-HGmy8>

Figura 25 – Saída de 2020 do Bloco da Laje, no Viaduto dos Açorianos



Fonte: Página oficial do Bloco da Laje no Facebook (2020)

*O recanto europeu sempre foi africano*<sup>35</sup> diz o refrão de uma das canções da Laje que evoca a presença negra na cidade. Quando olho para os lados, no entanto, noto que grande parte do público é de pessoas não-negras. A dimensão política que permeia a proposta do grupo é amplamente aceita e promove engajamento entre a comunidade universitária, setores das camadas médias urbanas, e pessoas já envolvidas com a militância política. Não são aceitas posturas machistas, racistas, capacitistas, lgbtqi+fóbicas e constantemente os membros do Bloco lembram disso entre uma música e outra. Há, obviamente, pessoas negras entre os *brincantes*, mas elas estão longe de compor maioria. Seguindo pelo Viaduto, o Bloco passa pela Av. Borges de Medeiros até chega até o ponto de dispersão, a Praça Isabel, a católica, perto das 14h. Oficialmente o carnaval com o trio elétrico termina ali. Muita gente continua por lá, no entanto. O grupo conhecido como *inimigos do fim* – composto por parte dos músicos e por mais quem queira se somar – segue tocando repertório definido de forma improvisada. Encontro um

<sup>35</sup> Em 2019, o Bloco da Laje angariou recursos para a produção de álbum, com as canções já conhecidas de suas saídas, por meio do edital Natura Musical, do qual faz parte a música *Recanto Africano*. A letra faz menção ao ponto da Redenção em que acontecem os ensaios em todos os últimos domingos do mês de setembro a dezembro e todos os finais de semana de janeiro. O lugar conhecido como Recanto Europeu foi rebatizado de Recanto Africano pelo grupo, como lembrança da forte presença negra na região, em que pese a Ihota e o Areal da Baronesa, na Cidade Baixa. Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OG8tQOPOhUU>

amigo aleatoriamente perto da roda que se forma em torno dos *inimigos do fim* e permaneço por lá até quase 17h, quando o cansaço e a fome me fazem ir para casa.

Em fevereiro, depois de um ano inteiro experienciando a Cidade Baixa através das noites – em 2019 –, o tão esperado período do carnaval oficial chegou. Em 2020, em continuidade com o formato do ano anterior, os blocos independentes estudados por Magalhães (2016) perderam parte de sua força autônoma com a regulamentação do evento pela Prefeitura, em especial a partir das ações da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) em articulação com os representantes das entidades carnavalescas. Após rodadas de discussões, foi decidido um calendário estendido – com programação de 22 de fevereiro a 8 de março nos finais de semana e feriados – abrangendo várias regiões da cidade. Além do Circuito Cidade Baixa – Praça Garibaldi e do Circuito Orla – Gasômetro, outros onze eventos comunitários aconteceram com apoio do poder público.

Os 27 blocos participantes foram selecionados por meio de edital<sup>36</sup>. Diferente de outros anos, não houve percurso dos blocos pelas principais artérias da Cidade – o circuito se resumiu às imediações da Praça Garibaldi, que fica na zona limítrofe com o bairro Menino Deus. O não deslocamento pelas ruas internas do bairro promove uma interação com a cidade disciplinada pelo Estado, ao contrário do que acontece com os blocos independentes, para os quais o estar na rua como reivindicação política dos lugares é fundamental. As práticas (DE CERTEAU, 2012) dos foliões, no entanto, encontram brechas e extrapolam o cerceamento estatal, ocupando o bairro como um todo, fazendo reverberar nas ruas a tradição carnavalesca da Ilhota e do Areal da Baronesa. A Praça Garibaldi guarda em sua história as memórias carnavalescas de Porto Alegre, já que corresponde à zona da Cidade Baixa que era ocupada pela extinta Ilhota e pela população negra expulsa dali.

---

<sup>36</sup> Desde 2019 a Prefeitura adotou editais como forma de organização do evento de carnaval de rua. Um para a escolha dos blocos participantes e outro para determinar a empresa responsável pela organização – o que envolve a estrutura e os espaços de publicidade. Uma das cláusulas prevê que para desfilar na Cidade Baixa o bloco precisa comprovar relação histórica com o bairro, já que a proposta é descentralizar os locais de saída. Representantes dos blocos independentes argumentam que este formato burocratizado engessa a realização do carnaval, principalmente pelo curto período de inscrição e também pelos critérios de seleção, que envolvem um sistema de pontuação que valoriza questões como a apresentação de um CNPJ, o que nem todos os blocos possuem.



Figura 26– Localização da Praça Garibaldi



Fonte: Elaborado pela autora com base no Google Earth com a colaboração de Melina Silveira (2021)

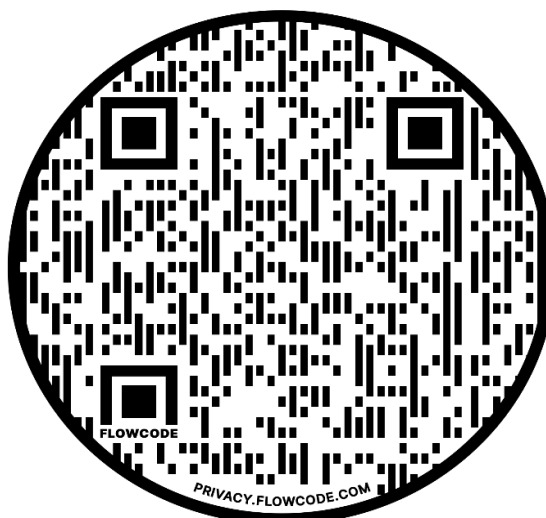
Em consonância com o recomendado pelo Ministério Público Estadual, o evento oficial terminou pontualmente às 21h de cada um dos dias em que houve programação. Por sua vez, o MP/RS agiu em virtude das incessantes reclamações de moradores pelos transtornos que a presença de tanta gente causa no bairro. Eles reclamam do lixo, do barulho e das pessoas que urinam nas portas dos edifícios. Houve uma série de negociações envolvendo a SMC, os blocos e moradores para que o carnaval de rua fosse viabilizado, de modo que ele teve de acontecer no formato disciplinado exigido pelas partes incomodadas com o fato de o carnaval acontecer na CB. Na verdade, o evento quase não aconteceu, porque a poucos dias da data marcada para o início das festividades nenhuma empresa havia sido contratada para a organização devido a dificuldades burocráticas e os critérios inacessíveis de seleção. Apenas no final de janeiro foi firmado o contrato emergencial com a Opinião Produtora, que exigiu que o calendário antes previsto fosse enxugado.

Fui ao evento oficial do carnaval de rua de Porto Alegre durante três dias. Comecei pelo sábado, 22 de fevereiro. As atrações iniciaram às 14 horas com o bloco Panela do Samba, mas só cheguei na Praça Garibaldi perto das 18 horas, quando o evento já estava superlotado. Fui acompanhada de uma amiga chamada Andressa, e logo quando saímos de minha casa já percebi que o clima de carnaval contagiava as ruas. Pessoas fantasiadas caminhavam em direção à Cidade Baixa, em grupos grandes, em duplas, trios, mas sempre coloridos. Eu preparei manualmente uma fantasia de tom crítico ao atual governo federal – uma tiara que dizia

“Bolsonaro é o carai”, o que proporcionou momentos de diálogo com quem concordava com a frase. Andressa improvisou uma fantasia com roupas coloridas que tinha em casa. Parte das 50mil pessoas que circularam pelo evento naquele dia também estavam fantasiadas. Saias de tule, maquiagens elaboradas, acessórios chamativos. As tiaras e placas com frases eram os itens mais comuns dos *looks*: mensagens de cunho sexual ou de flerte, como “Virei Uber, te pego quando?”, “Oi sumido/a” e “Contatinho” lembram a perspectiva de DaMatta (1997a), para o qual o comportamento sexual é mais permissivo durante os dias em que o carnaval acontece. Outros foliões, assim como minha amiga, improvisaram fantasias com acessórios coloridos e, principalmente no caso das mulheres, com roupas curtas. O *glitter* era o denominador comum entre os corpos que ocupavam a Praça e seus arredores. No carnaval não há ficar imune ao brilho, que é aos poucos distribuído entre a multidão que se reúne, seja através de beijos, abraços, ou qualquer outro tipo de contato.

Como nas *arruaças* que acompanhei ao longo de todo o ano de 2019, as garrafas de *kite* de corote predominavam no carnaval de rua, apesar de a marca de cerveja Devassa ser a patrocinadora oficial do evento. O alto teor alcóolico e o preço acessível das bebidas destiladas combinam perfeitamente com o ímpeto de embriaguez que o carnaval traz. Não só as bebidas eram as mesmas das habituais noites na Cidade Baixa: a música também. Fomos ao evento esperando que a trilha sonora fosse baseada nos ritmos tradicionalmente associadas à festa: axé, marchinhas, enredos de escolas de samba, já que havia uma estrutura com trio elétrico montada. Ledo engano. Depois de algum tempo ouvindo os mesmos *hits* de funk já conhecidos pelo público, percebi que aquela era a última atração da noite – um “bloco” chamado Bah Guri. Por segurança, minha e do equipamento, optei por não levar câmera ao evento, o que acabou sendo uma decisão acertada. As fotografias e vídeos que reproduzo ao falar sobre o evento não foram por mim produzidas, mas sim fazem parte da cobertura feita pelos meios de comunicação oficiais da Prefeitura e também pela imprensa local.

Figura 27 – QR Code que dá acesso a vídeo do carnaval de rua<sup>37</sup>



Fonte: QR code elaborado pela autora (2021); Vídeo Prefeitura Municipal de Porto Alegre (2021).

Quando os relógios marcavam 21 horas, o Bah Guri se despediu e o trio elétrico foi desligado. Nós fomos acompanhando o fluxo que seguia pela José do Patrocínio. As batidas de funk agora podiam ser ouvidas por todo o bairro. Seguimos as caixas de som com as pessoas que as portavam e chegamos em frente ao InSônia. Não ficamos muito tempo por lá e seguimos pela República em direção à Lima e Silva. Na esquina do Pinguim encontrei dois conhecidos e paramos para conversar. Logo Andressa foi embora porque mora longe e estava de bicicleta. Um dos rapazes que permaneceu comigo na esquina começou a ficar preocupado com a presença da polícia: *A qualquer hora parece que vai dar ruim* ele me disse. Eu respondi de forma debochada dizendo que achava que a polícia demoraria a agir, porque os estabelecimentos têm permissão para funcionar até às 2h. Eu estava equivocada.

Mexi no meu celular e eram 23 horas. Guardei rapidamente meu bloco de notas em minha pochete de couro, que já estava semiaberta. Depois disso, um estrondo. Saímos correndo sem pestanejar junto com as milhares de pessoas que fugiam das bombas de gás lacrimogêneo lançadas pela Brigada Militar. Dobramos à esquerda na Rua Sofia Veloso em meio à fumaça, mas rapidamente fomos avisados de que a cavalaria estava esperando as pessoas em uma emboscada na Lima Silva. Recuamos e seguimos pela República. Fernando estava lá, assim como Mariana, que me relatou sobre os acontecimentos do carnaval:

aí conseguiram nos empurrar pela...pela República inteira até a gente ir pra Redenção, e aí quando a gente chegou na Redenção, jogaram bomba na Redenção também. Eles

<sup>37</sup> Para ter acesso ao vídeo, basta fazer o download de qualquer aplicativo gratuito de leitura de QR code em um smartphone. Feito o download, é preciso abrir o aplicativo e aproximar a câmera do dispositivo do código, então será possível ter acesso ao arquivo do vídeo

tavam querendo mandar a gente embora a todo custo e pelo que eu percebi, ninguém foi embora de fato. A galera só esperou eles irem embora e voltaram tudo pra Cidade Baixa, e isso aconteceu durante três dias seguidos, assim...bomba o tempo todo.

Quem foi ao carnaval da Cidade Baixa foi de algum jeito atingido pela polícia naquela noite. Chegando na Redenção, continuei caminhando pela Av. João Pessoa até chegar onde moro, em segurança junto às pessoas que estavam comigo. Já em casa, lembrei da abordagem policial em que Geertz e sua esposa correram junto com os nativos de Bali, quando observavam uma briga de galos (GEERTZ, 2014). O fazer antropológico, afinal, exige do etnógrafo um mergulho profundo naquilo que acontece em campo.

Figura 28 – Brigada Militar concentrada na esquina da Lima e Silva com República



Fonte: Sul21/Reprodução (2020)

A presença massiva da polícia nas ruas do bairro é algo que por si só gera muitos debates ao longo do ano. Há quem defenda, há quem repudie, conforme explorarei de forma pormenorizada no próximo capítulo. No carnaval, a polêmica ganha ainda mais holofotes porque o evento eleva à máxima potência a quantidade de gente presente no bairro e o conseqüentemente descontentamento de quem se incomoda com isso. O tenente-coronel Luciano Moritz, comandante do 9ºBPM, que atua na Cidade Baixa, disse ao jornal Zero Hora

(2020) que recebeu pelo menos 55 reclamações de moradores antes de utilizar equipamentos de repressão para dispersar as aglomerações. O argumento que justificava esse tipo de ação é que existe uma diferença entre quem foi para o bairro aproveitar o carnaval e aqueles que permanecem pelas ruas depois das 21h – os primeiros seriam foliões e os outros frequentadores de bares da região. Não foi a primeira vez que a Brigada Militar dispersou o carnaval na Cidade Baixa. No ano anterior aconteceu o mesmo, o que também teve ampla cobertura da imprensa. Os argumentos em defesa da utilização de bombas de gás lacrimogêneo não mudaram. Para os policiais e para os moradores denunciantes, o evento deveria ser completamente transferido para a Orla do Guaíba, o que vai na contramão do passado carnavalesco da CB.

No domingo os blocos começaram um pouco mais cedo, às 16:30h. Cheguei mais cedo para conseguir observar o evento sob a luz do dia. Caminhei sozinha pela José do Patrocínio em direção à Praça e não encontrei nada muito diferente do dia anterior: gente fantasiada, gente carregando caixas de som, gente bebendo. *Glitter*, roupas coloridas e tiaras brilhosas. O diferencial em relação ao sábado era a quantidade de policiais, que era surpreendentemente maior. Enquanto caminhava percebi que viaturas rondavam toda a região que separa o Centro Histórico da Cidade Baixa, dando coloração avermelhada às ruas. Em cada esquina da CB estavam posicionados pelo menos três ou quatro policiais a cavalo, o que foi bastante assustador.

Caminhando pela José do Patrocínio, percorri a rua junto com grupos que carregavam caixas de som tocando funk. Chegando na Praça, o ritmo era outro. O axé baiano embalou o segundo dia de carnaval: não faltaram músicas de Ivete Sangalo, Araketu e Terra Samba, assim como suas coreografias. Naquele dia minha fantasia era em tons de verde e fazia alusão ao filme *Bacurau* – uma tiara com a placa “Se for, na paz”. Um rapaz fantasiado com uma máscara do Batman, que possivelmente não tinha assistido ao filme de Kleber Mendonça, passou por mim e fez o símbolo “V” de paz e amor. Um pouco depois, três amigos com roupas eclesíásticas e máscaras de ratos me viram e gritaram *Dá-lhe, Bacurau!* A fantasia aparentemente estranha fazia referência ao meme “Dorime”<sup>38</sup> – que ganhou projeção internacional em 2019 e no começo de 2020 - um rato vestido de Papa dançando “Ameno”, uma canção do grupo francês Era.

---

<sup>38</sup> Uma das versões do meme pode ser encontrada em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z2PuwqyXxPI>



Quando cheguei lá estava quente, mas às 21 horas ventava e estava frio. Rigorosamente nesse horário o “Bloco do OP” – que antes da consolidação do evento da Prefeitura saía de forma autônoma – encerrou a programação do dia. Permaneci onde estava por cerca de meia hora, porque a quantidade de gente dificultava a locomoção. Finalmente chegando à José do Patrocínio, fiquei impressionada com a presença massiva da cavalaria, que já ocupava toda a extensão de duas quadras. A imponência dos equinos não permitia que as pessoas desobedecessem a ordem de andar pelas calçadas e não pelo meio da rua. Enquanto me afastava, ouvi ainda uma bomba de dispersão na Praça Garibaldi, mas não vi pessoas correndo. Conforme me contou Mariana, mais tarde a polícia dispersou as aglomerações com a mesma truculência da noite anterior.

Figura 29 – Cavalaria da Brigada Militar posicionada na Lima e Silva



Fonte: G1 RS/ RBS TV – Matheus Felipe (2020)

Na segunda-feira, acordei com os indícios de uma gripe: dor no corpo, febre e dor de garganta. Mesmo assim, decidi ir à Praça Garibaldi para cumprir o planejamento de pesquisa e o combinado com Andressa. Para experienciar o evento sob outro ângulo, cheguei lá no mesmo horário da primeira atração: às 16:30 horas. Me posicionei mais ao fundo da Praça, longe do trio elétrico. Lá, o público, as fantasias e as sociabilidades são diferentes. Há famílias inteiras, e as crianças estão vestida com fantasias de palhaços, fadinhas, vampiros. Além disso, as

bebidas alcólicas não são essenciais ao entretenimento tanto quanto nos outros lugares em que tinha estado nos dias anteriores. Avançando em direção ao palco, começam a predominar as coloridas garrafas de corote nas mãos dos foliões. Musicalmente, dia 24 de fevereiro foi o dia do samba. Em 1993, a icônica escola de samba carioca Salgueiro agitou a Marquês de Sapucaí com o samba-enredo “Peguei um Ita no Norte”. *Explode coração/Na maior felicidade/ É lindo o meu Salgueiro/ Contagiando, sacudindo essa cidade*. Aqui em Porto Alegre, o mesmo refrão foi entoado durante o carnaval de 2020. Com o passar do tempo, fui me aproximando do trio elétrico, principalmente para enxergar melhor as atrações. A última que vi foi o grupo-show de uma escola de samba - passistas, mestre-sala, porta-bandeira e porta-estandarte vestiam fantasias vermelhas brilhosas e exuberantes, como é típico no carnaval. Perto das 19 horas comecei a sentir um aumento considerável de minha temperatura corporal e decidi voltar para casa. Se todo carnaval tem seu fim, no meu caso ele terminou um pouco antes do que para os outros foliões. Logo depois começou a chover torrencialmente, o que não impediu que as pessoas permanecessem na Cidade Baixa, pelo menos até o término do evento oficial. Naquele noite, mais uma vez a Brigada Militar dispersou os foliões, que por sua vez insistiram em continuar a festa pelas ruas e calçadas do bairro.

O carnaval porto-alegrense tem uma relação histórica com a Cidade Baixa, e conforme procurei demonstrar isso se relaciona também com a presença negra no bairro. Os blocos independentes, como o da Laje, reivindicam a tradição carnavalesca do bairro, colocando suas cores na cidade e promovendo entre as camadas médias urbanas grande engajamento. As datas fora do feriadão de carnaval permitem, inclusive, que o público viaje para o litoral o feriado de carnaval, como é de costume entre os gaúchos. Já o circuito oficial do carnaval de rua atrai público mais plural, sobretudo jovens vindos de outros bairros e da região metropolitana, abrangendo também quem permanece em casa no verão. As formas de acionar o Estado são diferentes nas duas formas de festejar o carnaval: os blocos independentes buscam autonomia financeira e política, mas contam com as autoridades para organizar o trajeto e manter a segurança dos foliões. Na Praça em que houve a dispersão do grupo, milhares de pessoas continuaram reunidas por horas. Por outro lado, no evento organizado pela Prefeitura os blocos moldaram-se aos lugares e horários determinados pelo poder público, ao passo que a permanência das pessoas nas ruas depois das 21h causou repressão por parte da polícia.

A escolha de posicionar o carnaval apenas no quarto capítulo desta dissertação sobre a Cidade Baixa não tem nada de aleatória. Há um ditado popular que diz aquilo que acontece no carnaval, fica no carnaval. Não é o que costuma ocorrer no bairro. Os acontecimentos desse

período se desdobram durante o ano inteiro nas dinâmicas noturnas da CB – sobretudo aquelas das arruaças – envolvendo não só os frequentadores, mas também os moradores da região. Há presenças, corpos e sociabilidades indesejados. O carnaval funciona como combustor nas ruas da Cidade Baixa, e dá energia às controvérsias que rodeiam o bairro. Tais controvérsias serão o tema do próximo capítulo.



## 5. “ISSO NÃO É BOEMIA, É BADERNA!”: CONTROVÉRSIAS EM TORNO DA CB

Agosto de 2019, faz frio em Porto Alegre, o que parecer não importar para as centenas – ou milhares? – de pessoas que vejo na Cidade Baixa. Como de costume, caminhei pela Lima e Silva e me posicionei perto da esquina com a República, que estava lotada. Uma mulher, que parece estar na casa dos quarenta anos, desce do seu prédio na Lima Silva. Ela me olha, supondo que não faço parte daquele universo de gente que dança nas calçadas, e diz: *Depois se a polícia aparece reclamam...OLHA ESSA CAIXA DE SOM! Aqui nesse prédio a janela dá pro apartamento de uma velhinha, sabia?* Depois do curto, porém enfático desabafo, ela fecha a porta bufando e não deixa abertura para que eu estabeleça algum diálogo. Além da fala, todo seu corpo transparecia a indignação com a presença massiva de pessoas perto de sua moradia. A opinião expressada pela mulher não é algo isolado, pelo contrário. Se há uma evidente pluralidade entre os frequentadores da Cidade Baixa, é também verdade que a heterogeneidade é uma característica marcante da população do bairro. Professores, enfermeiros, estudantes, farmacêuticos, gremistas, jornalistas, artistas e colorados. São muitos e diferentes os 15.379 moradores da Cidade Baixa. Para alguns, as dinâmicas noturnas são extremamente incômodas. Para outros, o barulho que vem das ruas não é tão relevante assim. Outros ainda escolheram morar no bairro em virtude de sua fama boêmia. Diante disso, os moradores do bairro podem ainda ser divididos entre engajados e não-engajados com as questões pertinentes ao bairro – principalmente por meio da participação nas associações de moradores e em audiências públicas (SILVA, 2014).

Até agora, vinha enfatizando a *identidad barrial* (GRAVANO, 2003) da Cidade Baixa construída a partir da ótica e das práticas de quem vai lá em busca de entretenimento. O bairro, no entanto, é um compósito mais amplo e complexo de relações entre as pessoas que de alguma forma têm ligação com ele. Morar, nesse caso, é diferente de frequentar o bairro à noite. São duas dimensões do viver na cidade que mobilizam elementos que podem ser divergentes entre si. O caso de Antônio, antigo frequentador do Bom Fim que entrevistei, é revelador da mutabilidade que abrange as dimensões do morar e do frequentar. Nos anos 1980, ele era adolescente e saía da zona norte de Porto Alegre todos os finais de semana para fazer uma peregrinação de bar em bar no Bom Fim. Ele me contou também sobre os inúmeros ataques que sofreu da polícia em suas noites de boemia. Já adulto, se mudou para a Cidade Baixa na década de 1990 e passou a frequentar regularmente os bares de sua vizinhança. Hoje morador da José do Patrocínio, na movimentada quadra do Opinião, ele confessou já ter jogado pedras

de gelo, do alto do 11º andar, em um grupo de amigos que tocava violão na calçada em plena segunda-feira. *Muito briguei com a gurizada...*ele me disse em tom de brincadeira.

*Isso não é boemia, é baderna!* bradava um morador enquanto participávamos de uma reunião na Assembleia Legislativa para tratar da situação na Cidade Baixa. Repetidas vezes, o grupo de moradores do bairro ali reunido referiu-se de forma pejorativa às aglomerações nas ruas. O clássico estudo de Norbert Elias e de John Scotson sobre vizinhança *Os estabelecidos e os outsiders* (2000) traz uma contribuição pertinente para analisar a relação entre moradores e frequentadores da Cidade Baixa. No final da década de 1950 e no começo da década 1960, eles observaram como os moradores mais antigos da comunidade de Winston Parva (nome fictício) estabeleciam uma escala valorativa das pessoas que residiam e que frequentavam os lugares de lá, de modo que quanto menor o tempo de residência, menos bem quisto alguém era pelos moradores mais antigos. Entre os *estabelecidos* e os *outsiders* os autores identificaram a edificação de uma fronteira moral nós x eles. De um lado, o “eu” reivindica uma auto-imagem coesa e positiva. Do outro lado, há o outro - *outsider* estigmatizado -: desordeiro, indisciplinado, que traz sujeira e baderna, assim representando uma ameaça aos valores da comunidade. Disso resulta a latência constante de controvérsias entre as duas partes, que são reflexo da incompatibilidade de como praticam e significam o mesmo bairro. Saindo da comunidade de Winston Parva e voltando para a CB, parte dos moradores do bairro podem ser entendidos como *estabelecidos* que reivindicam para si a posse moral da imagem positiva do bairro. Já os *outsiders* são todos aqueles que usufruem da Cidade Baixa de formas consideradas não ideais pelo outro grupo. Ao utilizar o termo *baderna* para caracterizar a permanência das pessoas nas ruas, o morador supracitado explicitamente demonstra sua contrariedade em relação a sociabilidades que não se enquadram no modelo de boemia “clássico” - no interior dos estabelecimentos.

Figura 30 – Respeite a vizinha



Fonte: Foto da autora (2019)

Partindo de situações, diálogos, reportagens, fotografias e postagens em redes sociais, meu propósito neste capítulo é explorar como as *arruaças* da Cidade Baixa são propulsoras de polêmicas. As discussões sobre os rumos do bairro se dão por meio de diferentes vias: pela pressão institucional de parte dos moradores, por experiências pouco amistosas nas ruas, pelo compartilhamento de opiniões em redes sociais e também pelo transbordamento do debate para a esfera da mídia. Cada uma delas será tema das subseções seguintes. Antes, no entanto, estabeleço a base teórico-metodológica que orienta este estudo.

### 5.1 Um bairro sob disputa

Para cumprir a tarefa de acessar o complexo tramado de pessoas, práticas e sociabilidades que compõe a Cidade Baixa, precisei levar em conta as posições das partes envolvidas no cotidiano do bairro. As ruas e seus usos noturnos estão em constante negociação – o consenso está em um horizonte distante das dinâmicas que observei na CB. Partindo disso,

encontro na sociologia pragmática francesa um aporte para evidenciar como os conflitos são parte do emaranhado de relações que conformam o bairro. O mito fundacional da sociologia durkheimiana foi tratar o *fato social como coisa* – algo substancializado. Em contrapartida, há um esforço contemporâneo entre os sociólogos franceses de afastamento da noção de que o social é algo dado, para então analisá-lo enquanto processo que emerge em situações controversas, problemáticas, não consensuais – uma “virada pragmatista”. Conforme evidencia Côrrea (2014, p.39): “(...) o social deixa de ser o elemento explicativo das coisas e torna-se aquilo que deve ser explicado a partir de relações e movimentos problemáticos”. Nesse caso, uma etnografia sobre a Cidade Baixa de inspiração pragmática deve identificar e descrever as diferentes posições assumidas pelos atores quando se envolvem em situações de disputas e de controvérsias (Ibid.).

Particularmente, a obra de Luc Boltanski e de seus parceiros intelectuais – sobretudo Laurent Thévenot e Ève Chiapello – traz elementos basilares da transição de uma sociologia crítica para uma sociologia da crítica, que é o ponto de inflexão com a obra de Bourdieu. A sociologia crítica bourdieusiana é sustentada pelo princípio epistemológico da superioridade intelectual da crítica sociológica – sendo assim a capacidade de tecer críticas à realidade social seria prerrogativa do cientista social. Rompendo com a assimetria entre o cientista e os demais atores sociais, a abordagem de Boltanski prevê a plena capacidade crítica que as pessoas têm sobre a realidade em que vivem.

No horizonte de pesquisa inaugurado, a premissa básica é a ênfase nas argumentações dos atores quando se colocam em situações de conflito, assim é necessário “(...) encarar os atores sociais como seres dotados de avançadas competências reflexivas de julgar e criticar a realidade” (BOLTANSKI; THÉVENOT, 1999, p. 360), de modo que devem ser levados em conta o engajamento e as justificativas levantadas. A capacidade explicativa deste modelo está justamente na centralidade que dá às microssituações, às opiniões e práticas que geram disputas e aos elementos problemáticos da vida social.

Partindo do princípio de que as controvérsias públicas são ponto elementar para a investigação das dinâmicas sociais, entendo que os argumentos de reivindicação sobre o direito de promover determinados interesses sobre a Cidade Baixa se inscrevem em lógicas diferentes, por vezes contraditórias, e que respondem a distintos modos de conceber o mundo. Como aporte teórico-metodológico, a perspectiva de Boltanski permite explorar os graus de reflexividade dos sujeitos envolvidos em situações públicas nas quais se opõem a outros: o que dizem sobre o bairro, como e por quê. Essa é uma postura intelectual cuja finalidade não é encontrar quem tem a opinião mais correta sobre o assunto, mas sim é considerar a validade das justificativas

expostas por cada um, de forma que pressupõe a pluralidade das formas de vinculação ao bem comum.

O livro *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*, resultado da pesquisa Arantes (2000) sobre os espaços do centro de São Paulo, traz para o campo da antropologia urbana o tema das disputas. Ao tratar dos processos de atribuição de significado dos lugares da cidade, o autor também evidencia as disjunções simbólicas das sociabilidades lá situadas:

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações (p.106)

No capítulo *A Guerra dos Lugares*, Arantes enfatiza como nas zonas de contato - ruas, praças e avenidas - entre sociabilidades e moralidades distintas acabam se configurando conflitos característicos de “uma sociedade fragmentada em guerra consigo mesma” (Ibid., p. 129). Nessa perspectiva, a complexidade da experiência urbana compartilhada se desdobra em fronteiras simbólicas que quando sobrepostas geram controvérsias. Em se tratando da Cidade Baixa, morar e frequentar podem acionar posicionamentos diferentes sobre o bairro, já que os atores constroem suas perspectivas ancorados no tipo de experiência que buscam.

Leite (2008, 2007, 2002) é outro autor que sublinha o caráter potencialmente conflitivo dos usos e contra-usos da cidade. Para ele, no âmbito da vida pública a condição da pluralidade é instituída pelo compartilhamento ou pela disputa de realidades ou de interesses (LEITE, 2002). No Recife Antigo, bairro onde pesquisou, Leite (2008) analisou como a partir de processos de gentrificação acirraram-se disputas práticas e simbólicas sobre os lugares:

As disputas que incidem sobre essas demarcações socioespaciais urbanas podem resultar tanto em um enfrentamento político mais elaborado quanto na mera contraposição de estilos de vida, marcadas pelas formas cotidianas de ritualizar códigos de conduta. Em ambos os casos, podem ser estabelecidas as bases políticas dos usos públicos dos espaços da cidade, na medida em que práticas e sociabilidades urbanas que demarcam espaços mediante condutas identitárias geralmente evidenciam formas rituais e cotidianas da política como ação simbólica (p. 43)

No caso da Cidade Baixa, moradores e frequentadores reivindicam direitos e pertencimentos pautados por suas diferentes sociabilidades, condutas e práticas cotidianas. Reside aí um ponto de convergência importante com a flexibilidade dos atores enfocada pelo prisma pragmatista. As disputas engendradas pelas dinâmicas noturnas podem ser canalizadas

através de diversos meios: instituições políticas, redes sociais, discursos midiáticos, ou mesmo nas ruas do bairro, conforme busco demonstrar.

Assim como eu, Silva (2015) esteve interessada em estudar os conflitos oriundos das sociabilidades noturnas na Cidade Baixa, principalmente entre moradores e comerciantes e frequentadores. A dissertação desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional buscou na mediação estatal modelos possíveis de políticas públicas que concatenassem os interesses dos diferentes atores a partir do conceito de percepção de valor. Meu objetivo, no entanto, não é o de formular possíveis caminhos para solucionar as polêmicas sobre a CB. O diálogo com a perspectiva pragmática permite vislumbrar as posições conflitantes sobre o bairro como elementos fundantes das relações sociais que lá se desenrolam, sem que não necessariamente estejam no horizonte possibilidades de negociação.

## 5.2 Articulações institucionais sobre a vida noturna

Em agosto de 2019, os acontecimentos da madrugada do dia 17 não se encerraram na Cidade Baixa. Como descrevi no capítulo anterior, a presença de Orkut em Porto Alegre motivou uma grande aglomeração na José do Patrocínio. Na ocasião, a Brigada Militar dispersou milhares de pessoas presentes com o uso de bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Um dos participantes do evento, que foi atingido pela ação da BM, resolveu entrar em contato com a assessoria da deputada federal Fernanda Melchionna, do PSOL para denunciar o que considerou abuso do poder policial, porém o contato foi passado para a deputada estadual Luciana Genro, do mesmo partido, uma vez o debate era de âmbito estadual. Entrevistei Igor assim que soube de sua mobilização contrária à presença massiva da Brigada Militar na Cidade Baixa para entender suas motivações. Para ele, a atuação da polícia foi desmedida naquela noite. Ele me disse que não houve diálogo, nem tentativas não violentas de dispersão.

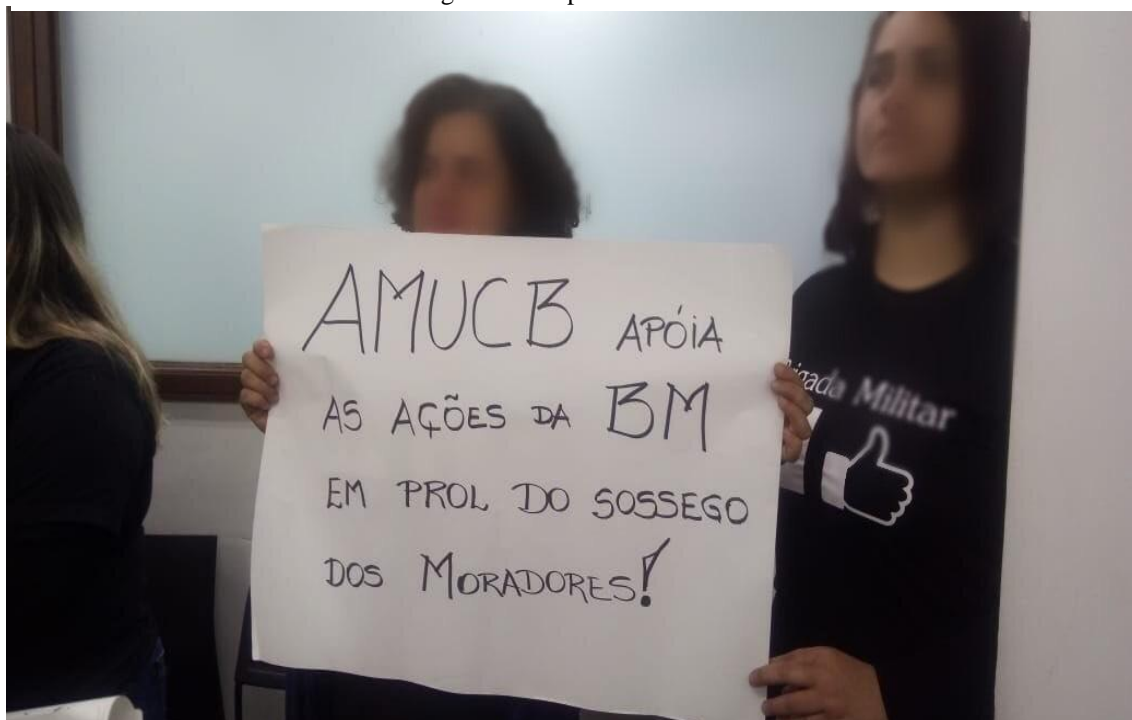
Devido ao contato de Igor com a assessoria de Luciana Genro, a deputada convocou uma oitiva para colocar em debate a atuação da Brigada Militar na Cidade Baixa, o que aconteceu no âmbito da reunião ordinária da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul do dia 25 de setembro. Igor fez um evento no *Facebook* para convidar quem quisesse se somar a ele na denúncia, por meio do qual fiquei sabendo da iniciativa. Antes do dia 25, houve na rede social o compartilhamento de relatos, fotos e vídeos que mostravam a chegada da polícia na José do Patrocínio, assim como os e os ferimentos de pessoas feridas na ocasião. No entanto, na reunião foi gritante a maior presença

de moradores em relação à participação de pessoas dispostas a relatarem o que aconteceu na madrugada do dia 17 sob a perspectiva de quem estava nas ruas.

Aqui me interessam sobretudo os argumentos mobilizados pelos moradores, já que não consigo acessá-los estando nas ruas do bairro a observar-participar da vida noturna. Por vias institucionais, eles buscam uma ampliação de suas vozes e de seus interesses. Ou melhor: intencionam que o bairro aconteça, se mova, flua de acordo com a *identidad barrial* (GRAVANO, 2013) forjada por suas experiências e expectativas. A CB é residencial e assim deve permanecer, dizem os moradores. Os jovens *arruaceiros* parecem não concordar. Nesse ínterim, nos próximos parágrafos trago relatos de situações de campo em cujo cerne estão os diferentes posicionamentos sobre a Cidade Baixa.

Quando cheguei à Assembleia Legislativa, marcava 8:55h no relógio de meu celular. Encontrei Igor perto da entrada do Espaço da Convergência, onde se realizou a reunião da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos, e cumprimentei-o. Logo me afastei para que os demais presentes não achassem que eu fosse uma das denunciantes, afinal isso poderia ser um motivo de afastamento dos moradores da Cidade Baixa com os quais eu tinha intenção de dialogar. Quando entrei na sala, vi imediatamente doze pessoas vestindo camisetas iguais, em cuja parte frontal estava escrito “Brigada Militar” e abaixo disso um *emoticon* de aprovação – um “joinha”. Achei, por isso, que se tratavam de policiais à paisana, no entanto, estava errada. Quando observei as costas das camisetas, em que estava escrito “Cidade Baixa, Eu ♥”, constatei que eram moradores do bairro. Aproveitei que restavam duas cadeiras vazias e sentei-me em meio a eles.

Figura 31 – Apoio de moradores à BM



Fonte: Foto da autora (2019)

Enquanto fazia algumas anotações, fui confundida com uma jornalista. *Tu trabalha em que jornal?*, me perguntou a moradora da Cidade Baixa Alice, a partir do que aproveitei para me apresentar como pesquisadora. Fiquei sentada entre quatro mulheres que não chegaram a se manifestar em frente ao grande público, mas que de vez em quando deixavam transparecer sua opinião sobre os assuntos debatidos. Aplaudiram, concordaram ou desaprovaram as falas acenando com a cabeça, e trocaram comentários entre si. Como estava sentada muito próxima a elas, pude ouvir claramente o que elas falaram.

Por volta das 9:25h a deputada Any Ortiz (Cidadania) chegou, já pedindo desculpas pelo atraso, já que a reunião deveria começar às 9:00h. Além dela, participaram os deputados Sérgio Peres (REPUBLICANOS), presidente da Comissão; o deputado Airton Lima (PL), vice-presidente; e os titulares Jeferson Fernandes (PT), Sofia Cavedon (PT), Dirceu Franciscon (PTB), Gaúcho da Geral (PSD) e Luciana Genro (PSOL). O deputado Dr. Thiago Duarte (DEM) acompanhou a reunião ordinária como convidado. Outras pautas foram discutidas antes que se entrasse no assunto Cidade Baixa. Foram encaminhadas duas audiências públicas: uma para tratar o problema do adoecimento em profissionais da segurança pública estadual, proposto



por Luciana Genro, e outra para debater o acesso dos moradores da Volta do Anacleto/Montenegro à BR 386, KM 426, proposta pelo deputado Sérgio Peres.

João, morador da Cidade Baixa, já estava impaciente pela demora para o início do debate sobre seu bairro, o que sua expressão sisuda não deixava esconder. Esperou em pé, ao lado do conjunto de cadeiras em que eu estava, que finalmente o tema que o levou à Assembleia fosse debatido. Sérgio Peres apresentou de forma breve o conteúdo da denúncia e chamou Igor, o denunciante, e um jovem chamado Douglas para compor a mesa. Apesar da presença massiva de moradores do bairro na sala, eles não foram convidados à mesa. Estranhei também a ausência de representantes da BM para apresentar suas versões sobre o ocorrido.

Antes de darem espaço ao público, os deputados discutiram entre si sobre o ocorrido na Cidade Baixa na noite de 17 de agosto. Os moradores mostraram-se revoltados pela falta de consideração com o que tinham para falar e interromperam falas várias vezes. *Nós somos vítimas das vítimas!* bradou Martha ao mesmo tempo em que outros companheiros de bairro seguravam cartazes com frases de apoio à BM. Depois, o deputado Jeferson Fernandes foi incisivo ao afirmar que a casa é do povo e não pode ser fechada a ninguém. Os moradores bateram palmas.

Igor relatou de forma breve o que aconteceu na fatídica madrugada, apresentando em seguida uma compilação de vídeos que reuniu pela mobilização *online*, nos quais aparecem cenas da atuação policial, a correria da fuga, e os ferimentos de que foi atingido. Para ele, o uso de violência exige responsabilidade, o que não aconteceu na noite em questão. Alice, em tom de deboche, disse para a mulher sentada de nós: *agora tudo é motivo pra se mobilizar*, enquanto o rapaz ainda fazia seu relato. O outro rapaz, Douglas, pontuou que faltam políticas públicas que enxerguem a juventude como detentora de demandas específicas, principalmente na área cultural. Para ele, faltam opções de entretenimento para os jovens porto-alegrenses. Do lugar onde eu estava, ouvia risadas.

Visivelmente irritado, João foi chamado para falar. Ele fez questão de exibir um longo vídeo, no qual uma série de reportagens abordava momentos em que a *baderna* extrapolou os limites de uma convivência saudável entre moradores e frequentadores da CB. *Tá afetando nossa dignidade como morador!* disse ele em alto volume. João foi repreendido pelos deputados por estar fugindo do ponto de discussão – a noite de 17 de agosto em específico – porém continuou a expressar sua indignação com o estado de *sujeira* que se origina das aglomerações nas ruas: *Parecem vândalos que não tem casa!*

Sofia Cavedon e Thiago Duarte também expuseram suas respectivas opiniões sobre o tema. A deputada petista reiterou a fala de Douglas ao dizer que faltam alternativas para a juventude e um lugar onde possam confraternizar de forma adequada e segura. Para o deputado convidado, falta um regramento mais rígido na Cidade Baixa. A moradora Martha, líder do grupo *Vizinhança na calçada*, quis enfatizar que ela e seus vizinhos não são contra os jovens ou a realização de festas no bairro, mas sim que não se sentem respeitados pela forma como os espaços da CB têm sido tratados ultimamente. Ela revelou também a existência de um grupo no *Whatsapp*, através do qual muitos moradores reclamam da *perturbação* de suas rotinas e solicitam ação policial.

Já era mais de meio-dia quando Martha finalizou sua contundente fala contra o fenômeno que chamo de *arruaça*. Para ela, a presença dos frequentadores noturnos de seu bairro deveria ficar restrita ao espaço interno dos estabelecimentos. O adiantado da hora fez com que a reunião terminasse sem que houvesse algum encaminhamento ou ação programada. Por fim, o deputado Dr. Thiago Duarte reiterou o convite para uma audiência pública convocada por ele, no âmbito da Comissão de Saúde e Meio Ambiente, para tratar sobre o uso do espaço público na Cidade Baixa, no dia 30 de outubro. Não consegui conversar com nenhum dos moradores ali presentes. A maioria deles estava nervosa e pouco receptiva a qualquer tipo de diálogo, mas esperava encontrá-los na próxima reunião.

Estava chovendo torrencialmente em 30 de outubro. Por conta das condições climáticas, cheguei à audiência pouco antes das primeiras falas e sentei onde havia espaço, perto da porta. Logo que entrei reconheci João e soube que ele não abriria mão de demonstrar sua insatisfação com o cenário *degradante* da Cidade Baixa. O primeiro a falar, contudo, foi Roberto, integrante de uma das associações de moradores do bairro.

Roberto começou chamando a Prefeitura de incompetente. Ele diz que a Cidade Baixa está há 10 anos uma *esculhambação* porque permitem que estabelecimentos funcionem sem alvará. *Nosso medo são as aglomerações que se espalham* ele afirmou, depois adicionando que o carnaval era o ápice do problema. João era o próximo inscrito. *Ordem e sossego* representam o que ele deseja para o bairro, em detrimento do *descontrole total* da situação atual. Em janeiro de 2019, houve um triplo homicídio na João Alfredo. O morador entende que *só morrendo gente* para a *baderna* ter fim. *Degradação, lixo, barulho, urina* são termos que ele usa para descrever os impactos da noite na CB.

Diferente da reunião anterior, havia dois representantes do 9º BPM, batalhão responsável pelo policiamento da Cidade Baixa. O Major Rodrigo acha que há muita *permissividade* com as aglomerações que ocorrem nas ruas. Ele declarou ainda que os

homicídios da João Alfredo eram uma tragédia anunciada, e que a BM tem feito o máximo possível para evitar outros crimes do tipo. Repetidas vezes ele afirmou que o Batalhão está 24 horas por dia à disposição para proteger as famílias – inclusive por meio de grupos no *whatsapp*, o que Alice já tinha mencionado na reunião anterior. *Se vocês não dormem a gente não pode dormir* termina dizendo o Major.

Alessandra, moradora que não estava presente na reunião anterior, iniciou sua fala questionando a ausência dos deputados, e agradecendo ao proponente da audiência Dr. Thiago Duarte. Ela criticou também o não comparecimento das *juvems vítimas mentirosas* e de representantes da Prefeitura, alegando que o interesse dos moradores da Cidade Baixa é o estabelecimento da ordem: *As vítimas somos nós e por isso EU QUERO O CHOQUE TODOS OS DIAS!* ela afirmou de forma assertiva. O próximo a falar foi Giovani Tubino, que tinha assumido há pouco a Secretaria Municipal de Cultura. Ele mostrou-se preocupado quanto à organização do carnaval no bairro e alegou que gostaria que a discussão fosse mais ampla, abrangendo os interesses da comunidade. Ada Schwartz, representante da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e da Sustentabilidade (SMAMS), de forma sucinta convocou os moradores da Cidade Baixa a participarem das discussões sobre a revisão do Plano Diretor de Porto Alegre.

Lúcio foi a última liderança local a manifestar-se. O morador da CB colocou em pauta algo que não havia aparecido de forma explícita nas outras falas: a influência do consumo das bebidas alcoólicas para a manutenção do cenário caótico do bairro. A ingestão de álcool impulsiona agressividade e comportamentos mal vistos para a comunidade. Para ele, uma solução viável seria a proibição do consumo de quaisquer bebidas alcoólicas em espaços públicos, principalmente na Cidade Baixa.

O proponente da audiência, Dr. Thiago Duarte, sugeriu quatro encaminhamentos, a saber: uma moção de apoio e louvor à atuação da Brigada Militar na Cidade Baixa; um estudo para a elaboração de leis que proíbam o consumo de bebidas alcoólicas em espaços abertos; a solicitação para que moradores da Cidade Baixa possam acompanhar de perto as reuniões de organização do carnaval, e a realização de uma reunião específica para discutir com a comunidade da Cidade Baixa a revisão do PPDUA. Não houve contestações. Como da última vez, terminada a audiência tive dificuldade em conversar com os moradores que falaram porque eles saíram em disparada tão logo se encerram as atividades.

As reuniões que acompanhei no decorrer de minha pesquisa não foram as únicas em que moradores da Cidade Baixa recorreram a vias institucionais para expressar indignação com o cenário de seu bairro. A gestão do espaço público noturno foi tema de uma série de audiências públicas, reuniões e debates ao longo da última década. Conforme destacou Silva (2014), em

2011 houve um intenso movimento de reuniões e audiências públicas cujo tema eram as dinâmicas noturnas do bairro boêmio. No mesmo ano, sob a gestão do ex-prefeito José Fortunatti foi criado um Grupo de Trabalho (GT) que visava o engajamento dos atores interessados na elaboração de dispositivos de regulação da vida noturna da CB. As discussões do GT foram lideradas pela SMIC, contando também com moradores, empresários, músicos e vereadores. Depois de sete reuniões, foi instituído em maio de 2012 decreto temporário que padronizava o horário de funcionamento dos estabelecimentos: bares, restaurantes, cafés e lancherias poderiam funcionar até às 2h nas sextas, sábados e vésperas de feriados e até a 1h de quinta a domingo, sempre com trinta minutos de tolerância. Passados seis meses, o Decreto 19.702/2012<sup>39</sup> tornou permanentes as providências legais sobre o funcionamento dos estabelecimentos da Cidade Baixa.

As medidas apaziguaram, por certo tempo, as conflituosas relações do bairro, porém o fenômeno das *arruaças* gerou uma nova onda de conflitos sobre os usos dos espaços da Cidade Baixa, haja vista que os estabelecimentos passaram a ter menor capacidade de controle das sociabilidades que aconteciam fora de seus ambientes. Em agosto de 2017, o Ministério Público recomendou maior rigidez do poder público municipal quanto à *desordem* das ruas do bairro boêmio durante as noites, bem como a revisão dos dispositivos legais de regulação e fiscalização do funcionamento dos estabelecimentos noturnos. A intervenção judicial decorre de inquérito civil<sup>40</sup> instaurado por moradores incomodados com a *perturbação do sossego* no cotidiano do seu lugar de moradia. Já em 2018, o então prefeito Nelson Marchezan Jr promulgou o Decreto nº 19.962/2018, que estabelece as diretrizes da vida noturna da Cidade Baixa. Em relação ao Decreto anterior, este é mais incisivo quanto à proibição de vendedores ambulantes nas ruas e à fiscalização de poluição sonora ambiental.

Mais do que um levantamento de todas as situações públicas e instrumentos legais em que a gestão da Cidade Baixa esteve em pauta, o que me interessa aqui é compreender como as pessoas se posicionam nestes debates. Fica evidente nas falas e ações dos moradores engajados a oposição entre a Cidade Baixa que dorme e a Cidade Baixa que busca por diversão. *Desordem, perturbação, sujeira, baderna e vandalismo* são termos mobilizados quando os moradores se referem a presença massiva de pessoas nas ruas do bairro. O maior desejo desses moradores é

---

<sup>39</sup><http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nphbrs?s1=000032334.DOCN.&l=20&u=%2Fnethtml%2Fsirel%2Fsimple.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT>

<sup>40</sup> Instrumento de natureza inquisitiva promovido quando há suspeita de violação de direitos coletivos ou sociais, a instauração é exclusividade do Ministério Público. O Inquérito Civil nº 00833.00044/2017 pode ser encontrado no seguinte link: <https://www.mprs.mp.br/media/de/arquivos/demp-05-09-2017.pdf>

que seu *sossego* seja restituído pela intervenção estatal. Para eles, sua *dignidade* enquanto cidadãos é violada quando suas vidas íntimas são cruzadas com o que acontece nas ruas. Desse modo, são erguidas barreiras nós x eles, cidadãos x baderneiros, estabelecidos x outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Vale ressaltar, o almejado *sossego* dos moradores chegou à Cidade Baixa junto com a COVID-19, pelo menos no primeiro mês de isolamento social. Depois de algum e das flexibilizações para o funcionamento de bares e restaurantes, as ruas deixaram de ficar ermas e voltaram a ser ponto de encontro, ainda que as aglomerações não envolvam uma quantidade tão grande de gente em comparação com a realidade pré-pandemia. Além das sociabilidades descritas no capítulo anterior – relativamente pacíficas entre os frequentadores – nas ruas e calçadas também podem ser observadas relações conflituosas, o que será tratado a seguir.

### 5.3 Expressões das controvérsias nas ruas

Era verão e a calçada da República estava completamente tomada de gente. Por isso, quando cheguei lá fiquei encostada perto da entrada de um prédio observando as pessoas dançarem, beberem, conversarem. De repente, senti algo gelado em meu ombro direito. Olhei para frente e vi dezenas de pedras de gelo sendo jogadas de uma janela. Quem estava por ali seafastou rapidamente e depois seguiu o que estava fazendo, como se nada tivesse acontecido. Casos como esse se multiplicam no cotidiano do bairro e nos relatos dos frequentadores que entrevistei, o que revela que a insatisfação de parte dos moradores da Cidade Baixa com o que acontece lá não se dá apenas por vias institucionais. Nas inúmeras noites em que estive na CB, presenciei trocas de xingamentos e coisas sendo jogadas das janelas: a rua é onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente (LEITE, 2008).

As casas de quem mora na Cidade Baixa e os ruídos oriundos das sociabilidades noturnas das ruas estabelecem relações íntimas, embora conflituosas. Para alguns moradores, isso é uma espécie de violação às suas vidas particulares. Conforme argumenta DaMatta (1997b), a singularidade da sociedade brasileira é que a casa e a rua fornecem possibilidades deleitura opostas e complementares do mundo social, e são, portanto, dotadas de significados, éticas e visões de mundo particulares:

Quando digo que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas da ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa

disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (p.15)

Casa, aqui, corresponde a uma categoria analítica e não a um tipo arquitetônico específico, uma vez que nas principais vias da Cidade Baixa há predominância de edifícios, mesmo que haja casas entre eles. Para DaMatta (Ibid.), a casa é o espaço da intimidade, da calma, a casa é um espaço imaculado. Já a gramática social da rua é regida pelo mundano, pertence ao povo e responde à fluidez, a rua é movimento e degradação. “Limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo (...) Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado” (Ibid, p. 20). Se a CB é casa para alguns e rua para outros, as duas esferas acabam sobrepondo-se de forma não prevista pelo esquema analítico de DaMatta. Casa e rua

Em outra importante obra do autor, *Carnavais, malandros e heróis* (1997a), ele apresenta a tese de que o carnaval é o momento do ano em que os valores cotidianos da sociedade brasileira são invertidos: de forma ritual, as fronteiras entre a casa e a rua ficam borradas, os pobres são protagonistas e a sexualidade é acentuada. Nessa linha de raciocínio, em *A casa e a rua* (1997b) o autor conclui que as festas de rua mobilizam a mesma lógica contestatória da ordem que o carnaval: “As festas de rua são carnavalescas e unificam o mundo, por meio de uma visão onde rua e casa se tornam espaços contíguos, reunidos por uma convivência temporariamente utópica de espaços rigidamente divididos no mundo diário” (Ibid.: 62). No cotidiano da CB, o que observei foi um contínuo uso da rua como lugar de festa. Há, portanto, uma relação adjunta entre as casas e as ruas, o que incomoda aqueles que desejam manter as duas esferas separadas.

Fernando me relatou o caso de uma noite em que sua experiência de *rua* entrou em confronto com a *casa* de um morador:

Ali na frente da Sônia, por exemplo..ahn...tava eu e um amigo meu, a gente tava bebendo e tal e não sei o que. Óbvio, tinha um gurizada com uma caixa de som, mas tudo baixinho. E do nada alguém do prédio ali jogou gelo, jogou água, jogou água sanitária num amigo meu. Pegou na roupa, manchou toda a roupa.

Diante do ocorrido, os dois foram tirar satisfação com o porteiro do prédio, que não soube o que fazer. Para o entrevistado, a presença no bairro do corpo de um jovem negro trabalhador, como ele se identifica, é incômoda para alguns moradores: *eu não sei o que se passa na cabeça desses veios que moram ali há 40 anos, que pra mim é racismo, porque eles jogam água sanitária me parece que é pra higienizar a população.* De fato, a associação do funk como gênero musical periférico é uma realidade, mesmo que hoje ele tenha ampla aceitação entre os jovens das camadas médias. Nas ruas da Cidade Baixa, convivem jovens de

diferentes origens sociais, o que pode ser identificado a partir de minhas observações participantes ou também pelo perfil dos frequentadores que entrevistei. Todos ouvem funk. Apesar disso, a sonoridade que vem das ruas parece não se adequar à concepção ideal de bairro daqueles que agem como o morador que atingiu Fernando e seu amigo. Enquanto me contava sobre a noite, o jovem foi bastante enfático em sua crítica sobre a intolerância com as sociabilidades *arruaças*:

Olha cara, éé... não interessa se tão fazendo barulho aqui, aqui embaixo, se tão fazendo uma zona, ou se tão fazendo uma missa, eu acho que a partir do momento em que uma pessoa joga um negócio que pode machucar de uma janela, algo tem de errado ali, entendeu? Alguém tá falhando nessa história... ahnn... e esse conflito acabou acontecendo, tá ligado?

Não foi possível identificar precisamente quem era o morador envolvido no caso, mas não há dúvidas de que sua versão sobre o que aconteceu é diferente. Por sua atitude drástica, ousou supor que não foi a primeira vez em que seu *sossego* foi perturbado pelas aglomerações que aconteciam na José do Patrocínio. Fernando me disse que a situação é recorrente: *Fora tantos outros... mas a maioria das vezes é de ovo sendo jogado da janela... éé... água sanitária. Ovo!* Com isso, entendo que cada pessoa constrói sua relação com a Cidade Baixa com base em seus próprios termos; por conseguinte, os muitos atores que compõem o bairro têm expectativas diferentes sobre a vida urbana nos lugares de lá. Nesse sentido, entendo que o modelo de oposição das gramáticas sociais da *casa* e da *rua* proposto por DaMatta (1997b) seja demasiado estanque para dar conta analiticamente das formas pelas quais se emaranham as dimensões do morar e do frequentar a Cidade Baixa, embora seja irrefutável sua importância no quadro teórico das ciências sociais. As ruas da Cidade Baixa, conforme procurei demonstrar no terceiro capítulo, são *vivas*, transbordam e não respeitam barreiras, sejam elas morais ou de concreto. No modelo proposto por DaMatta (Ibid.), as pessoas transitam pelos dois universos morais arquetípicos – casa e rua. Aqui não. O potencial conflitivo é o condutor da relação entre ambas as partes que compõem o bairro.

Na verdade, o que urge aqui é uma reflexão acerca das possibilidades semânticas daquilo que é *público* – que é onde reside a controvérsia essencial sobre o entretenimento noturno da CB. Sendo a rua um espaço público, quais são os limites das sociabilidades que nela acontecem? Para os moradores engajados no controle das *arruaças*, a resposta precisa vir da regulação estatal – seja por meio de dispositivos legais ou da repressão policial. Quando o Estado falha em conter os jovens que ficam bebendo nas ruas, eles agem por conta própria: jogam coisas e xingam de suas janelas. No caso de quem está nas ruas, muitas vezes as vontades

individuais prevalecem sem que sejam levadas em conta outras rotinas também atreladas ao bairro. A própria Mariana, hoje com 19 anos, assumiu que quando mais nova não se importava com os vizinhos: *Com 16 anos a gente não se importa muito se um morador vai acordar 6h da manhã. A gente só quer beber nosso trago na rua, então...e provavelmente a geração, tipo, dos meus pais também era assim.*

Mariana e Vinícius moram na Cidade Baixa, além de usufruírem da noite. Ela, que hojemora na Lima e Silva, desde que nasceu já morou em várias outras ruas do mesmo bairro. O pai é músico de um grupo de MPB, então há muito tempo frequenta os estabelecimentos noturnos de lá. Mesmo assim, costuma reclamar para a filha sobre o tipo de música que hoje predomina nas festas: o funk. Mariana me disse que o barulho que rompe a fronteira entre o público e privado não a incomoda. Embora costume participar das *arruaças*, ela considera necessário intermediar a posição dos moradores incomodados e o comportamento desmedido do pessoal da sua idade:

Eu tô tentando entrar na cabeça deles mais ou menos pra ver o que eles pensam, porque eu não me incomodo nem um pouco, eu moro aqui em cima do boteco da Dona Neusa, que fechou inclusive, e aí eu ouvia, dia e noite assim, barulho...eu durmo tranquilamente, eu sou muito acostumada...mas eu tento entender a galera, assim, que realmente se incomoda com isso. Tento me colocar no lugar deles.

Vinícius, por sua vez, é um dos casos de jovens universitários vindos do interior que escolhem a Cidade Baixa como lugar de moradia justamente pela facilidade de acessar sua vida noturna. Em sua concepção, é injustificável a postura dos moradores contrários ao movimento das ruas, uma vez que eles deveriam ter consciência do histórico boêmio do bairro em que moram:

Tu meio que já tem ciência de que é um bairro movimentado, mas tem gente que aparentemente não tem, né. Bom, eu já estava em bar e o pessoal começou a jogar balde de água pra baixo...uma coisa meio absurda...ahnn...(...) Ahn...ah, não, a da água na janela foram várias vezes. Ali na República bem em cima de um bar, e um morador que aparentemente não é muito feliz da vida, uma pessoa que aparentemente não é muito alegre com ela mesma, mas eu tive várias, várias experiências dessas de moradores sendo...ah...já vi morador gritando de fora da janela com alguém, assim...tipo, tava passando alguma coisa, tipo que tu fica “meu deus, a pessoa tá num surto, né?”. Mas nada de muito grave, não. No geral, eu tenho a sensação de que a maioria dos moradores é bem conivente com essa situação e não se importa muito com a Cidade Baixa ser movimentada...eu tenho essa sensação, pelo menos.

Para ele, os moradores indignados com a falta de *sossego* são minoria. O impacto que esse grupo tem nos rumos do bairro talvez se justifique por sua capacidade de articulação nas diversas instâncias em que conseguem ser ouvidos, principalmente na mídia e no Estado. No



caso da minha pesquisa em específico, houve pouco ou nenhum interesse na participação. Penso que tal postura decorre da baixa visibilidade dos trabalhos acadêmicos para o público em geral, ou também por uma impressão equivocada de que uma dissertação em Antropologia Social necessariamente tomaria uma das partes – moradores ou frequentadores – como detentora da única posição correta sobre os conflitos envolvendo o bairro. De qualquer forma, as perspectivas de moradores de diferentes perfis me dão ferramentas para fugir da armadilha que seria tratar os 15.379 moradores da Cidade Baixa (IBGE, 2010) sob ótica essencialista. Francisco, por exemplo, disse que os moradores que jogam coisas de suas janelas são *velhos rabugentos*. Quando entrevistei Antonio, o morador citado no início deste capítulo, ele não tinha nada de velho, nem de rabugento. Ele é um homem de esquerda, de posturas progressistas, mas que em determinada noite considerou que os arruaceiros extrapolaram os limites do convívio público ao fazerem muito barulho e jogou gelo no grupo *arruaceiro*. Olhando para ambos os lados e buscando identificar suas motivações, consigo entender que são plausíveis todas as posturas se considerado o contexto em que são formuladas.

#### 5.4 Atuação da Brigada Militar na Cidade Baixa

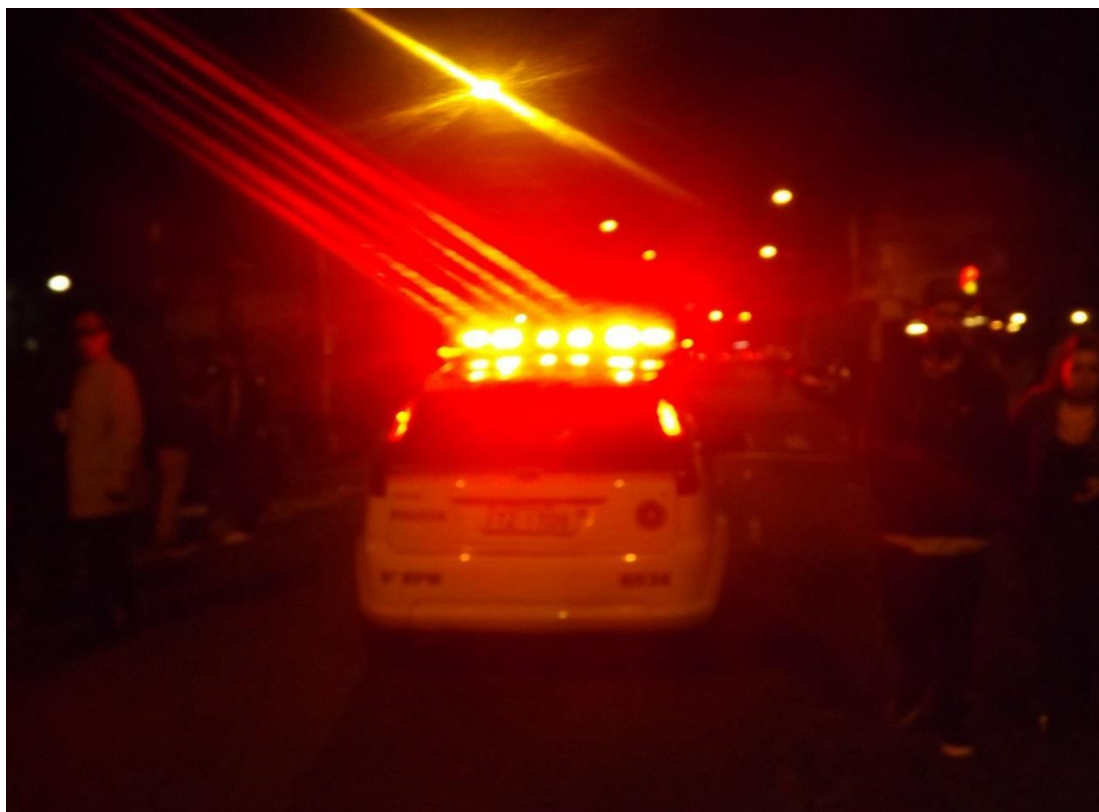
Além das pessoas nas ruas e das aglomerações, a polícia tinha presença confirmada na Cidade Baixa durante os finais de semana de 2019 e do começo de 2020. De todas as noites em que fui ao bairro, não houve uma só em que não houvesse pelo menos duas ou três viaturas circulando pelas ruas. Às vezes havia mais. Às vezes os carros estacionavam e quem circulava para abordar as pessoas eram os policiais. Outras ainda as tropas dispersavam as aglomerações com o uso de bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. De todo modo, a assiduidade da Brigada Militar não parecia intimidar quem estava nas ruas. Pelo contrário, a insistência em frequentar o bairro a despeito da vigilância policial demonstra como ordenamentos urbanos são arquitetados pelas *astuciosas e teimosas* formas de inventar uma cidade-praticada no cotidiano (DE CERTEAU, 2012). O caso que motivou a oitiva na Assembleia Legislativa de que tratei acima é um exemplo de como as apropriações do espaço urbano acontecem apesar da BM. Na madrugada do dia 16 para 17 de agosto, houve a dispersão da aglomeração na José do Patrocínio. Na semana seguinte, foi a reabertura do InSônia e a rua estava novamente cheia, assim como nos finais de semana subsequentes. Fernando deixou explícito que acha que as dispersões não são motivo para que as pessoas desistam de frequentar a CB:

Eu acho que mesmo apesar de todos os problemas as pessoas vão continuar indo, tá ligado? Nunca...acho que se tu for perguntar pra um amigo “ô, vamo na cidade baixa

hoje?”, ele não vai falar “ah, não vou porque a polícia vai bater lá e vai jogar bomba’, sabe?

A atuação da Brigada Militar talvez seja o ponto que gera maior controvérsia no que tange às dinâmicas noturnas da CB. Conforme já demonstrado, a presença massiva do 9º BPM no cotidiano do bairro é resultado direto das recomendações do MP à Prefeitura. Por sua vez, o MP emitiu tais recomendações devido às denúncias dos moradores engajados em alcançar seu  *sossego*. Se anteriormente argumentei pelas diferentes nuances de opiniões que os moradores podem ter sobre seu bairro, a defesa ou o repúdio do papel da polícia é um demarcador mais rígido de fronteiras, inclusive ideológicas, entre as pessoas. Igor procurou a assessoria do PSOL, um partido declaradamente de esquerda, para denunciar o que considerou repressão policial. Por outro lado, parlamentares de partidos mais à direita do espectro político mostraram-se aliados das ações policiais incisivas, como é o caso do deputado estadual Dr. Thiago Duarte (DEM) e do agora ex-vereador Rafão Oliveira (PTB), que foi Secretário da Segurança de Porto Alegre na gestão de Nelson Marchezan Jr. Para os moradores que defendem veementemente a presença do 9ºBPM na Cidade Baixa, os policiais cumprem o papel de heróis que salvam seu bairro da  *degradação* e da  *desordem*, tanto que um grupo no  *whatsapp* é mantido como canal de comunicação direta entre os tenentes e os moradores.

Figura 32 – Brigada Militar na José do Patrocínio



Fonte: Foto da autora (2019)

Quando penso no que escrever para articular em palavras a experiência do estar na Cidade Baixa, uma das primeiras lembranças que me veem à cabeça é a cor vermelha da iluminação das viaturas. Particularmente, para mim a quantidade de luzes e a aura repressora que BM traz consigo é intimidadora. No entanto, aquele intenso vermelho que atingia meus olhos foi algo que precisei conviver para desenvolver minha pesquisa. A rota que a BM fazia era praticamente a mesma que eu fazia caminhando pela Cidade Baixa, de modo que eu conseguia visualizar de longe os carros, antes mesmo de atravessar a Perimetral. As viaturas entravam na José do Patrocínio pela Fernando Machado, rua do Centro onde fica a delegacia, depois dobravam à esquerda na altura da Venâncio para pegar a Lima e Silva e seguir nela até o cruzamento com a Fernando Machado, onde poderiam entrar novamente na José do Patrocínio. Às vezes estacionavam nos arredores da República ou das outras ruas perpendiculares às duas artérias principais. Eu fazia esse percurso ao contrário: pegava a Lima e Silva pela André da Rocha, rua em que eu morava na época, e que é justamente o ponto em que a Fernando Machado termina e começa a Lima e Silva. Eu às vezes seguia até a José do Patrocínio, outras ficava na República, e em algumas noites permaneci na primeira quadra da Lima e Silva na Cidade Baixa. Nas noites *ordinárias*, a BM ficava indo e vindo da Cidade Baixa



dispersar, e ela “eu estava tentando dormir, não estava conseguindo dormir porque tem gás lacrimogêneo dentro do meu apartamento”. Então...ahh...é meio interessante, porque essa ideia da polícia te proteger, mesmo que eles queiram vir com esse discurso de te proteger os moradores, não é o cenário.

Meu diário de campo da audiência pública que acompanhei no dia 30 de outubro começa com uma frase, que foi a primeira impressão que tive quando entrei na sala da Assembleia Legislativa: *CB de mãos dadas com a BM*. Lembro também da marcante fala da moradora Alessandra: *EU QUERO O CHOQUE TODOS OS DIAS!* Comparando o teor argumentativo das falas do jovem universitário com o das falas daqueles moradores que comparecerem à audiência, percebo mais uma vez que a unanimidade está longe de ser uma característica representativa dos moradores da Cidade Baixa. Afinal, a pluralidade de práticas e sociabilidades que pode ser observada no bairro é proporcional à pluralidade de como os diferentes moradores o concebem.

Quando Fernando me falou sobre suas experiências com a BM na Cidade Baixa, ele ressaltou o quanto os corpos de pessoas como ele não são bem quistas quando se apropriam do que ele considera um direito – usufruir da rua e dos espaços da cidade.

A partir de 2018 mesmo, aconteceu essa debandada que a polícia chegou cercando todo mundo e taca-lhe bomba e vá bomba e vá bomba e gente passando mal. Imagina, no verão, no alto verão de fevereiro à noite com bomba e calor. Bah, a gurizada passou mal. (...) Porque eu sou de família humilde, eu sou humilde, então...é...sempre que acaba procurando um pico tem que tomar aquela cerveja porque a semana já foi difícil, com tanta gente desempregada, procurando emprego, a gente só quer dar um pileque, tá ligado? E do nada me bate a polícia com trocentos coronel de...de...de grupo de whatsapp e acaba nos expulsando do local que é nosso por direito, sabe? (...) Porque eu acho que quanto menos polícia tinha na volta, mais diversidade se tinha, muito mais negros se tinha na rua, muito mais negros se tinham consumindo, uma diversidade muito grande de pessoas consumindo, tá ligado? E a partir do momento, acho que carnaval de 2019, se não me engano, foi quando desceu o cacete geral ah...que a polícia começou realmente a baixar o cacete.

Outra fala de Vinicius complementa a opinião de que a truculência policial em suas ações na Cidade Baixa têm classe e cor definidos. Ocasionalmente ele frequenta também alguns bares na Padre Chagas, rua localizada em região mais elitizada do que a Cidade Baixa, e consegue identificar diferenças significativas no tratamento dado às pessoas pela BM, mesmo que em ambos os lugares parte das sociabilidades noturnas aconteçam nas calçadas:

Então...ahh...eu gostaria minimamente de entender na visão da Brigada Militar qual é que a diferença entre o bar que paga imposto na Cidade Baixa e o bar que paga imposto na Padre Chagas. Porque eu...a abordagem é completamente diferente, eu tenho certeza. Eu nunca ouvi falar de polícia largando bomba na Padre Chagas, nunca, simplesmente não acontece. Então é realmente um problema.

A primeira vez que retornei à Cidade Baixa durante a pandemia com o intuito de observar o que acontecia no bairro foi numa noite de quarta-feira, na qual aconteceu um Gre-Nal disputado pela Libertadores. Na época, em setembro, os bares tinha permissão para funcionar somente até às 22h. Cheguei perto das 21h na Lima e Silva e todos os bares que têm televisão tinham gente. Quando terminou o primeiro tempo, já estava no horário limite de funcionamento dos estabelecimentos. Muitos respeitaram o decreto municipal e fecharam, como o Pinguim. Alguns deixaram as televisões ligadas enquanto o público assistia ao jogo das calçadas. E outros continuaram abertos, ignorando as medidas de isolamento social. Logo começaram a circular três viaturas da BM para fiscalizar o que acontecia no bairro e a coloração vermelha invadia o horizonte. Caminhando, descobri que o Grêmio havia vencido pelos gritos que vinham de um apartamento. Apesar da vitória gremista, o vermelho do time rival dominava as ruas da Cidade Baixa.

#### 5.5 Articulação *online* de moradores: *acompanhando* a página Reage Cidade Baixa em baixa

*Reage Cidade Baixa em baixa*<sup>41</sup> é uma página no *Facebook* com 1.856 seguidores e curtida por 1.759 pessoas, entre as quais me incluo. Na descrição fica claro objetivo deste espaço de denúncia: *Página criada com a finalidade de mostrar o quanto os moradores do bairro Cidade Baixa sofrem com o descaso das autoridades*. A foto de perfil é uma placa de sinalização do bairro acrescida das palavras *EM BAIXA* escritas em branco com um fundo preto. Já a foto de capa é um desenho personificado de Themis, a deusa grega da justiça, em que ela está vendada e sobreposta com a frase *A justiça não é cega, ela é paga para não ver*, de autor desconhecido. Há milhares de fotos e vídeos postados de denúncia e indignação com o que acontece nas ruas do bairro. Pelo ângulo, é fácil perceber que são feitas do alto de diferentes edifícios localizados nas ruas da CB e enviadas por moradores para que os administradores postem. Além dos registros audiovisuais, há entre as postagens textos indicadores das opiniões e argumentações desses moradores sobre as dinâmicas noturnas do bairro. Um *post* em específico fornece elementos mais profícuos para o entendimento do teor da página do que a descrição sintética supracitada:

A página não tem partido político, é totalmente apartidária !  
 A página está aqui para mostrar as autoridades tudo o que é violado em termos de direitos.  
 Somos gratos ao MP, BM e GM ( hj dirigida pelo secretário Rafão Oliveira ).

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/REAGECIDADEBAIXA>

Gratidão a todos vcs, que sempre nos receberam e nós ouviram e ainda nos ouvem. Nossa luta, para que fique bem claro, é para um bairro que seja primeiramente, devolvido aquele que aqui mora, que investiu no seu imóvel e paga seus impostos, ao bom comerciante que também investe no seu comércio e não concorda com toda está baderna e abuso que aqui ocorre. E claro aos bons frequentadores, que curtem e respeitam os moradores assim como o bairro. Queremos um bairro que tenha regras e ordem, que não seja o que é hoje. E vamos incansavelmente exigir e lutar por isso, porque antes de qualquer coisa, é, sempre foi e sempre será um bairro residencial.

A princípio, minha intenção era utilizar a página como apoio metodológico para uma fase mais exploratória do trabalho de campo, para posteriormente me dedicar a práticas de pesquisa apenas presenciais, uma vez que em minha concepção o *estar lá* necessário a uma etnografia só se concretizaria assim, o que acabou não acontecendo. No instigante artigo *Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões*, Leitão e Gomes (2017) buscaram inspiração nos estudos urbanos e nos modos de habitar e de pensar a cidade para conceberem as mídias sociais enquanto *ambiente*, no qual modos particulares de vida se desenrolam. Uma das justificativas desse paralelo converge com o andamento de minha pesquisa:

o paralelo entre plataformas digitais e cidades torna-se crucial por razões metodológicas, pois a ciência avança também ao adaptar procedimentos, técnicas de obtenção de informações, modos de observação e atenção, formas de registro de uma área de conhecimento para outra (Ibid., p. 43-44)

As autoras distinguem três tipos de abordagens etnográficas básicas em ambientes digitais: *perambulações, acompanhamentos e imersões*. Trazendo a ideia do *flanêur* da cidade para o digital, elas argumentam por uma postura de seguir o turbilhão do fluxo de informações, de misturar-se ao ritmo de ambientes e plataformas das mídias digitais onde as sociabilidades são difusas, como é o caso do *Tumblr* e do *Instagram*, já não são centralizadas em perfis pessoais, mas sim na materialização de fluxos pelo usos de *hashtags*. As autoras chamam de perambulação a abordagem marcada por uma “(...) sensibilidade etnográfica transeunte, de idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens” (Ibid., p. 51).

A ideia de *perambulação* não se aplica à minha pesquisa, já que o Facebook é um ambiente em que as sociabilidades mais comuns são impostas pela própria plataforma, tendo ênfase na convergência identitária, na associação com as identidades civis dos sujeitos e nas amizades estabelecidas no mundo *off-line*. Ironicamente, as inspirações metodológicas da ideia de perambulação são as mesmas que utilizei quando estive nas ruas da Cidade Baixa: observação flutuante (PETTONÉT, 2008) e etnografia de rua (ECKERT; ROCHA, 2013a).

Para entender a cidade, ou a Cidade Baixa, precisei recorrer à análise de como um grupo específico de moradores do bairro habita o *ambiente digital*, especificamente o que dizem em uma página do *Facebook*. Minha abordagem converge com o que as autoras chamaram de *acompanhamento*. Dessa modo, minha dissertação, e particularmente este capítulo, mobiliza perambulações *offline* e o acompanhamento *online*. Um ponto em comum entre as duas abordagens apontadas pelas autoras, e que no meu caso justifica seu uso, é que elas se dão em “(...) plataformas cujas relações de continuidade com o ambiente off-line permitem integrá-las ao estilo de vida de seus usuários” (LEITÃO; GOMES, 2017 p. 57). A *imersão*, por sua vez, é uma abordagem para tratar de ambientes que impõem descontinuidades com o *off-line*, plataformas que criam mundos particulares, como é o caso do *Second Life*.

Houve uma série de desencontros e falta de respostas que me fizeram considerar o ambiente virtual como aporte fundamental para o desenvolvimento de minha pesquisa. Além, é claro, da pandemia que afetou drasticamente pesquisas realizadas *off-line*. No site de uma das associações de moradores da Cidade Baixa consta um endereço de sede que não existe. Caminhei três tardes pelo bairro procurando, até me dar conta que não há número indicado na Rua Baronesa do Gravataí. De início foram frustrantes as faltas de respostas. Perdi as contas de quantas vezes enviei – por e-mail e pelo próprio *Facebook* – a carta de recomendação escrita por meu orientador para me apresentar e tentar marcar uma entrevista tanto com os administradores da *Reage Cidade Baixa em baixa* como com outros moradores. Troquei algumas mensagens no *Whatsapp* com a presidente de outra associação de moradores, que se mostrou interessada em contribuir, porém antes que eu marcasse um encontro com ela meu celular foi furtado e acabei perdendo o contato. Certa vez, fui à Cidade Baixa em uma segunda-feira para um compromisso religioso e a moradora Alice, que estava sentada ao meu lado na primeira reunião que fui na Assembleia Legislativa, me reconheceu e perguntou sobre a pesquisa. Eu então pedi seu número para que pudéssemos conversar em outro momento, mas ela não respondeu às minhas mensagens. Diante disso, me encontrei em um impasse, porque tinha cadernos e mais cadernos de campo das observações participantes na noite e nas reuniões com o poder público, mas ainda não tinha uma entrevista de profundidade com algum morador contrário às aglomerações na rua. Para mim, entender como essas pessoas encaram o cotidiano de seu bairro – e quais argumentos mobilizam – é uma peça fundamental para a compreensão da complexidade que é a Cidade Baixa, de modo que eu precisava encontrar maneiras de acessar a perspectiva de tais moradores. A leitura do texto de Leitão e Gomes (Ibid.) me deu o *insight* que eu precisava para considerar o ambiente virtual também como lugar de sociabilidades, quase como um extensão da Cidade Baixa *offline* onde as queixas sobre a situação do bairro



podem ser compartilhadas. Nos próximos parágrafos, apresento elementos de meu *acompanhamento* da referida página, os quais são chaves analíticas importantes para a compreensão das controvérsias da CB.

Antes de mais nada, a página em questão tem servido como válvula de escape das percepções que os moradores envolvidos têm sobre o bairro em que vivem, é um ambiente de comunicação direta que fica fora da esfera das instituições às quais recorrem para formalizar suas reclamações. O próprio nome *Reage Cidade Baixa em baixa* sugere a noção que atravessatodas as postagens: é preciso que o bairro reaja, que sejam articuladas ações para que o cenário atual seja alterado. Aqui, portanto, ficam evidentes as conexões entre os ambientes *online* e *offline* que o *Facebook* ajuda a impulsionar, assim como apontam Leitão e Gomes (Ibid.). Reproduzo abaixo, com a grafia tal como encontrada na rede social, postagens que expressam a visão dos moradores sobre o que acontece no bairro atualmente, bem como os argumentos que mobilizam em prol das mudanças que almejam.

Lopo Gonçalves com José do patrocínio, sentido quem vai para Lima e Silva, baile funk ao ar livre 0425 da madrugada.

Segundo moradores, foi feito chamado a BM via 190, grupo de segurança e GM para resolverem a situação.

Estamos no aguardo por respostas.

Parabéns por estarem botando ordem e regrando um bairro que é antes de mais nada residencial. Quem vem aqui curtir ou abrir comércio tem que ter a visão de que o bairro tem moradores e merecem ser respeitados.

Gratidão a GM e BM.

Bares fechado e a chinelagem pertubanfo o sossêgo, passa das 04 da madrugada.

Dispensa essa gente sem noção, pois é a segunda noite consecutiva que o morador deste ponto não dorme direito. República com Lima e Silva.

O REAGE CIDADE BAIXA, vem por este meio pedir a todos que acompanham a pagina, que apoiem as ações da BM, GM e outros.

Pois a comunidade precisa se manifestar em prol da ordem e da boa convivência em nosso bairro.

SE OS BONS FICAM QUIETOS, OS MAUS TOMAM CONTA.

VÃO DEIXAR ACONTECER O QUE ACONTECEU NA JOÃO ALFREDO ???  
 PORQUE ESPERAM O PIOR PARA DEPOIS TOMAREM ATITUDE ??  
 SOCORRO !!!!!!!!!!!

Lima e Silva com república.

Quem mora neste ponto sofre muito com a baderna por conta da omissão dos órgãos públicos.

VERGONHAAAAAAAAA

Cidade baixa é um bairro invadido por vândalos prestes a explodir, se tornou terra sem lei...só as autoridades não vêem. Lixo por tudo, pessoas urinam nas portas dos prédios, se drogam e traficam dia e noite, em alguns casos chegam a impedir os moradores de entrarem em suas próprias casas cobrando por isso! Mortes na João Alfredo e agora tb na Orla. Espaços públicos criados (Orla) outros revitalizados (Largo dos Açorianos) invadidos por vândalos, e a falta de segurança afastando as pessoas destes espaços. Está amplamente divulgado na mídia, só não vê quem não quer... ao contrário, a prefeitura fecha os olhos.

A situação do bairro não está pior graças aos moradores, associações do bairro e a BM que tenta coibir tudo isso.

Até quando?

O verão se aproxima... Carnaval de rua... carros de som alto etc. E os moradores sem direito algum. Aí vem uns e outros dizer: Bairro boêmio, se mudem! Oi? Dizer isso a moradores de 30, 40 anos no bairro...

O que precisa ser feito? Fiscalização, cumprimento das Leis, segurança pública, EPTC, SMIC....

Ah, e boêmia não é sinônimo de vandalismo e nem perturbação do sossego!

Morador registra baderna que foi até quase 5 da manhã.

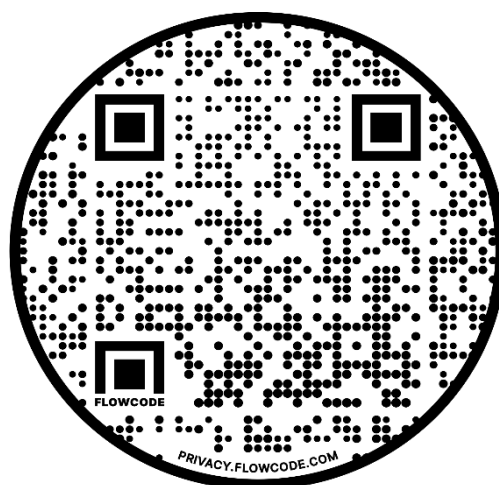
Filmagem, já passa das 03 da madrugada!

Estás pessoas que se julgam no direito de ocuparem rua, será que elas sabem o que é dever ?

Que quem mora ali tem direitos e está sendo violado !

Já que o município é incompetente ou não tem interesse, que a nível governo se faça algo.

Figura 34 – QR code que dá acesso a vídeo



Fonte: Elaborado pela autora (2021; Vídeo disponibilizado na página Reage Cidade Baixa em Baixa

De modo geral, as postagens expressam o apoio irrestrito às ações da Brigada Militar –o que é justificável diante das denúncias da negligência por parte do poder público municipal em fiscalizar o cumprimento da legislação que regula as dinâmicas noturnas. Mais do que apoio, há uma glorificação do papel da polícia em manter a ordem no bairro. Os moradores entendem que a presença massiva de pessoas nas ruas e calçadas é um desrespeito aos seus direitos comocidadãos. Há também certa distinção de cunho moral entre bons e maus frequentadores da Cidade Baixa, em que o critério é o respeito ao caráter residencial do bairro. Os representantes da *chinagem* são aqueles que com suas práticas e sociabilidades violam os direitos de quem mora lá e paga impostos. Aqui novamente aparece com força o debate sobre os limites entre o *público* e o *privado*, as *casas* e as *ruas* e as diferenças entre os modos de conceber a CB.

Todas as postagens acima são de 2019, quando as noites transcorriam sem a influência da pandemia. No primeiro final de semana depois que começou o isolamento social, houve uma única postagem que indicava a conquista do *sosego*. A tranquilidade não durou muito tempo, no entanto. Assim que começaram a haver aglomerações na Cidade Baixa, a página voltou a denunciar as situações que os moradores veem de suas janelas. Conforme *acompanhei*, as postagens do *Facebook* são acionadas como modo de engajamento virtual que complementa o que acontece no *offline*. As postagens abaixo datam do período em que as aglomerações, além de incomodarem os moradores, vão também contra as medidas de segurança sanitária para conter o avanço do coronavírus.

NÓS MORADORES DA CIDADE BAIXA CONTINUAREMOS A DEFENDER A BRIGADA MILITAR QUE MAIS UMA NOITE ACABOU COM A BADERNA NAS RUAS.

CONTRARIANDO A CANDIDATA MANIVELA

OPA

MANUELA QUE DIZ QUE A BRIGADA E UM ÓRGÃO REPRESSOR

Se perguntarem onde fica o encontro dos porcos ?

Fácil responder, ali na Cidade Baixa na rua da República com Lima e Silva !

Bando de sem noção, mimados imundos e nojentos, estão fazendo do bairro o quintal da espelunca de suas casas.

Além da sujeira, tirando o sossego dos moradores, depois vão pra suas casas dormir, seus imundos filho do capeta.

E tem gente que força em dizer que o bairro é boêmio !

Lupcinio Rodrigues deve estar dando coice nos caixão .

Está voltando a mesmice de antes, autoridades, por favor , avisem a estes chinelos que eles estão em frente a residências e as pessoas precisam levantar cedo para trabalhar, tem idosos e crianças querendo descansar !

*Sujeira, degradação e baderna* são termos utilizados para descrever e caracterizar as dinâmicas noturnas que insistem em acontecer nas ruas da Cidade Baixa, apesar da pandemia. Aqui a evocação de Lupicínio Rodrigues serve como contraponto do que seria uma boemia bem-vinda na Cidade Baixa com as práticas que hoje preenchem as ruas do bairro de lixo e de gente *sem noção*. A falta de noção, segundo o que é argumentado, está na desconsideração de que a Cidade Baixa não é exclusivamente um bairro destinado ao entretenimento noturno, massim onde há pessoas morando e que merecem descansar. Mais uma vez, a Brigada Militar é acionada como a instituição capaz de resolver de forma paliativa a *desordem* causada pelas sociabilidades.

Neste capítulo uma Cidade Baixa que existe sob tensão foi apresentada. Nas ruas, na Assembleia Legislativa ou em ambientes digitais, os diferentes atores que participam do emaranhado de relações que compõe o bairro elaboram suas próprias perspectivas acerca dos rumos da noite. Diante das situações, falas e argumentos explorados, se sobressaem dois pontos principais de divergência: a atuação da BM e as fronteiras possíveis entre o espaço público e a vida privada de quem mora no bairro. A falta de consenso entre os *praticantes* é justamente o que me interessa do ponto de vista etnográfico e o que faz com o bairro esteja em movimento. Há disputas simbólicas sobre o direito de estar e de pertencer ao bairro (LEITE, 2007), mas não só: a corporalidade enquanto suporte material da vida urbana é também importante. Os corpos dos *vândalos* são visto com aversão pela parte engajada dos moradores da Cidade Baixa,

enquanto os corpos policiais são tratados como peça chave do bom andamento cotidiano do bairro. Na lógica inversa, para o frequentadores que entrevistei os *velhos rabugentos* deveriam se mudar porque sabem que historicamente o bairro onde vivem é boêmio. Não há certos ou errados, há justificativas que partem de experiências e expectativas diferentes, e por isso dificilmente um acordo comum conseguirá reverter a condição de insatisfação, seja de um lado ou de outro. Os dois polos argumentativos são ainda permeáveis a nuances: há muitas variantes de frequentadores e de moradores. A Cidade Baixa não é o mundo, as Cidades Baixas são mundo habitados e frequentados por pessoas diferentes entre si.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos da vida urbana foram os condutores desta dissertação. Práticas, trocas, danças, palavras, sons e encontros deram o tom de meu fazer-etnográfico, que foi cambiante assim como meu universo de pesquisa. Nada na Cidade Baixa foi ou é estático. Caminhando pelas ruas e acompanhando as redes sociais, pude perceber que o constante estado de ebulição presente no bairro desagrada quem deseja sossego. Gente querendo beber e dançar na calçada, gente querendo sentar e beber nos bares, gente querendo descansar em seus apartamentos: cada qual tem a intenção de usar a Cidade Baixa de acordo com seus quereres. O descompasso entre os diferentes *praticantes* foi justamente o que me levou a eleger a CB como mundo a ser interpretado – não pretendendo chegar a respostas estanques sobre o bairro, mas sim abordá-lo como processo em que o conflito é imanente. O fechamento desta dissertação não é conclusivo, portanto. Finalizo meu trabalho apontando caminhos analíticos que foram sedesenhando conforme eu pesquisava, caminhava, escrevia e sentia a Cidade Baixa em processo.

No muro do Museu Joaquim Felizardo, localizado na João Alfredo, me deparei durante 2019 com um lambe-lambe que disparou mais perguntas do que respostas. Qual o sentido de Cidade Baixa para quem a pratica? No que exatamente reside a relação das pessoas com o bairro?

Figura 35 – Muro do Museu.



Fonte: Foto da autora (2019)

Se os proprietários ou locatários de apartamentos e casas habitam a Cidade Baixa, o bairro habita também neles. Acontece que uma determinada versão de Cidade Baixa habita em cada um daqueles que se relacionam com as ruas, estabelecimentos, experiências e afetos produzidos no e pelo bairro. Nesse caso, uma abordagem antropológica deve mirar para os possíveis arranjos entre as Cidades Baixas que habitam em nós. Foi o que busquei fazer. Conforme tive a intenção de evidenciar, o bairro é vivido em diferentes ritmos. Não há exatamente uma divisão estanque entre dia e noite, mas sim entre formas distintas de entender e de se relacionar com o bairro em que dia e noite são duas cosmologias que se opõem. Diferente de quem só frequenta a CB, quem mora lá vivencia ambas as partes. Entendo, por isso, que os moradores que reivindicam seu *sossego* desejam que a noite seja devolvida a eles para que alcancem a plenitude de seus direitos. Entre residencial ou boêmia, morada ou festa, tranquilidade ou entretenimento, a Cidade Baixa vai sendo colocada sob disputa.

Boêmio. Adjetivo que qualifica algo ou alguém que leva a vida bebendo e buscando por diversão. Seria esse o melhor termo para definir a Cidade Baixa? Uma guia turística também definiu a CB como *alegre, festiva e carnavalesca*, na ocasião de um passeio que fiz em um ônibus turístico que circula por Porto Alegre. É lugar de entretenimento para Fernando, é lugar

de pesquisa para mim, é lugar de moradia e de diversão para Mariana, e também é lugar de trabalho para muitos outros. A CB é feita todos os dias pelo encontro dos fazeres de toda a gente que circula e que permanece em suas ruas. Nos primeiros trabalhos que apresentei em eventos acadêmicos sobre minha pesquisa, costumava começar definindo a Cidade Baixa como bairro boêmio, um termo que consta inclusive no título desta dissertação. Hoje considero tal caracterização demasiado simplista, já que o bairro é muito mais. A dimensão festiva é, obviamente, chave analítica essencial para a compreensão da CB e não ousou negar isso. Meu argumento aqui é que aquilo que parece banal – beber na rua com amigos – pode estar revestido de sentidos políticos de reivindicação da cidade para si.

O Estado opera hoje com a intenção de disciplinar as sociabilidades que se desenrolam nas ruas e calçadas da Cidade Baixa – o que é, como demonstrei, uma tarefa que divide opiniões. Quando os jovens e a noite se encontram na CB, o poder estatal encontra dificuldades pelo caminho, pois as práticas e sociabilidades juvenis configuram um bairro vivido em processo, que é feito e refeito a toda hora. Ambos representam arquétipos das possibilidades de transgressão – juventude e noite, noite e juventude são porta-vozes dos ímpetos de viver intensamente e com seus próprios códigos. As ruas e os estabelecimentos do momento mudam – a Cidade Baixa é movida por nomadismos internos que vão reconfigurando as dinâmicas do bairro. Talvez em pouco tempo os fluxos da vida noturna porto-alegrense corram para outros lugares, como já aconteceu antes. Mas o certo é que hoje, mesmo com a pandemia, a Cidade Baixa é acionada como lugar em que os encontros da noite acontecem.

O mesmo Estado foi responsável por determinar o atual desenho da Cidade Baixa – seus limites formais e seu perfil populacional. A “baixeza” do bairro – gente pobre e negra – foi expulsa para as periferias de Porto Alegre, por exemplo, a Restinga. Com isso, o mapa da cidade não mostra mais a Ilhota e nem o Areal da Baronesa, mas os territórios negros pulsam e por meio dos corpos direcionam *territórios-em-movimento*. No processo de conhecer a CB, entendi que a intolerância quanto ao *funk* e as sociabilidades relacionadas ao ritmo são evidências das tentativas de imposição de uma forma específica de *praticar* o bairro, aquela em que seu status de bairro de classe média é mantido ileso. Tendo isso em vista, cabe perguntar: quais são os corpos aceitos na Cidade Baixa?

As intenções disciplinadoras da BM parecem não ser capazes de manter o bairro sob total controle. Como demonstrei, o uso de bombas de gás lacrimogêneo tem efeito efêmero. Tão logo possível, as pessoas voltam a se aglomerar nas ruas, seja no local onde foram atingidas ou em outro ponto do mesmo bairro. Nem a circulação de um vírus, como no cenário atual, foi suficiente para que as pessoas deixassem de permanecer nas ruas. A polícia continua agindo



para dispersar aglomerações, agora com uma justificativa a mais. Como etnógrafa, minha intenção não foi determinar heróis ou vilões do complexo tramado da Cidade Baixa, mas sim atentar para as diferentes posições e práticas colocadas em jogo. Jovens frequentadores ou moradores indignados, cada um tem seus porquês de estar no bairro e é isso que o torna um universo empírico tão interessante.

As instituições estatais atuam ao mesmo tempo como mediadoras e impulsionadoras dos ânimos conflitivos da Cidade Baixa. Se, por um lado, uma ação repressora da BM pode satisfazer pontualmente os moradores que clamam por isso, pode ocasionar indignação de quem presenciou ou sofreu investidas policiais. Nesse caso, consegui identificar duas possibilidades de canalização dessa indignação. Primeiro, a mais rotineira: os jovens continuam indo ao bairro, colocando seus corpos na rua como que gritando: *A Cidade Baixa também é nossa! E os incomodados que se retirem!* Ainda é possível, como no caso tratado no capítulo cinco, recorrer a vias institucionais e promover debates públicos sobre o que acontece no bairro. Na audiência pública que acompanhei, o quórum maior era de moradores, mesmo ela sendo convocada em decorrência do diálogo do jovem Igor com a deputada Luciana Genro. Ao que tudo indica, para os jovens *arruaceiros* continuar festejando nas ruas é uma “resposta” mais efetiva do que a mobilização institucional. A continuidade das aglomerações impulsiona ainda mais a articulação dos moradores contrários a elas, e assim segue o cotidiano na Cidade Baixa: as controvérsias são intrínsecas ao bairro.

Caminhando-pesquisando me deparei com luzes, sons, músicas, palavras, barulhos, ruídos, beijos, gritos, conversas, danças. Alguns xingamentos também fizeram parte do repertório de agires urbanos que observei. Garrafas, corpos, copos. A Cidade Baixa foi vista em movimento. De dentro de seus apartamentos, os moradores que se colocam na contracorrente do que acontece nas ruas são também parte desse movimento. Quando reclamam nas redes sociais, eles sublinham o caráter público das discussões sobre os rumos da vida noturna. Qualquer pessoa pode opinar e a Cidade Baixa transborda seus próprios limites, tornando-se pauta de um debate que polariza os *baderneiros* e os *cidadãos*. Conforme entendo, tais categorias são demasiado estanques para dar conta analiticamente do bairro. Meu objetivo com esta dissertação foi compor uma narrativa sobre a CB que considerasse as camadas de complexidade das relações entre as tantas partes que *praticam* um mesmo bairro de maneiras bastante distintas entre si. A Cidade Baixa é ao mesmo um e muitos bairros, que se transformam, são inventados e reinventados no cotidiano.

Concluir dentro de casa uma pesquisa que começou na rua não foi uma tarefa fácil – uma vez que em meio a tantas notícias ruins relacionadas às milhares de mortes em decorrência

de complicações de COVID-19 e ao desamparo genocida do governo, tive de replanejar meu percurso etnográfico. No começo da pandemia fiquei em inércia e fragilizada com a ideia de que não havia sentido em tudo que até então eu tinha feito. Pensei em desistir. Meus planos, afinal, incluíam comemorar a defesa que se encaminha entre amigos e família, no bairro que tanto me inspirou. Encontrei na própria CB o impulso que precisava para continuar. A Cidade Baixa e seus *praticantes* são teimosos, e como a flor que nasce do asfalto se reinventam na crise. Não poderia eu, que conhecendo o bairro aprendi a amá-lo, ficar parada. Ainda não há como projetar por quanto tempo irão perdurar no bairro os reflexos da pandemia, mas o certo é que os processos de fazer-Cidade Baixa não param. Desejo que seja movimentada a vida urbana, e que possamos em breve acessá-la em toda sua complexidade e plenitude. Nas ruas, nas Universidades, nas casas, nos bares e onde mais seja possível – o importante é que seja sem medo.

## REFERÊNCIAS

- ADELARDO, Guilherme; FRÚGOLI JR, Heitor SPAGGIARI, Enrico. **Práticas, conflitos, espaços: pesquisas em Antropologia da Cidade**. São Paulo: Gramma Editora, 2019.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem, o centro. **MANA**. v. 21, n.3, p. 483-498, 2015
- \_\_\_\_\_. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- ARANTES, Antonio Augusto. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BLÁZQUEZ, GUSTAVO. I Love the Nightlife. Músicas, imágenes y mundos culturales juveniles en Argentina. **TRANS – Transcultural Music Review**, v. 16, 2012.
- BLÁZQUEZ, Gustavo; LIARTE, Agustin. Entre bares y boliches. La noche como espacio etnográfico. **Revista de Ciencia y Técnica**, Córdoba, v. 8, 2014.
- \_\_\_\_\_. De salidas y derivas. Anthropological Groove y “la noche” como espacio etnográfico. **Iconos, Revista de Ciencias Sociales**, Quito, n. 60, p. 193-216, 2018.
- BOHRER, Felipe Rodrigues. Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre na pós-abolição. **Illuminuras**, Porto Alegre, v.12, n. 29, p. 121-152, jul./dez. 2011
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **On Justification: Economies of Worth**. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- BURIN, Carolina Wolff. **O caso da canalização do arroio Dilúvio em Porto Alegre: ambiente projetado x ambiente construído**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- CAGLIARI, Arthur; NEGRÃO, Heloísa. Bebida de R\$ 3, Corote repagina marca e vira atração entre universitários. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 2 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/03/bebida-de-r-3-corote-repagina-marca-e-vira-atracao-entre-universitarios.shtml>
- CANANI, Aline Josiane Sapiezinskas Kras Borges. **Travessa dos Venezianos - Estudo Antropológico sobre os significados da casa tombada para seus moradores**. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**, v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, Renata (Org.). **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. Imagem e Ciências Sociais: trajetória de uma relação difícil. In: BARBOSA, Andréa et al. (Ed.). **Imagem-conhecimento**. Antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas: Papyrus, 2009.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

CISCATI, Márcia Regina. **Malandros da Terra do Trabalho**: Malandragem e Boemia na Cidade de São Paulo (1930-1950). São Paulo: Annablume, 2000.

CLIFFORD, James. **Itinerários Transculturales**. Barcelona: Gedisa, 1999.

COGO, Paulo Sérgio Fernandes. **A Olaria dos Narcisos**: um estudo sociológico da oferta e do consumo de lazer no Centro Comercial Nova Olaria de Porto Alegre. 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

CONCEIÇÃO, Thiago Pirajira. **Forjas pedagógicas**: rupturas e reinvenções nas corporeidades negras em um bloco de carnaval (Porto Alegre, Brasil). Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 84 p., 2019.

CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL, Frédéric. (Orgs.) **A rua**: espaço. tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

\_\_\_\_\_. **Um lugar na cidade**: cotidiano, memória e representação no bairro da Bica  
.Lisboa: Dom Quixote, 1997.

CÔRREA, Diogo Silva. Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa. **Política & Trabalho**. n. 40, p. 35-62, abril de 2014.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira, 1806 – 1889. **Antigualhas**: reminiscências de Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1996

DAMO, Arlei Sander. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Gênero**: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gêneros – NUTEG. Niterói: EdUFF, 2007. p. 135-150

DALLA CHIESA, Carolina. **A casa da cultura digital como uma tribo contemporânea**: etnografando formas de sociação. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 204 p., 2014

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1995

DIÓGENES, Glória. A arte de fazer Enxame: experiências de ressignificação juvenil na cidade. **Política & Sociedade**. p. 191-221, 2008.

\_\_\_\_\_. **Itinerários de Corpos Juvenis** – a festa, o jogo e o tatame. São Paulo: Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles. In: XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, Caxambu/MG, 1999. **Anais do XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 1999.

\_\_\_\_\_. Rebelia Urbana - Tramas de exclusão e violência juvenil.. In: HERSCHMANN, Micael (org.). **Abalando os anos 90** – funk e hip-hop. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DORNELLES, Renato. Crime em casa noturna de Porto Alegre provoca pânico e correria. **Diário Gaúcho** Porto Alegre. 5 jun. 2016. Polícia. Disponível em: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2016/06/crime-em-casa-noturna-de-porto-alegre-provoca-panico-e-correria-5847453.html>. Acesso: 5 abr. 2021

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

DUARTE, Ulisses. **O carnaval espetáculo no Sul do Brasil**: uma etnografia da cultura carnavalesca nas construções das identidades e nas transformações da festa em Porto Alegre e Uruguaiana. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento. *Hawò*, v. 1, p. 1-52, 15 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **Etnografia de rua**: estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013a

\_\_\_\_\_. **Antropologia da e na cidade**: interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013b

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. **Visões de Porto Alegre nas fotografias dos irmãos Ferrari (c.1888) e de Virgílio Calegari (c.1912)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

FAGGION, Carmen Maria et al. Ideologias no ato de nomear: a toponímia revelando mudanças nas relações de poder de uma comunidade. **Revista Entreletras**, v. 4, n. 2, p. 10-30, ago./dez. 2013

FAZZIONI, Natalia Helou. **A vista da rua**: etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ). 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012

\_\_\_\_\_. Através da rua: outros pontos de vista sobre a Lapa Carioca. In: ADELARDO, Guilherme; FRÚGOLI JR, Heitor SPAGGIARI, Enrico. **Práticas, conflitos, espaços**: pesquisas em Antropologia da Cidade. São Paulo: Gramma Editora, 2019, p. 97-120

FELIPE, Léo. **A fantástica fábrica**. Porto Alegre: Publicato, 2014.

FERLA, Marcelo. 10 anos de Beco 203: o que essa casa fez pela noite porto-alegrense? **GZH**. 21 nov. 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/11/10-anos-de-Beco-203-o-que-essa-casa-fez-pela-noite-porto-alegrense-4647831.html>

FERREIRA, Athos Damasceno. **Poemas de minha cidade**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

FIGUEIREDO, Marina Dantas. **O Muro Invisível: Cultura Organizacional e Representações Sociais no Centro Comercial Nova Olaria**. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FONSECA, Luciana Marson. **Dois rumos na noite de Porto Alegre – dinâmica socioespacial e lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares - Homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

FRÚGOLI JR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: aJorge Zahar Editores, 2007.

FRYDBERG, Marina Bay. Os processos de (re)tradicionalização e patrimonialização no carnaval dos blocos de rua no Rio de Janeiro. **pragMATIZES**. v 8, n. 14, p. 161-176, out/2017-mar/ 2018

\_\_\_\_\_. **Lupi, se acaso você chegasse: um estudo antropológico das narrativas sobre Lupicínio Rodrigues**. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GALLI, Laura Spritzer. **Um longo caminho até o Porto Seco: lutas e disputas por espaço no carnaval de Porto Alegre (1994-2004)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2019.

GARCIA, Angela Maria. **Maneiras de beber: sociabilidades e alteridades**. 2008. (Doutorado em Antropologia Social). – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2008.

GEERTZ, Clifford. 2014. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GERMANO, Íris. Carnavais de Porto Alegre, etnicidades e territorialidades negras no sul do Brasil. In: SILVA, Gilberto Ferreira da. SANTOS, José Antônio; CARNEIRO, Luis Carlos da Cunha. RS Negro. **Cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 100-119, 2008.

\_\_\_\_\_. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia:** os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 1940. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

GERMANO, Paulo. Por que bares e casas noturnas estão fechando as portas na Rua João Alfredo. **GZH**. 6 nov. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2019/09/por-que-bares-e-casas-noturnas-estao-fechando-as-portas-na-rua-joao-alfredo-ck06wxhtv09uy01qmxmfbn83v.html> Acesso em: 28 mar. 2021.

\_\_\_\_\_. Bar de Porto Alegre faz vaquinha para pagar multas da prefeitura que não existem. **GZH**. 20 mai. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2019/05/bar-de-porto-alegre-faz-vaquinha-para-pagar-multas-da-prefeitura-que-nao-existem-cjvx3af5c06b501per26r61th.html>. Acesso em: 02 abr. 2021

\_\_\_\_\_. As inesquecíveis noites no Bambu's, epicentro do underground nos anos 2000. **GZH**. 13 out. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2020/10/as-inesqueciveis-noites-no-bambu-s-epicentro-do-underground-nos-anos-2000-ckg8iqfjm0011012ttjdkavwi.html> Acesso em: 5 abr. 2021

GRAVANO, Ariel. **Antropología de lo barrial:** estudios sobre producción simbólica de la vida urbana. Buenos Aires: Espacio, 2003

GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz.** São Paulo : Companhia das Letras, 2018

GUTERRES, Liliane. “**Sou Imperador até morrer**”, **um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma Escola de Samba de Porto Alegre.** 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Cultura UFRJ, 2000.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida:** emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010: microdados da amostra. Rio de Janeiro, 2010.

JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar:** identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KRAWCZYK, Flávio; GERMANO, Iris; POSSAMAI, Zita. **Carnavais de Porto Alegre.** Cadernos do Museu I. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira. **RBCS**. vol. 17, n. 49, junho/2002, p.115-134

\_\_\_\_\_. **Contra-usos da cidade:** lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2ª ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Aracaju/SE: Editora UFS, 2007.

\_\_\_\_\_. Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 83. p. 35-54, dez. 2008

LEITÃO, Débora; GOMES, Laura. Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica**, v.1 n.42, p.41-65, 2017

LEWGOY, Bernardo. Os Cafés na Vida Urbana de Porto Alegre (1920-1940): As transformações em um Espaço de Sociabilidade Masculino. **Illuminuras**. v. 10, n. 24, 2009

LIMA, Daniel Vaz. et. al. Os seres da/na cidade: experiência vivida no vilarejo Passo dos Negros, Pelotas/RS. In: VI ReACT - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, 2017, São Paulo. **Anais da VI ReACT** - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia. Campinas: ReACT - Rede de Antropologia da Ciência e Tecnologia., v. 3. p. 12-33, 2017.

LUCKOW, Fabiene Behling. **Chanteuses e cabarés** – A performance musical como mediadora de gênero na Porto Alegre do início do século XX. 2011. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MAFFESOLI, Michel. (2004). **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica.

MAGALHÃES, Gutcha Ramil. “**Fica cada vez mais difícil manter a essência**” Reflexões sobre políticas sonoras e (re)existências do samba na Cidade Baixa, Porto Alegre/RS. 2016. (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A rua e a evolução da sociabilidade. Museu Paulista da Universidade de São Paulo, **Cadernos de História de São Paulo**, vol. 2, janeiro-dezembro 1993.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal**: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS. 165 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MARTINS, Altair. **Dicionário amoroso de Porto Alegre**. Porto Alegre: Casarão do verbo, 2013.

MATHIAS, Simone Fernandes. **Passo dos Negros**: Entre narrativas, etnografias e conflitos – Pelotas/ RS. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

MAZERON, Gaston Hasslocher. Reminiscências de Porto Alegre: a Cidade Baixa não existe mais. In: **Almanaque do Correio do Povo**, 1949, p. 156-158



MIZRAHI, Mylene. **A estética do funk carioca: criação e conectividade em Mr. Catra.** Rio de Janeiro : 7 Letras, 2014.

MITCHELL, Clyde. A questão da quantificação na Antropologia Social. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas.** São Paulo: Global, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade.** Porto Alegre: EDUPUCRS, 2006.

MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). **Simmel.** São Paulo: Ática. 1983

MENEGOTTO, Renato Gilberto Gama. **Cidade Baixa: um bairro que contém seu passado.** Porto Alegre: Ed. Marca Visual, 2020

NUNES, Marion Kruse. **Memória dos bairros - Restinga.** Porto Alegre/ SMC - Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos.** 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.

OLIVEN, Ruben George. Por uma Antropologia em Cidades Brasileiras. In: VELHO, Gilberto (Coord.). **O Desafio da Cidade: Novas perspectivas da Antropologia Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1980

\_\_\_\_\_. **A antropologia de grupos urbanos.** 6ª ed. Petrópolis/RJ : Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Urbanização e Mudança Social no Brasil.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1989

PEIRANO, Mariza. **A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil.** Série Antropologia (255). Brasília: Universidade de Brasília, 1999

\_\_\_\_\_. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

PEDROSO, Lucio Fernandes. **História de um Bom Fim** – boemia e transgressão de um bairro maldito. Porto Alegre, Edição do autor, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy **Memória Porto Alegre** – espaços e vivências. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

\_\_\_\_\_. **Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PRETI, Dino. Transformações do fenômeno sociolinguístico da gíria. **Rev. ANPOLL,** n. 9, p. 213-226, jul./dez. 2000

POHLA, Suzana Gomez. **Análise da cobertura do jornal Zero Hora sobre o atropelamento do grupo Massa Crítica.** 2011. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação

Social - Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PORTO ALEGRE. Lei complementar nº646, de 22 de julho 2010. **Altera e inclui dispositivos, figuras e anexos na Lei Complementar nº 434, de 1º de dezembro de 1999 – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Porto Alegre (PDDUA)** –, e alterações posteriores, e dá outras providências. Disponível em: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoaspm/usu\\_doc/lc\\_646\\_-\\_8\\_de\\_outubro.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoaspm/usu_doc/lc_646_-_8_de_outubro.pdf)

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.112, de 22 de agosto de 2016. **Cria, extingue, denomina e delimita os bairros que integram o território do Município de Porto Alegre.** Disponível em: <http://leismunicipa.is/fejvl>

\_\_\_\_\_. Decreto nº 19.962, de 3 de abril de 2018. **Estabelece o horário de funcionamento das atividades de bar, café, lancheria, loja de bebidas, minimercado e ambulantes no Bairro Cidade Baixa e dá outras providências. Revoga o Decreto 17.902 de 7 de agosto de 2012.** Disponível em: <http://leismunicipa.is/urjlv>

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

QUINTANA, Mario. **Mario Quintana.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

REIS, Vanessi. Urbanidade no espaço privado: bares e espaços congêneres como lugares de “convivialidades”. In: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2014. **Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, p.1-18, 2014.

\_\_\_\_\_. **Da baixa boemia à baixa cidade:** limites do bairro Cidade Baixa no imaginário urbano de Porto Alegre. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil (1500-1720).** São Paulo: Pioneira, 1968

RIO, João do. **A alma encantada das ruas.** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

RISKALLA, Vinicius. **Manipulação e resistência:** o caso do Bloco da Laje no carnaval de rua de Porto Alegre. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Bonfim: feições de uma cidade no plural...ou o lugar da desordem. **Illuminuras**, Porto Alegre, v.3, n.5, p. 2-15, 2002.

RODRIGUES, Lupicínio. **Foi Assim:** O cronista Lupicínio conta as histórias das suas músicas. Porto Alegre: L&PM, 1995.

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Quando Vargas caiu no samba:** um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. 2008, 227

f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2008

\_\_\_\_\_. **Além da invisibilidade:** história social do racismo em Porto Alegre no pós-abolição (1884-1918). Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 332 p., 2014

RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia.** Porto Alegre: Prefeitura de Porto Alegre, 1971.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre:** Crônicas da Minha Cidade. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SILVA, Hélio R. S. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009

SILVA, Michelle Nascimento da. **Percepção de valor dos usuários sobre o território:** estudo de caso no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre – RS. 2014. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVEIRA, Melina Monks da et. al. Cidade-conceito e cidade-vivida: cartografia das dinâmicas e temporalidades das dinâmicas no Passo dos Negros em Pelotas/RS: In: Encontro Internacional Cidade, Contemporaneidade e Morfologia Urbana, 2018, Pelotas. **Anais do Encontro Internacional Cidade, Contemporaneidade e Morfologia Urbana. Pelotas:** Universidade Federal de Pelotas, 2018

\_\_\_\_\_. SILVEIRA, Melina Monks da et. al. Cidade em Disputa: Narrativas do Passo dos Negros em Pelotas, RS. **Iuminuras,** v. 21, p. 444-449, 2020.

SILVEIRA, Melina Monks da. **Territorialidades em disputa:** normativas e narrativas do Passo dos Negros em Pelotas/RS. Orientadora: Louise Prado Alfonso. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. A poética do vivido: uma etnografia do cotidiano na Cidade Baixa – POA/RS. In: ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia de rua:** estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013, p.

SEVAIO, Joanna Munhoz; ALFONSO, Louise. Prado. Construção Dialógica De Conhecimento: O Caso Do Passo Dos Negros. In: III Congresso de Ensino de Graduação, da III Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão, 2017, Pelotas. **Anais do III Congresso de Ensino de Graduação, da III Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão.** Pelotas: U

\_\_\_\_\_. Cidade e suas margens: teoria e prática para outra educação possível. In: IV Congresso de Ensino de Graduação e 4ª SIIPE ? Semana Integrada de Inovação, Ensino,

Pesquisa e Extensão, 2018, Pelotas. **Anais do IV Congresso de Ensino de Graduação**. Pelotas: UFPEL, 2018.

SEVAIO, Joanna Munhoz Sevaio; SOTO, William Héctor Gómez. O samba no Mercado Público de Pelotas como elemento de direito à cidade. **Revista Seminário de História da Arte**. v. 1, nº7, 2018.

SAPIEZINSKAS, A. **Travessa dos Venezianos**: um estudo antropológico sobre os significados da casa tombada para os seus moradores. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SOUZA, Célia Ferraz de. **Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre**: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

SOUZA, Anita Silva de. **Projeto Renascença**: um caso de gentrificação em Porto Alegre na década de 1970. 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOUZA, Vitória Gonzatti de. **Evolução dos Planos Diretores de Porto Alegre**: atores na fase de formulação. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Políticas Públicas) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017

SILVA, Josiane A. da. **Bambas da Orgia**: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

TEIXEIRA, Paulo. O pé-sujo mais alternativo da cidade. **Rua da Margem**. 2018. Disponível em: <https://www.ruadamargem.com/lugares/2018/4/24/bambus-bar-alternativo-porto-alegre>. Acesso em: 6 abr. 2021

\_\_\_\_\_. CB de bar em bar. **Rua da Margem**. 2020. Disponível em: <https://www.ruadamargem.com/cultura/cb-de-bar-em-bar-boemia-cidade-baixa-porto-alegre>. Acesso em: 6 abr. 2021

TELES, Fídias. **Os malabaristas da vida**: um estudo antropológico da boemia. Passo Fundo/RS: Editora Berthier, 2000.

TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora AGE, 2001.

TORRES, Eduardo. Em dois meses, quatro pessoas já foram assassinadas nos inferninhos do Centro de Porto Alegre. **Diário Gaúcho**. 17. fev. 2014. Disponível em: <http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2014/02/em-dois-meses-quatro-pessoas-ja-foram-assassinadas-nos-inferninhos-do-centro-de-porto-alegre-4421836.html> Acesso em: 5 abr. 2021

TROTTA, F, C; OLIVEIRA, L, X. O subúrbio feliz do pagode carioca. **Intercom** – RBCC, São Paulo, v.38, n.2, jul./dez. 2015, p. 99-118.

TRUDA, Felipe; VASCONCELLOS, Hygino. MP ajuíza ação para reduzir horário de 'inferninhos' de Porto Alegre. **G1**. 18 jul. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio->

grande-do-sul/noticia/2016/07/mp-ajuiza-acao-para-reduzir-horario-de-infernhos-de-porto-alegre.html. Acesso em: 5 abr. 2021

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VARGAS, Bruna. Ossip Bar muda de nome e de proprietários depois de 21 anos. **GZH**. 27. nov. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/11/icone-cult-da-cidade-baixa-ossip-bar-muda-de-nome-e-de-proprietarios-depois-de-21-anos-ck3hpd7rw00ev01l13w66k523.html> Acesso em: 6 abr. 2021

\_\_\_\_\_. "Tragédia anunciada": triplo homicídio retoma debate sobre solução para a João Alfredo. **GZH**. 28 jan. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/01/tragedia-anunciada-triplo-homicidio-retoma-debate-sobre-solucao-para-a-joao-alfredo-cjrgstiqk015701q9p0f3xt0l.html> Acesso em: 28 mar. 2021

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973

\_\_\_\_\_. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_. **Nobres e Anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998

VERNIERI, Susana. **O Mapa da República**. Porto Alegre: Libretos, 2019.

VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre (1800-1970)**: Geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

VIESSERI, Bruna. Aglomerações nas ruas são dispersadas na madrugada deste domingo na Capital. **GZH**. 14 fev. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2021/02/aglomeracoes-nas-ruas-sao-dispersadas-na-madrugada-deste-domingo-na-capital-ckl53z3h80006017w20l6i7py>. Acesso em 28 mar. 2021

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2012.

WEBINÁRIO – ENTRE O PUNK E O FUNK: circuitos musicais, juventudes e cidades.2021. 1 vídeo (157 min). Publicado pelo canal LabNAU-USP. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GhfFnevvEnI&t=10s>. Acesso em: 24 mar. 2021

WEBER, Jéssica Renata; MONTEIRO, Marcelo. Boemia na Cidade Baixa: o que dizem os frequentadores da Rua João Alfredo. **GZH**. 4 ago. 2017. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2017/08/boemia-na-cidade-baixa-o-que-dizem-os-frequentadores-da-rua-joao-alfredo-9860376.html>. Acesso em: 18 mar. 2021

WEBER, Jéssica Renata. Bar que viu surgirem bandas de rock como Cachorro Grande, Bambu's fecha depois de 44 anos. **GZH**. 13 out. 2010. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/10/bar-que-viu-surgirem-bandas-de-rock-como-cachorro-grande-bambu-s-fecha-depois-de-44-anos-ckg8b3iid0030012t01h3f9th.html>. Acesso em: 5 abr. 2021

FOOT WHYTE, William. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

MOURA, Eduardo. "É us guri": amizade fora de campo favorece jovens do Grêmio a consolidar evolução em 2019. **Globo Esporte**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/e-us-guri-amizade-fora-de-campo-favorece-jovens-do-gremio-a-consolidar-evolucao-em-2019.ghtml> . Acesso em: 30 mar. 2021